

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

BRUNA DE SOUSA PEDROSA PAES

PRAIAS DO CAPIBARIBE:
Uma experiência artística de ativação do espaço público

Recife
2020

BRUNA DE SOUSA PEDROSA PAES

PRAIAS DO CAPIBARIBE:

Uma experiência artística de ativação do espaço público

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Artes Visuais.

Área de concentração: Processos criativos em Artes Visuais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

P126p Paes, Bruna de Sousa Pedrosa
Praias do Capibaribe: uma experiência artística de ativação do espaço público / Bruna de Sousa Pedrosa Paes. – Recife, 2020.
174f.: il.

Sob orientação de Maria das Vitórias Negreiros do Amaral.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2020.

Inclui referências, apêndices e anexo.

1. Coletivo. 2. Direito à cidade. 3. Espaço público. 4. Educação não-formal. 5. Rio Capibaribe. I. Amaral, Maria das Vitórias Negreiros do (Orientação). II. Título.

700 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-16)

BRUNA DE SOUSA PEDROSA PAES

PRAIAS DO CAPIBARIBE:

Uma experiência artística de ativação do espaço público

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Artes Visuais.

Área de concentração: Processos criativos em Artes Visuais

Aprovada em: 28/02/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Renata Wilner (Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Ludmila da Silva Ribeiro de Britto (Examinadora externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a M.A. (Gil Vicente Vasconcelos de Oliveira).

AGRADECIMENTOS

À Oxum e à Iemanjá, nossas mães das águas, sem as quais a vida não seria possível neste planeta. À Nanã, que nos modelou com sua lama. A Oxalá, quem guia. A Exu, abridor de caminhos. À mãe-África e a todos os meus ancestrais.

Ao Baobá, árvore da vida.

Ao meu filho Benício, por renovar o sentido da vida e me dar razões diárias para seguir acreditando e buscando fazer do mundo, da cidade em que moramos e da nossa casa, lugares melhores e mais humanos para se viver.

À minha mãe, pai e irmãs, por serem minha base e apoio incondicional às minhas escolhas.

Aos amigos, em especial àqueles que são minha rede de apoio diária, Rodrigo, Bárbara, Fábio, Cila, Marina e Jáder.

À cidade do Recife e ao Rio Capibaribe por serem porto seguro, onde mantenho minhas raízes aéreas fincadas e por servirem de inspiração para esse trabalho e para a vida.

A Julien Ineichen, Alice Chitunda e ao projeto “Eu Quero Nadar no Capibaribe e você?”, sem os quais o rio Capibaribe não teria se transformado em Praia.

A Rômulo Nascimento, Carol Corrêa, Márcio Erlich, Juliana Rabello, Bernardo Teshima, Zaca Arruda, André Moraes, Luciana Carvalho, Mariana Longman, Lara Holanda, Rodrigo Cavalcanti, Kamilla de Souza e todos os integrantes do núcleo duro do coletivo, com quem partilhamos mais de perto as angústias e alegrias de fazer esse trabalho.

Ao núcleo flutuante e todos os colaboradores e parceiros sem os quais as ações não seriam possíveis: Bárbara Collier, Elaine Bione, Louis Mejean, Manon Fantine, Pierre Caulderay, Leópolo Banchini, Pauline Villemagne, Gustavo Rocha, Gustavo Vilar, Amanda Menelau, Bruno Nascimento, Bruno Firmino, Carlos Filho, PC Silva, Rejane Strieder, Cia. Bella Maia de dança, Adriano, Carolina Drahomiro, Jéssica Lima, Alice Nóbrega, Diego Bis, Karinne Leal, Fernanda Regaldo, Ivan Moraes, Marcelo Pedroso, Isabelle Rufino, Ariane Aléxio, Lucas, Vanessa Lins, Ana Perreli, Mônica Uchôa, Maduca, Rinaildes, Betânia, Edmundo, Silvana Meireles, Moacir dos Anjos, Circe Monteiro, João Lucas, Rachel Schein, Máira Erlich, Laura Sobral, Barão Di Sarno, Conrado De Biasi, Katia Mine, Heloísa Sobral, Nano Gontarski, Raphael Franco, Reni Lima, Laura Tamiana, Helder Vasconcelos, Nestor Mádenes, Lucídio Leão, Amanda Florêncio, Adriana Xuxu, todos os integrantes do Movimento Ocupe Estelita, alunos de arquitetura da UNICAP, Ana Paula Tósca, Danilo Bueno, Peu Paes, Jaison Lara, Jonaya de Castro, Michael Phillips, Rafael cruz, Vi Brasil, Wellington Neri, Dilma

Fernandes, Bandavouu, Banda Seu Rocha, Banda Hey Ho Charlotte!, Rico Show, Piseagrama, Cia. Bella Maia de dança, Rios e Ruas, Bijari, Céu e Terra, Imagina.vc, Imargem, Casa Ecoativa, Vila Itororó, Boi Marinho, MUDA práticas culturais e educativas, Aurora Eco Fashion, Museu Murillo La Greca – Prefeitura da Cidade do Recife, a Fundação Joaquim Nabuco – Ministério da Educação - Governo Federal, ao Inciti, ao Parque Capibaribe, a Casa da Ribeira, ao Itaú, a Fundação Nacional de Artes – Ministério da Cultura, Galeria Mau Mau e todos os parceiros institucionais e funcionários envolvidos no processo de cada ação

À Dona Damiana (Vó), Doutor, Gustavo, Marcela, Maria, Danilo, Rildo (...) e todos os moradores das comunidades da Vila Vintém, do Coque e da Vila Santa Luzia, por abrirem suas casas e braços, nos acolhendo, trabalhando e acreditando junto com a gente no poder de transformação do trabalho coletivo e da ativação de espaços públicos para alcançarmos cidades mais humanas.

Aos 4.673 seguidores das redes sociais do coletivo e todo o público frequentador das mais de trinta ações empreendidas, em especial as noventa e sete pessoas que se dispuseram a responder ao formulário de pesquisa tão importante para esse mapeamento.

À Vitória Amaral, por escolher compartilhar esse percurso comigo e por me apresentar a Teoria do Imaginário.

À Ludmila Britto, pela amizade e apoio incondicionais de sempre e pelas valiosas contribuições desde o primeiro instante em que decidi encarar o desafio deste mestrado.

À Renata Wilner por se dispor a integrar às bancas de qualificação e defesa deste trabalho e pelas também valiosas contribuições.

Aos colegas do Programa, em especial Renata Caldas, Élide Nascimento, Luisa Paiva, Mitsy Queiroz e Carolina Salvi.

À CAPES pelo auxílio financeiro para a realização dessa pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação propõe uma investigação das ações de intervenção urbana produzidas pelo coletivo *Praias do Capibaribe*, entre os anos de 2011 e 2015, na cidade do Recife, buscando perceber quais as possíveis contribuições sociais, políticas, culturais e afetivas essas ações trouxeram a cidade e os seus cidadãos. Tais intervenções tiveram como palco e eixo estruturante, os espaços públicos urbanos localizados as margens do Rio Capibaribe, como também, usando o próprio rio como espaço público. A proposta do coletivo pretendia unir Água, Espaço Público e Pessoas. Por esse motivo construímos essa pesquisa a partir desse tripé. Outros importantes conceitos para refletirmos sobre essas ações foram trazidos, tais como: direito à cidade, educação não-formal, gambiarra entre outros. Além disso, a pesquisa traz imagens poéticas surgidas no encontro entre seu objeto e a teoria do imaginário de Gibert Durand.

Palavras chaves: Coletivo; Direito à cidade; Espaço público; Educação não-formal.

ABSTRACT

This dissertation proposes an investigation of the actions of urban intervention made by the collective Praias do Capibaribe, between the years of 2011 and 2015, in Recife, aiming to behold the possible impact that might have brought to the city and its citizens. Such interventions had as structural axis the urban public spaces located by the margins of the Capibaribe river, as well as the river itself as a public space. The collective's proposition intended to unite Water, Public Spaces and People. By these means, we have built a research from this tripod. Other important concepts to reflect upon these actions were brought, such as: the right to the city, non-formal education, gambiarra, among others. Furthermore, the research brings poetic images emerged from the encounter between its object and Gilbert Durand's theory of the imaginary.

Keywords: Collective; Right to the city; Public space; Non-formal education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Logotipo Praias do Capibaribe	16
Figura 2 -	Elementos conceituais Praias do Capibaribe	16
Figura 3 -	Bacia do Rio Capibaribe, 2013	27
Figura 4 -	Vista aérea do Rio Capibaribe e cidade do Recife, 2013	28
Figura 5 -	Autoretrato, Bruna Pedrosa, 2016	31
Figura 6 -	Logomarca /propaganda EQNC, 2008	34
Figura 7 -	Mapa conceitual do CPC	39
Figura 8 -	Rádio Praia, 2012	40
Figura 9 -	Bar da Praia, 2014	41
Figura 10 -	Praia, 2012	42
Figura 11 -	Cartaz: Como fazer ocupações regulares no espaço público com base na gambiarra?, 2014	45
Figura 12 -	Piscina. Virada Maker, 2017	47
Figura 13 -	Passeio de barco, 2014	47
Figura 14 -	Apresentação musical, 2012	48
Figura 15 -	Oficina de pintura, 2012	49
Figura 16 -	OPAVIVARÁ! Cangaço, 2013	52
Figura 17 -	OPAVIVARÁ! Cadeiras triplas, 2013.	53
Figura 18 -	Troça Empatando a tua vista, 2015	56
Figura 19 -	Movimento Ocupe Estelita, 2015	57
Figura 20 -	Mapa conceitual, 2020 de André Moraes	60
Figura 21 -	Gráfico da resposta da pergunta nº7 do formulário Google de pesquisa	63
Figura 22 -	Convite virtual Praia do La Greca, 2011	64
Figura 23 -	Margem do Rio Capibaribe/ Praia do La Greca, 2015	66
Figura 24 -	Apresentação da dança Salve a Mãe Natureza, pelos meninos da comunidade Vila Vintém, 2012	68
Figura 25 -	Ingresso para mergulho no Capibaribe através da bolha, 2012	69
Figura 26 -	Brainstorm Praia do Estelita, 2014 com desenho de André Moraes	70
Figura 27 -	Praia do Estelita, 2013	73
Figura 28 -	Praia do Estelita, 2013	73
Figura 29 -	Espelhos, 2014 em Praia do Estelita	74

Figura 30 -	Balanço, 2014 em Praia do Estelita	74
Figura 31 -	Recados ao Capibaribe, 2014 em Praia do Estelita	74
Figura 32 -	Chamada workshop Praias do Capibaribe	75
Figura 33 -	Alimento, 2014 em Praia do Derby	77
Figura 34 -	Bar, 2014 em Praia do Derby	78
Figura 35 -	Piscina com borda infinita, 2014	81
Figura 36 -	Pier, 2014	81
Figura 37 -	Palco, 2014.	82
Figura 38 -	Estrutura de sombra e descanso (redário), 2014	82
Figura 39 -	Cozinha móvel, 2014	83
Figura 40 -	Piscina flutuante, 2014	83
Figura 41 -	Praia do Derby, 2014 com foto de Pierre Cauderay	84
Figura 42 -	Coletivo Praias do Capibaribe, 2014	86
Figura 43 -	Convite Praia de Santa Luzia, 2015	86
Figura 44 -	Ponte, 2015 com foto de Silvio Melo Junior	89
Figura 45 -	Coleta de lixo, 2015	90
Figura 46 -	Capivaras = última formação do núcleo duro (Zaca, Luciana, Rodrigo, Bruna, Benício e Bernardo, faltando Rômulo), 2016	96
Figura 47 -	Capivaras e Baronesas, Praia do Derby, 2014	97
Figura 48 -	Público espontâneo, 2012	97
Figura 49 -	Gráfico - pesquisa, 2019	98
Figura 50 -	Gráfico núcleos, 2019	98
Figura 51 -	Imagem da página do Facebook, 2019	99
Figura 52 -	Imagem da página do Facebook, 2019	100
Figura 53 -	Gráfico idade: pesquisa, 2019	101
Figura 54 -	Gráfico escolaridade: pesquisa, 2019	101
Figura 55 -	Gráfico participação: pesquisa, 2019	103
Figura 56 -	Gráfico forma de participação: pesquisa, 2019	103
Figura 57 -	Gráfico de natureza das ações: pesquisa, 2019	104
Figura 58 -	Gráfico ferramentas: pesquisa, 2019	105
Figura 59 -	Gráfico motivações: pesquisa, 2019	105
Figura 60 -	Reconciliação, 2018 (Bruna Pedrosa, Galeria Capibaribe)	110
Figura 61 -	Identidade visual Capibaribe Reverso, 2020	112

LISTA DE SIGLAS

CAC	Centro de Artes e Comunicação
CPC	Coletivo Praias do Capibaribe
ECA	Escola de Comunicação e Artes
EQNC	Eu quero nadar no Capibaribe. E você?
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
FUNCULTURA	Fundo Estadual de Cultura do Estado de Pernambuco
FUNDAJ	Fundação Joaquim Nabuco
FUNDARPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
GIA	Grupo de Intervenção Ambiental
GSA	General Services Administration
IAB	Instituto de Arquitetos do Brasil
INCITI	Pesquisa e Inovação para as Cidades
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos e Assexuais
LOA	Lei Orçamentária Anual
MMLG	Museu Murillo La Greca
MAMAM	Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães
MOE	Movimento Ocupe Estelita
MoMA	Museu de Arte Moderna de Nova York
NEA	National Endowment for the Arts
PCR	Prefeitura da Cidade do Recife
PT	Partido dos Trabalhadores
PSB	Partido Socialista Brasileiro
RFFSA	Rede Ferroviária Federal
TVU	TV Universitária

UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
USP	Universidade de São Paulo
ZEIS	Zona Especial de Interesse Social

SUMÁRIO

1	ESPRAIAR-SE	14
2	ÁGUA	23
2.1	Nascente	23
2.2	Da minha relação com a cidade e com o Rio	30
2.3	Eu quero nadar no Capibaribe, e você?	34
2.4	Praias do Capibaribe: projeto, evento, movimento ou coletivo?	35
2.5	Com quantos guarda sóis se faz uma praia?	38
3	ESPAÇO PÚBLICO	54
3.1	Recife e seus Espaços Públicos	54
3.2	Litoral ou quando o rio virou Praia	60
3.2.1	Praia do La Greca	64
3.2.2	Praia do Derby	70
3.2.3	Praia do Estelita	75
3.2.4	Praia de Santa Luzia	86
4	PESSOAS	93
4.1	Capivaras e Baronesas	93
4.2	O encontro das águas: relato pessoal	106
4.3	Capibaribe Reverso: o dia em que o rio virou [A]MAR	112
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	115
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	118
	APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	134
	APÊNDICE C - MATERIAIS	156
	ANEXO A – CLIPAGEM	169

1 ESPRAIAR-SE

“Que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar”. (SARAMAGO, 2009, p.19).

Espraiar-se: era essa a proposta do *Praias do Capibaribe*, estender-se pelas margens do rio Capibaribe. E foi o que os seus integrantes fizeram nesses lugares/trechos do rio por onde passaram. Coincidiram com eles, viveram intensas experiências de trocas. Passaram como passam as águas do rio, sem retorno, sendo um novo rio a cada vez, sendo novas pessoas a cada encontro. Transformaram o lugar? Vejamos... Foram transformados por ele? Certamente.

A presente pesquisa, intitulada *Praias do Capibaribe: uma experiência artística de ativação do espaço público* está voltada para as ações ético-políticas de intervenção social, neste caso, realizadas de forma colaborativa, no espaço público da cidade do Recife, pelo coletivo *Praias do Capibaribe*. Por entender ainda que arte e vida estão intrinsecamente ligadas e perceber essa tessitura invisível que costura e perpassa quem somos individualmente, quem nos tornamos coletivamente e o que fazemos, narrativas pessoais, percebidas como relevantes durante a pesquisa, serão também apresentadas. Iremos abordar, portanto, ao longo da nossa dissertação, conceitos substanciais tais como *espaço público, arte e ativismo e coletivo*.

O coletivo *Praias do Capibaribe* nasceu em junho de 2011, de um encontro casual em uma mesa do bar Central (Recife-PE), no aniversário de um amigo em comum de Julien Ineichen, de Alice Chitunda e meu. Eu havia retornado à cidade há alguns dias apenas, após cinco anos vivendo na cidade de São Paulo, para assumir a gestão do Museu Murillo La Greca¹, tratado também pela sigla MMLG, que está localizado em frente à margem do rio Capibaribe, no bairro de Parnamirim. Julien usava uma camisa com a frase estampada: *Eu quero nadar no Capibaribe e você?* ao que prontamente respondi: - Também quero, como faz? Então descobri que o EQNC, sigla que usaremos a partir de agora para falar do projeto *Eu quero nadar no Capibaribe. E você?* “é a expressão de um desejo, um sonho, mas também um projeto, que utiliza ferramentas audiovisuais como meio de promover reflexões sobre as práticas do dia-a-

¹O Museu Municipal Murillo La Greca foi inaugurado em 12 de dezembro de 1985, quando o pintor decidiu doar todo o seu acervo pessoal à Prefeitura do Recife. Comporta um acervo de 1.400 desenhos, com técnicas de fusain, crayon, pastel e sanguínea, discos, livros, mobiliários e cartas trocadas entre o pintor com Portinari e Giacometti. Há também 160 pinturas, entre paisagens, cenas históricas e retratos. A casa possui três salas destinadas ao espaço expositivo. A Sala Principal, a sala secundária e a sala Silvia Decussati (homenagem à esposa de La Greca).

dia e o meio ambiente”²e que haviam acabado de gravar a segunda temporada de pequenos vídeos com duração de 3 minutos cada, chamados *Cápsulas Verdes*. A pesquisa consistia em buscar atores reais que simbolizassem a mudança necessária para a realização do sonho que o título do projeto propunha. Pessoas que tivessem atitudes proativas em relação ao meio ambiente no seu cotidiano, publicizando tais iniciativas no intuito de multiplicá-las. Identifiquei-me de imediato com o projeto e logo visualizei uma parceria, uma vez que o MMLG possuía um jardim maravilhoso voltado para o rio, onde havia um grande *outdoor* e a possibilidade do seu uso para esse fim, de projetar produções audiovisuais, já estava prevista na minha gestão.

Essa troca de ideias catalisou o início do evento que aconteceu cerca de um mês depois, com o nome de *Praia do La Greca* (precisamente em 10 de julho de 2011). Pensamos no uso que o rio tinha até pouco tempo atrás, no século XX, geração dos nossos avós, onde ele era usado mesmo como praia, para encontros das famílias e amigos nos finais de semana, piqueniques nas margens, banhos de rio, passeios de barco etc.

Assim, com essa fonte de inspiração, planejamos e realizamos conjuntamente com diversos outros atores, essa primeira ocupação da margem localizada em frente ao museu, com a projeção da segunda temporada das *Cápsulas Verdes*. Esse seria um evento único, mas ficamos muito entusiasmados com o resultado e quisemos repetir e aprimorar a experiência, fosse na margem que estava em frente ao La Greca, fosse em outros pontos da margem.

Quando as primeiras ações aconteceram, ainda não nos denominávamos um coletivo de arte (conceito que iremos desenvolver mais adiante). Se tratava de uma parceria institucional entre o MMLG e a Tilovita Produções, produtora do EQNC. Por muito tempo, não havia uma distinção clara entre o que era e quem eram as pessoas que faziam parte do coletivo e do projeto EQNC. Era como se um fosse a extensão do outro. A experiência nos levou a muitos encontros, em que, com a chegada também de novos integrantes e a necessidade de atuar com liberdade em outros campos, fora da instância institucional, auto-intitulamo-nos, enfim, um coletivo artístico e certamente também ativista. Assim passamos a nos chamar de coletivo *Praias do Capibaribe* e as pessoas passaram a se referir a gente como “a galera do *Praias*”. Integraram o *Praias*, profissionais de vários segmentos como: arquitetura, design, comunicação, artes visuais e teatro. Trabalhando de forma voluntária, promovendo intervenções urbanas efêmeras, unindo três elementos principais: pessoas, água e espaço público. Desses três elementos, foi criada por André Moraes (arquiteto e urbanista, integrante do coletivo), em fevereiro de 2014, a marca do

² Disponível em: <http://capibaribe.info/sobre/>

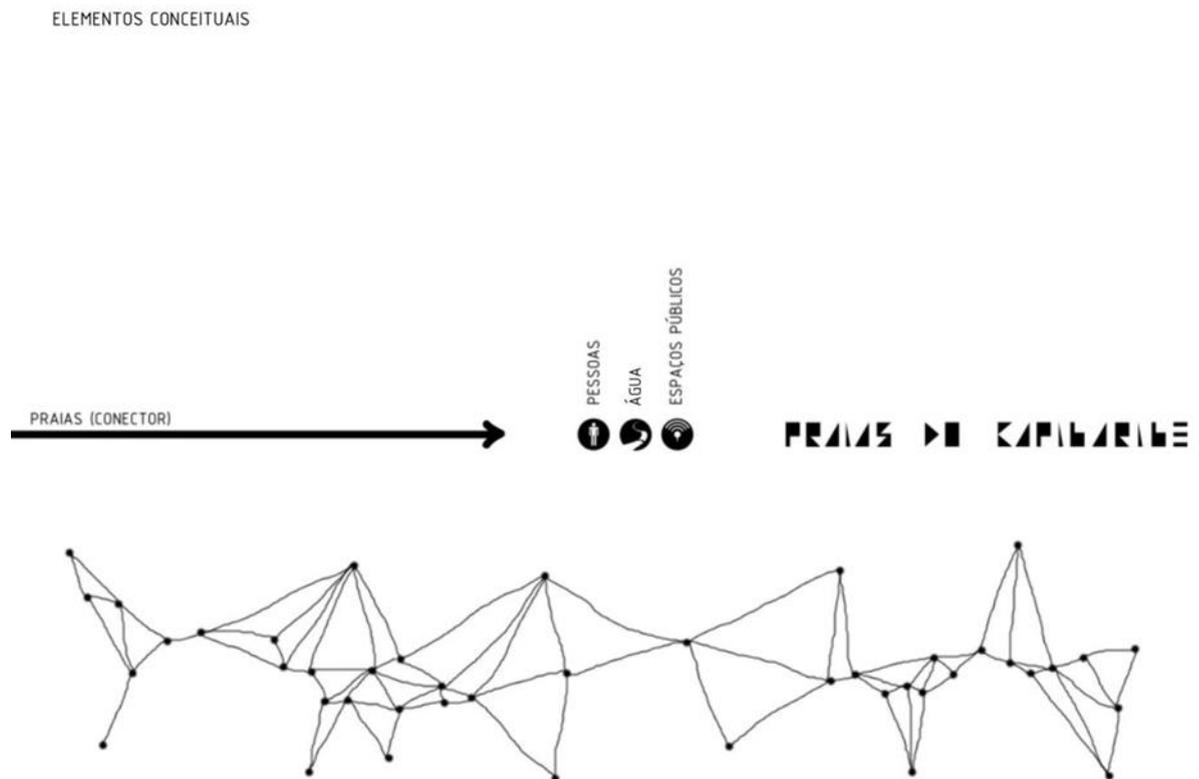
coletivo, pois eles são a síntese de tudo o que suas ações englobam. Cada ponto representava um elemento:

Figura 1 - Logotipo Praias do Capibaribe



Fonte: André Moraes, 2014.

Figura 2 - Elementos conceituais Praias do Capibaribe



Fonte: André Moraes, 2014.

O intuito era a prática artística, lúdica e educativa que propunha a promoção do convívio das pessoas entre si e com o rio Capibaribe, gerando novas e possíveis sociabilidades.

Foram realizadas cerca de quarenta ações, no período de julho de 2011 a janeiro de 2018, das quais, cerca de trinta ocorreram em diversos pontos das margens do rio dentro da capital recifense (Parnamirim, Santa Luzia, Derby, Coque, Aurora, Cais José Estelita e Poço da Panela), e incluíram a discussão e prática de conceitos como *educação ambiental*, *prototipagem de mobiliário urbano*, *urbanismo tático*, *movimento maker*, entre outros.

Com o tempo, percebemos que a discussão em torno da problemática dos rios urbanos não era apenas local, mas global e que assim como nós no Recife, havia grupos, não necessariamente intitulados como coletivos de arte, promovendo atividades em torno dessa discussão em outras cidades do país e do mundo, o que fez com que as ações do *Praias do Capibaribe* levassem seus integrantes ao encontro de algumas dessas pessoas e lugares. Assim, aconteceram ações também em margens de alguns outros rios fora do estado de Pernambuco (Rio Potengi e Praia da Redinha, em Natal – RN, Represa Billings e Rio Pinheiros, em São Paulo – SP, Rio do Onça, em Belo Horizonte – MG) e mesmo fora do país, como na cidade de Quito - Equador. Além disso, houve o intercâmbio de integrantes de coletivos da Suíça, Espanha, França e Estados Unidos que atuaram no Recife em algumas das intervenções. O “*Praias do Capibaribe*” também foi mapeado por diversos pesquisadores, como o curador Pedro Gadanho que inseriu o grupo na exposição e publicação: *Tactical Urbanisms for Expanding Mega Cities*, exibida e publicada respectivamente pelo MoMA³, em NY.

O fascínio pelos temas abordados, dentro da arte/educação contemporânea, tais como: educação não-formal, arte colaborativa, coletivos, ativismo, arte política, arte pública, arte relacional, cidade, memória, entre outros, aconteceu durante o curso de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, no início dos anos 2000. O aprendizado de alguns desses conceitos, juntamente com a micropolítica da vida universitária, participando ativamente do movimento estudantil e seus desdobramentos, formaram a base necessária para o despertar, mais adiante, de uma prática artística coletiva, fosse no ambiente institucional como produtora, gestora, educadora, pesquisadora, fosse fora dele, como artista, ativista, cidadã.

Sendo assim, venho me dedicando nos últimos quinze anos, desde a conclusão da graduação em 2004 a criar e desenvolver projetos: artísticos, expositivos, curatoriais e

³Criado em 1929, com o apoio da família Rockefeller, dirigido inicialmente pelo historiador de arte Alfred Baar, o Museu de Arte Moderna de Nova York ocupa, desde então, uma posição de destaque. (FREIRE, 1999, p.43) Como aponta Cristina Freire, com a mudança do eixo cultural da Europa para os EUA depois da II Guerra Mundial, o sistema de valores e representações nos quais a grande maioria dos museus do mundo se assentam, tem como um dos narradores oficiais o MoMA. Tal instituição se apresenta, então, como uma referência importante das linguagens moderna e contemporânea entre as instituições museais.

educativos dentro de instituições públicas e privadas e também de forma independente. Em 2006, me mudei para São Paulo, onde permaneci até maio de 2011, praticando pela primeira vez um exercício de distanciamento da minha cidade, conseguindo então percebê-la a partir de um ângulo diverso do que possuía anteriormente. Em junho de 2011, quando do meu regresso, muitas novidades e mudanças aconteceram na minha vida. Primeiro, tive a oportunidade de experienciar um cargo de gestão em uma instituição pública municipal: o Museu Murillo La Greca, como diretora, onde fiquei até o início de 2013. De lá saí para um novo cargo de gestão, dessa vez em uma instituição pública federal, a Fundação Joaquim Nabuco, como coordenadora de Artes Visuais, onde atuei por três anos e meio, até agosto de 2016. Ainda em 2011, participei da criação do *Praias do Capibaribe*, onde atuei ativamente até janeiro de 2018. Em 2016, me tornei mãe e sofri um afastamento involuntário da carreira profissional, culminando em 2017 nesse projeto acadêmico. Nele me coloco em um fluxo de deslocamentos de lugares, ora de artista e ativista, ora de público participante, ora de pesquisadora. Afinal, não somos uma coisa só, mas acionamos os *devires*⁴ constantemente, a partir dos nossos movimentos, necessidades, oportunidades etc.

Anseio que o resultado dessa pesquisa possa somar-se a uma vasta e rica produção que tem sido realizada no PPGAV/UFPE/UEPB e na linha de pesquisa em arte/educação que aborda essa temática, produzindo memória e reflexão de importantes iniciativas que tem a cidade do Recife, no campo das Artes Visuais, como *locus*. Tomando como estudo de caso as ações do coletivo *Praias do Capibaribe* no Recife, nos últimos anos, pretendo enriquecer a discussão no espaço acadêmico sobre essa temática.

Sabemos que a metodologia, o recorte temático e temporal escolhidos, constitui apenas uma dentre as muitas possibilidades de discussão da pesquisa empreendida. Ao mesmo tempo, delineia-se como um caminho que possa atender o objetivo principal, que pretende uma reflexão da experiência constituída pelo *Praias do Capibaribe*, olhando retrospectivamente para ela, buscando verificar seus vestígios e suas marcas deixadas, partindo da discussão acerca do Rio Capibaribe e da ocupação efetiva e afetiva de determinados espaços públicos da cidade do Recife.

Para iniciar essa reflexão, levantamos as seguintes questões, a saber: Qual o contexto em que essas experiências aconteceram? Quem foram seus atores? De que forma as pessoas se

⁴ “Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimentos e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo” (D&G, *Mil Platôs* 4, p. 67).

sentiram ou não afetadas por essas ações? Qual o diálogo as ações desse coletivo estabelece com os demais grupos da cidade e de outros lugares? Que influências históricas o coletivo sofre de iniciativas anteriores? Nessas ocupações aparecem elementos relacionados às questões políticas da cidade desse período? Como a educação não formal pode ser percebida/refletida nas ações do *Praias do Capibaribe*? Quais as suas ressonâncias?

Para viabilizar a análise do coletivo *Praias do Capibaribe*, utilizei como método de procedimento, o bibliográfico e documental, incluindo nessa documentação: imagens gráficas, fotográficas e vídeos, obras, páginas de internet, matérias de jornais, livros, catálogos e entrevistas. Entrevistei integrantes do coletivo e do público frequente de suas ações, tendo desenvolvido dois roteiros de entrevistas distintos, um mais geral, que foi respondido por ambos os grupos e outro mais específico e extenso, respondido pelos integrantes do núcleo duro do coletivo. Aproximei-me também das metodologias propostas por alguns autores do Imaginário, aos quais fui apresentada durante a disciplina Estudos do Imaginário, pela minha professora orientadora Maria das Vitórias Negreiro do Amaral. Começando pela *teoria antropológica do imaginário* de Gilbert Durand, fiz uso poético, trazendo imagens míticas e símbolos para ilustrar as relações entre vida e arte. Ao escolher como tema de pesquisa a prática de um coletivo no espaço público, com uma atuação tão recente e do qual fui parte integrante, deparei-me com o desafio de abordar e analisar suas ressonâncias, crendo que esses desdobramentos se encontram ainda em processo, visto a própria pesquisa se tratar de um deles.

A pesquisa está dividida em três capítulos, cada um correspondendo a um dos elementos constitutivos do tripé de sustentação das ações do *Praias do Capibaribe*: **Água, Espaço Público e Pessoas**, como já mencionado anteriormente. Cada um deles, por sua vez se subdividem em outros subcapítulos necessários à organização dos temas e à facilidade da compreensão por parte do leitor.

O primeiro capítulo trata então da temática da **Água** e assim é chamado. Neste capítulo trago o relato de uma reflexão acerca da simbologia do elemento água, um pouco da história do rio Capibaribe, um aprofundamento sobre o início do coletivo e uma mitocrítica acerca dos elementos constitutivos das ações do *Praias*. Pretendo assim, aproximar o leitor da forma como as ações eram estruturadas e facilitar sua compreensão das etapas subsequentes da pesquisa. Para compor comigo trago Reginaldo Prandi e seu estudo sobre a mitologia das orixás das águas Oxum e Iemanjá, a poesia e a música de tantos autores, como João Cabral de Melo Neto e Lenine, que tão bem souberam falar do Capibaribe e a outros trabalhos acadêmicos de referência como a pesquisa de Nancy Mangabeira Unger: *Da foz à nascente – o recado do rio*. Por fim,

surge como aliada nesse processo, a *sociologia compreensiva* proposta por Michel Maffesoli e seu método *Sociológico*, que reflete sobre a prática e compreensão do cotidiano, considerando ainda a intuição como uma parceira na produção do conhecimento científico. Além do contexto histórico do Rio Capibaribe trazido por autores locais em livros como o *Eu Capibaribe – o rio que termina onde a cidade começa*, organizado por Gisela Abad e Márcio Erlich.

O segundo capítulo: **Espaço Público** traz um breve histórico e descrição das ações do coletivo em pontos diferentes da cidade do Recife. Uma espécie de diário das *Praias*, com reflexões a partir do conceito de Espaço Público e de seu uso como espaço de convivência, de práticas artísticas e políticas e de educação não-formal na cidade, além de aspectos específicos promovidos pela escolha dos espaços e seus desdobramentos.

Serpa (2004) refere-se ao conceito de espaço público como sendo em si mesmo o espaço da ação política ou, pelo menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade.

O espaço público é também, segundo Hannah Arendt (1972) o espaço da sociedade, o espaço político, e nestes contornos é necessariamente um espaço simbólico, pois opõe-se e responde a discursos, dos agentes políticos, sociais, religiosos, culturais, intelectuais que constituem uma sociedade.

Para falar de cidade e de espaço público, menciono, além desses autores: Michel de Certeau, Jan Gehl e o discurso apresentado em seu livro: *Cidade para Pessoas*, Ludmila Britto e Brígida Campbell, com suas recentes teses, defendidas em 2017 e 2018 respectivamente, sobre os temas tanto de coletivos, quanto de suas atuações em espaços públicos. Ludmila com a pesquisa “Arte Colaborativa na Cidade: Um Estudo de Caso dos Coletivos PORO, GIA e OPAVIVARÁ!” e Brígida com “Arte para uma cidade sensível: Arte como gatilho sensível para a produção de novos imaginários”. Entre vários outros pensamentos e discussões sobre esses conceitos e questões: Henrique Mazzeti, André Luis Mesquita, David Harvey, Didi Huberman, dentre outros.

O terceiro capítulo, intitulado **Pessoas** foi construído, sobretudo a partir dos conteúdos das entrevistas realizadas com os integrantes do coletivo, parceiros e público. Aqui, vamos conhecer quem são essas pessoas e entender como se encontraram, o que fez elas se unirem em torno de uma causa e objetivo comuns e as reverberações dessa experiência nas vidas daqueles que se sentiram atravessados por ela. Veremos relatos pessoais das experiências individuais e colaborativas realizadas nas ruas, em eventos acadêmicos ou artísticos pensando as práticas do cotidiano, por meio do uso coletivo desses espaços como processo de criação e construção de

diálogos entre os integrantes do coletivo e os demais cidadãos, frequentadores das praias, moradores das comunidades de atuação do coletivo etc.

Como conceitos e autores, este capítulo se adensa bastante trazendo questões fundamentais para a pesquisa. Para falar das relações de afeto estabelecidas convido Jorge Larrosa e seu conceito de Experiência. Na sequência, trago com protagonismo, o conceito de educação não formal no campo das artes cunhado por Maria da Glória Gohn. Retorno a temática do primeiro capítulo, trazendo dessa vez os autores do *imaginário* primeiramente, Gilbert Durand e Danielle Rocha Pitta para embasar a estrutura da teoria, seguidos por Gaston Bachelard versando sobre a água maternal, em seu livro: *A água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria*; para apresentar e analisar uma das produções artísticas pessoais advindas dessa pesquisa.

Peço licença para apresentar tal conceito de educação, já que pretendo elucidar como uma das questões centrais, se as ações do *Praias* foram apreendidas pelos participantes, sejam integrantes do coletivo ou público, como uma experiência educativa.

Podemos entender Educação como construção, troca, invenção, experimentação, formação, acima de tudo, busca e processo. Tomando como ponto de partida o entendimento da Educação como ferramenta de transformação, é possível pensar as várias instâncias de atuação, desde a esfera privada, da família, ou até atravessada por mecanismos midiáticos como a internet na contemporaneidade. Acontecem, portanto, processos educativos o tempo inteiro nos mais diversos lugares e com uma ampla variedade de ensinantes e aprendizes. Escolas, parques, instituições culturais e muitos outros espaços se apresentam como educativos, e tem sido constante a discussão sobre tipos de aprendizagem e formatos de ensino. Sendo assim, os espaços públicos da cidade tomados por diversas ações de arte política, considerando que a arte é política porque ela atua sobre o sensível e modifica, por exemplo, o olhar que a gente deposita sobre as coisas do mundo e o próprio mundo das coisas, se constituem também como lugares de formação e é nessa chave que opera o conceito de educação não formal trazido por Maria da Glória Gohn:

A educação não formal é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o sociopolítico como a formação do indivíduo para interagir com a sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais (GOHN, 2015, p. 16).

Eis também o que diz Hannah Arendt (1972), para quem “A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele”.

Evocamos agora Jorge Larrosa que consideramos fundamental para nossa pesquisa e nos traz o seguinte conceito de Experiência:

É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação. Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. (LARROSA, 2002, p.25/26).

A partir dessas definições, podemos considerar as ações do *Praias do Capibaribe* não apenas como ações poéticas e políticas do campo das Artes Visuais, mas pensarmos sobre a transdisciplinaridade posta pela diversidade de olhares dos sujeitos e das sujeitas envolvidas, incluindo suas trajetória de formação e escolhas.

Ainda nesse capítulo, trago a análise de dados obtida através de uma pesquisa respondida por noventa e sete pessoas envolvidas de alguma forma com as ações do coletivo Praias do Capibaribe, que pretende responder ao problema suscitado por esse trabalho, qual seja: Pensar e pesquisar algumas ações do coletivo *Praias do Capibaribe* - realizadas entre 2011 e 2016 - e perceber de que maneira elas afetaram a relação dos recifenses com a própria cidade do Recife e com o Rio Capibaribe. Para não concluir, deixamos uma breve apresentação da exposição que resulta dessa reflexão crítica, a qual batizamos de *Capibaribe Reverso: o dia em que o rio virou [A]MAR*.

2 ÁGUA

2.1 Nascente

“Rebento, tudo que nasce é Rebento. Tudo que brota, tudo que vinga, tudo que medra” (REGINA, 1972).

“Tudo flui e nada permanece” (Heráclito)

As águas rebentam das pedras, da terra, d’algum lugar. Há sempre um olho d’água, uma nascente no início de cada rio que desemboca em cada mar. Há água também em cada rebento, no início de cada ser vivente nessa “*Terra! Planeta Água*” (ARANTES, 1983, música Planeta Água). Precisamos desse elemento para brotarmos enquanto sementes no jardim do ventre de nossas mães e seguimos precisando dela para permanecermos vivos. Permanecemos por um tempo, porque também, sendo água, seguimos o fluxo. É possível aprender a nadar com nossos irmãos peixes, mas não é possível nos agarrarmos às pedras, líquens ou musgos; a correnteza dará conta de nos levar ao nosso destino: à morte. Se entendemos e aceitamos que a natureza da vida, assim como a da própria natureza é a impermanência, seguimos esse fluxo com mais leveza. Quando partilhamos da ciência de que somos parte da natureza, do todo e vivemos em comunhão com ela, a vida pode ser mais abundante e feliz. A natureza nos dá tudo que precisamos material e fisicamente para vivermos, nutrindo ainda nossa subjetividade com toda sua inesgotável exuberância e beleza. Lembra-nos Heráclito de Éfeso, filósofo grego, em sua famosa Teoria do Devir, que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, pois ao mergulharmos, novas águas substituem aquelas que nos banharam antes. Para ele, o Universo caminha num eterno fluir, com cada coisa sendo e não sendo ao mesmo tempo.

A água, nesse sentido, tanto é o símbolo máximo da gênese, da criação do mundo, quanto da impermanência da vida. Ela, que brota, flui, passa e deságua, sem nunca permanecer, completando o ciclo de nascimento, vida, transformação e morte. O mundo, minha existência nele e essa pesquisa nasceram pois de alguma água e cá estamos para falar desses nascimentos e do encontro dessas águas. “Acessar o início, diferentemente de voltar ao passado, é afirmar a presença”, já que “o presente é o tempo em que tudo existe, inclusive o passado, inclusive o futuro e é também onde acontecem os tempos da criação artística” (LIRA, 2014, pg. 11).

Para falar da criação do mundo, Prandi traz um trabalho etnográfico bastante interessante em seu livro *Mitologia dos Orixás*, onde compila a mitologia da tradição oral Yorubá- os Itans. O relato dessa criação, dada por Iemanjá e Olodumaré, segundo uma das cosmogonias do vasto e diverso continente africano:

Iemanjá encantou-se com a Terra e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas. Assim surgiu Oxum, dona das águas doces. Quando tudo estava feito e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de Iemanjá, Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum, criou o ser humano. E o ser humano povoou a Terra. E os orixás pelos humanos foram celebrados (PRANDI, 2001, p. 381).

Ainda citando Prandi, complemento essa passagem, trazendo a participação de mais uma Orixá: Nanã, nesse processo, sendo ela a responsável pela criação do homem:

Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. De pedra ainda a tentativa foi pior. Fez de fogo e o homem se consumiu. Tentou azeite, água e até vinho-de-palma, e nada. Foi então que Nanã de Burucu veio em seu socorro. Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma, e de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama a Oxalá, o barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã. Oxalá criou o homem, o modelou no barro. Com o sopro de Olorum ele caminhou. Com a ajuda dos orixás povoou a Terra. Mas tem um dia que o homem morre e seu corpo tem que retornar à terra, voltar à natureza de Nanã Burucu. Nanã deu a matéria no começo mas quer de volta no final tudo que é seu (PRANDI, 2001, p. 197).

Esse trecho foi escolhido por evocar imagens muito próximas daquilo que poderíamos denominar ancestralidade: muitos brasileiros - miscigenados, descendentes de africanos - comungam desse imaginário de que todos foram modelados pelo barro de Nanã, essa lama do fundo do rio que nos remete a uma paisagem tão familiar aos recifenses que é o mangue. Somos *mangueboys e manguegirls*⁵ gestados na bolsa das águas de Oxum, dos rios Capibaribe e Beberibe em constantes trocas, diálogos e encontros fluídos com as águas de Iemanjá, o Oceano Atlântico. João Cabral de Melo Neto assim descreveu o mangue: “O rio cresce sem nunca explodir. Tem o rio um parto fluente e invertebrado [...] grávido de terra negra” (MELO NETO, 2012, p. 16-17).

A bolsa das águas é a primeira morada do homem no corpo da mãe, imerso no líquido amniótico, sendo alimentado e nutrido através da placenta, também conhecida como árvore da vida, respirando pelo cordão umbilical. Na música *Debaixo d'água*, Arnaldo Antunes usa a imagem do mar para simbolizar essa bolsa das águas:

Debaixo d'água tudo era mais bonito, mais azul, mais colorido, só faltava respirar, mas tinha que respirar. Debaixo d'água ficaria para sempre, ficaria contente, longe de toda gente, pra sempre no fundo do mar [...] (ANTUNES, 2001)

⁵*Mangueboys e manguegirls* – moradores da *Manguetown* – nomenclatura atribuída à cidade do Recife pelo Movimento *Manguebeat*. A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade *maurícia* passou a crescer desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Simbolismo que pode ser trazido também para designar que somos todos filhos e filhas do mar, de Iemanjá, um dos mitos em torno do arquétipo da grande mãe.

O corpo humano, assim como o Planeta Terra, é composto por 75% de água. A identidade do homem é construída por diversas camadas: primeiro o núcleo familiar, depois a cidade natal onde nasceu e cresceu, o estado, a região, o país - sua pátria ou mátria, o continente, cada camada/espaço/lugar com uma carga de histórias e memórias até chegar a grande Pachamama, o Planeta Terra. São camadas sobrepostas de simbolismos e memórias relacionados à construção de subjetividades, atravessadas, por sua vez, por: sotaques, costumes, manifestações culturais, hábitos alimentares, relações humanas, meio ambientes, sistema político, entre outros elementos.

Que memórias guardam os corpos dessas águas (bolsa das águas, rios e mares)? Que memórias podem ser ativadas quando se mergulha no som dessas águas? O que se perde quando se rompe essa relação com cada uma dessas esferas/camadas? Quando se perde o contato e o convívio com esses símbolos do elo originário entre o homem e a natureza, que sobrevivem dentro da cidade? Como os indivíduos/cidadãos buscam ressignificar suas relações com o lugar de onde vieram e onde habitam? De que maneira a história dessas águas reverbera em suas próprias histórias?

“Na paisagem do rio difícil é saber onde começa o rio; onde a lama começa do rio; onde a terra começa da lama; onde o homem, onde a pele começa da lama; onde começa o homem naquele homem” (MELO NETO, 2012, p. 16-17).

Como coloca poeticamente o autor, o curso do Capibaribe e o curso das vidas daqueles que permeiam e habitam as suas margens tornam-se indissociáveis: são parte de um mesmo todo aquoso e lodoso. Em certa medida, o homem do rio é o próprio rio.

Não se pretende aqui, encontrar respostas prontas, mas provocar reflexões e tensionamentos, tomando-se essas questões como ponto de partida para o desenvolvimento do tema de estudo em questão. Pensar e pesquisar algumas ações do coletivo *Praias do Capibaribe* - realizadas entre 2011 e 2016 - e de que forma elas afetaram a relação dos recifenses com a própria cidade do Recife e com o Rio Capibaribe. Dessa maneira, será possível refletir sobre essas problemáticas - e tantas outras - que podem levar a lugares diversos, nesse percurso que será compartilhado aqui nessas páginas.

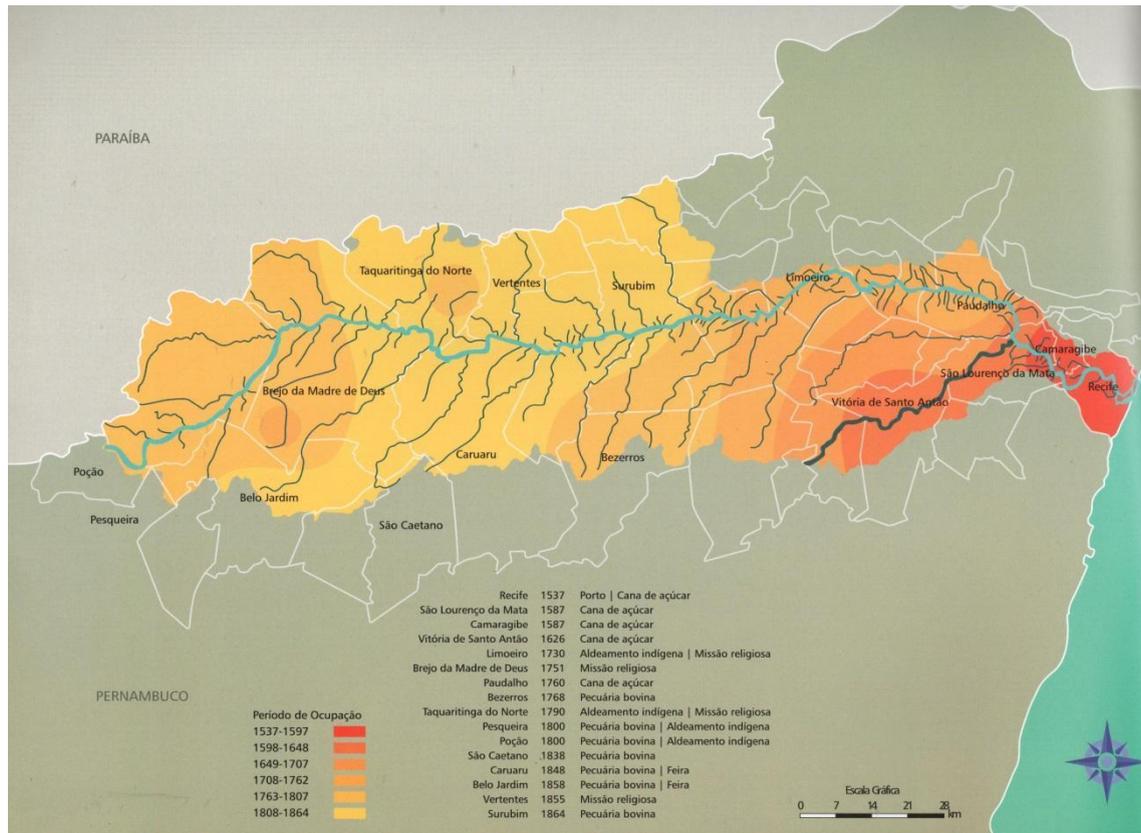
Remontando toda a gênese da criação que citamos no início do texto, chegamos ao seguinte ponto: há mais de cem milhões de anos, houve a separação dos continentes em América do Sul e África e, junto a essa separação, o surgimento do próprio Oceano Atlântico, que viria dar a abertura necessária para o nascimento deste rio que um dia batizaram com o nome

Capibaribe – unindo as palavras do tupi antigo *kapibara*, "capivara", 'y, "rio, e *pe*, "em" ou seja, o rio das Capivaras. A povoação ao longo dos seus aproximadamente duzentos e cinquenta quilômetros de extensão data de pelo menos dez mil anos, como comprovam os sítios arqueológicos em Brejo da Madre de Deus. A colonização a partir do séc.XVI, no entanto, é o início das transformações mais radicais nessa paisagem até chegar aos nossos dias. Existiram os primeiros povoados, cresceram, deram origem às primeiras cidades, chegou a revolução industrial e junto com ela a distância cada vez maior entre as pessoas, a vida e o rio.

Sua nascente está localizada na Serra de Jacarará, no Planalto da Borborema, Agreste Pernambucano, onde hoje existe o município de Poção. Dessa forma, então, não é o Rio Capibaribe que nasce em Poção ou que cruza as outras quinze cidades (Surubim, Vertentes, Belo Jardim, Caruaru, São Caetano, Pesqueira, Taquaritinga do Norte, Bezerros, Paudalho, Brejo da Madre de Deus, Limoeiro, Vitória de Santo Antão, Camaragibe, São Lourenço da Mata e Recife) que se apresentam durante o seu percurso, até o seu desaguar no Oceano Atlântico na cidade do Recife, mas são essas cidades que se desenvolvem em torno do Rio Capibaribe. Ele chegou aqui primeiro, ele é o habitante originário, o protagonista, dentre os mais antigos de nossos ancestrais.

O rio Capibaribe foi determinante na construção da história do estado de Pernambuco e da região Nordeste, pois foi no seu curso que foram construídos os primeiros engenhos de cana-de-açúcar, devido ao solo massapê, ideal para o cultivo. A instalação dessa monocultura no período da colonização holandesa seguiram-se: a construção do Porto, as missões religiosas, o desenvolvimento da pecuária bovina extensiva, além dos aldeamentos indígenas que já existiam anteriormente até chegarmos ao crescimento urbano desenfreado que produziu esse Capibaribe contemporâneo com o qual convivemos hoje.

Figura 3 - Bacia do Rio Capibaribe, 2013



Fonte: Eu Capibaribe – o rio que começa onde a cidade termina p.22.

“Dessa forma, se a água é o elemento que garante unicidade a um rio, ao conectar os seus diversos fragmentos espaciais em um tecido coerente e interligado, este falta na maior parte do tempo ao rio Capibaribe. Seu curso é marcado pela fragmentação hidrológica e, sobretudo, paisagística, o que permite caracterizá-lo não como um só, mas como vários Capibaribes.” (CORREA, 2013, p. 23). Como aponta Antonio Carlos de Barros Correa:

Em síntese, é possível se referir ao rio Capibaribe como um conjunto de ambientes e panoramas fluviais diversos, acrescido da complexidade do trabalho humano e consolidado como uma organização singular de espaços geográficos. A paisagem do Capibaribe, então, só pode ser compreendida como uma imagem atual, cristalizada, decorrente do somatório do tempo histórico transcorrido sobre fragmentos físicos bastante diversos e, assim como qualquer paisagem, uma herança. A ideia de sobreposição de elementos diversos, gerando recortes espaciais homogêneos, permite a subdivisão do rio em pelo menos quatro grandes unidades: o rio urbano, estuarino do Recife; o rio perene, da Zona da Mata; o rio do piemonte do Planalto da Borborema, dos agrestes baixos de Surubim; o rio das escarpas do Planalto da Borborema e aquele da cimeira do Planalto, rio dos brejos de altitude, das cabeceiras e nascentes de Poção. Cada um deles compõe um fragmento diferenciado de história humana e natural, configurando um território único. (CORREA, 2013, p.24).

No Recife, é o rio o eixo estruturador de toda a cidade, suas veias, artérias pulsantes de um organismo vivo, sem as quais a cidade não seria possível. É, hoje em menor proporção do que nos séculos anteriores, o rio que dá vida, irriga, abastece, alimenta, transporta, deixa-se ser inclusive moradia também de gente, em palafitas. É também esse rio que inspira, acalenta, gera poesia, cultura, política, educação, nos move. Tem mangue, tem caranguejo, tem peixe, tem lama, tem baronezas, tem cheiro, tem maré, tem movimento, tem seca e tiveram também algumas cheias: é, portanto, intermitente e diverso nas várias e distintas paisagens que habita. Sua história é a própria história da(s) cidade(s) e de sua(s) gente(s).

“A cidade é passada pelo rio como uma rua é passada por um cachorro; Uma fruta por uma espada”. (MELO NETO, 2012, p.15)

Figura 4 - Vista aérea do Rio Capibaribe e cidade do Recife, 2013



Fonte: Eu Capibaribe – o rio que começa onde a cidade termina p.21.

O trecho do Capibaribe que atravessa o Recife possui cerca de vinte quilômetros, embora seja um trecho que corresponda a menos de dez por cento de seu curso é onde ele é mais impregnado de morte. É inacreditável de se pensar que em menos de um século tenhamos conseguido produzir tanta destruição. Apenas cerca de trinta por cento da cidade do Recife é saneada, todo o restante, setenta por cento dos dejetos que são produzidos, são esgotos a céu aberto que inundam ruas, casas, sendo despejados diretamente no Rio Capibaribe. Ao longo das últimas décadas, nossos governantes deixaram em segundo, terceiro e quarto plano a questão

do saneamento básico da cidade. Todos os dias os jornais impressos e televisionados veiculam imagens desse descaso e reclamações ininterruptas da população sobre essa situação. A prefeitura em parceria com os interesses vindos da especulação imobiliária segue aprovando projetos de construções de grande porte, que não atendem ao Plano Diretor da cidade e que não cumprem as leis locais de estudo de impacto ambiental, nem implantam redes de tratamento, aumentando diariamente o nível de poluição do Rio. E pensar que na década de 1950 a prefeitura da cidade produzia a competição denominada *Prova Heróica*, com mais de trinta nadadores, num trecho de sete quilômetros nas águas até então, cristalinas, do Rio Capibaribe, o percurso da prova ia do Poço da Panela à Rua da Aurora. Temos então, gerações de pessoas ainda vivas, como a geração dos meus avós, que viveram esse e inúmeros outros momentos do Rio.

Para exemplificar esse contraste, incluo aqui um trecho da fala de Aloísio José Maranhão Dias, ganhador da medalha de ouro da primeira edição da *Prova Heróica*:

Na prova Heróica, pulava na água e saía nadando. Agora, era muito bom, só era ruim quando atravessava o Gasômetro. Vocês não conheceram o Gasômetro, era ali pro lado da estação do trem, nos Coelhos, era ruim porque tinha a fuligem e aí, quando pegava na boca, a gente vomitava. Era Prova Heróica porque não era fácil nadar sete quilômetros. A gente não nadava pra ganhar primeiro lugar, era para ganhar medalha, porque as medalhas eram até o décimo lugar e todo mundo queria ganhar uma (FRANÇA, 2010, p.115).

Nadar no Capibaribe naquela época era uma prática saudável e muito praticada, assim como por seu Aloísio, por inúmeros moradores da cidade. A água do rio era a segunda casa de muita gente que se banhava para se refrescar, se exercitar, se divertir. Hoje, embora tenhamos um rio morto em diversos trechos, ainda há moradores das comunidades ribeirinhas do Recife, sobretudo as crianças, que insistem em tomar banho nesse rio, quando a maré está cheia, mesmo que essa prática atualmente represente um grande risco à sua saúde. Essa insistência é a demonstração clara da nossa ligação com a natureza, que parece mais forte do que pretendemos supor. É parte dessa memória ancestral do nosso corpo que volta ao ventre materno por alguns instantes, para se sentir seguro e protegido.

Nancy Mangabeira Unger, em seu texto *“Da Foz a Nascente - o recado do rio”* fez uma peregrinação em todo o curso do rio São Francisco, trazendo uma reflexão profunda sobre a desertificação e desenraizamento do homem moderno, que vive no mundo da técnica em luta com sua própria natureza, fazendo um enorme percurso na história e na filosofia para nos mostrar como se deu a construção social da forma com a qual nos relacionamos com a terra hoje. De como o homem sai de uma relação de dependência e comunhão com natureza, para uma relação de exploração e soberania, na qual se vê como dono absoluto da terra, considerando

sua existência superior a de todos os outros seres vivos, crendo que a natureza está ao seu dispor e serviço, tratando-a como um bem material e mais ainda, privado, pertencente a poucos.

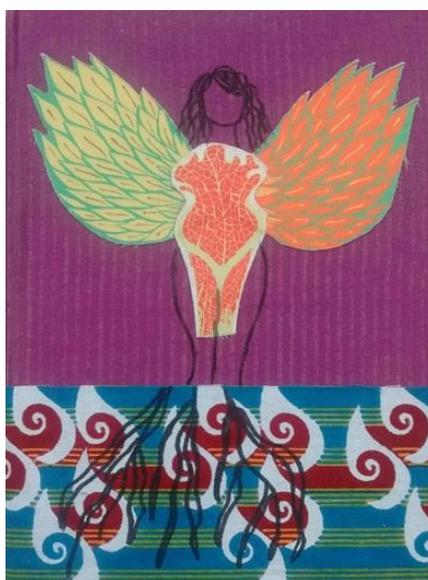
O recado do rio São Francisco, trazido por Unger é sem sombra de dúvida o recado de todos os rios, um pedido de socorro e um alerta. O rio quer viver e por isso grita pedindo ajuda, mas ele também nos alerta para o fato de que nossas vidas estão imbricadas em uma só e que na medida em que “dominamos” e destruímos a natureza, vamos nos matando aos poucos, num suicídio lento e diário, acabando com a possibilidade de vida no planeta. Lutar pelo rio Capibaribe então é lutar pela vida. Representa a possibilidade real de restabelecer o elo com nossa história, com a natureza que ainda existe na cidade e com a nossa própria. Esse recado que nunca deixou de ser transmitido chega sempre que estamos com os ouvidos e o coração abertos para ouvi-lo. Nem todos, entretanto, estão atentos a essa escuta. A facilidade oferecida aos “surdos” ou aos “adormecidos”, como diria Heráclito, é bastante cômoda. Dançar conforme a música não exige esforços. Para Heráclito, era o *logos* — algo como razão ou inteligência — que governava o mundo. Ele reconhecia que todos os homens possuíam o *logos*, mas acreditava que a maioria (que chamou de “adormecidos”) não desenvolvia essa inteligência. Apenas os “despertos” utilizavam o *logos* de modo consciente. Numa sociedade de adormecidos, se manter desperto é nadar contra a corrente e isso exige um bocado de nós. Manter-se desperto em grupo é melhor e mais viável. Foi o encontro com pessoas atentas a essa escuta, que abriu meus ouvidos, olhos e coração para escutar também o Capibaribe e a mim mesma. O recado, sendo do rio é também de Oxum, sendo um rio com a lama fértil do mangue abraçando-o nas duas margens é também de Nanã, sendo do trecho desse rio que se enche com a maré e que mergulha no mar é também de Iemanjá, sendo no estado do Brasil com o maior número de Baobás, é sem dúvida da cosmogonia africana que aqui veio morar. Recebi o recado em 2011 e sigo no esforço de me manter atenta à “experiência do pensar que se põe à escuta de outras: o mito e a mística, a arte e a poesia, que reconhece que o pensamento não se restringe a uma só expressão histórica, mas é uma potencialidade do ser humano” (UNGER, 2001, pg 15) e busco passar esse recado adiante.

2.2 Da minha relação com a cidade e com o Rio

Nasceu o Capibaribe, nasceram as pessoas, viveram o Rio, poetisaram-no, nasci eu nessa cidade com esse Rio, 345 anos depois de sua fundação. Essa cidade que já tinha vivido todas essas histórias e já tinha toda essa memória do Rio. Não tenho memórias de infância deste rio especificamente, mas de muitos outros da zona da mata, onde fui criada até os nove anos de

idade. Voltei, mas morava na zona sul da cidade, minha vivência maior até os vinte e dois anos foi com o mar, a praia de Boa Viagem que ficava a poucas quadras de casa. Continuei com bastante frequência a minha relação com os rios da Zona da Mata até os quinze anos, quando deixei de ter família lá. No Recife, via o rio pelas pontes quando ia ao centro, sentia seu cheiro e fazia a travessia no barquinho de Seu Mita, no trecho que liga o bairro da Torre, onde morava meu pai, ao Parque da Jaqueira, nos finais de semana. Terminei a faculdade e fui morar no bairro da Torre também. Morei por dois anos inicialmente, mas essa proximidade, de morar numa rua que terminava na Beira Rio já foi aproximando mais a gente: o Rio Capibaribe e eu. Fui embora para São Paulo na sequência e lá fiquei por cinco anos. Esse distanciamento foi um marco importantíssimo na minha relação com a cidade e com o Rio. Foi aí que me dei conta do meu amor incondicional por esse lugar, de como eu era fruto de cada dia vivido aqui. Todas as minhas referências culturais e afetivas estavam enraizadas aqui, nas raízes do mangue dessa *Manguetown*.⁶ Raízes aéreas, que me permitiam voar, porém profundas e intrincadas com outras, numa grande teia que me faziam sempre e a cada dia querer voltar.

Figura 5 - Autoretrato, Bruna Pedrosa, 2016



Fonte: Acervo pessoal.

“Sempre pensara em ir caminho do mar. Para os bichos e rios nascer já é caminhar. Eu não sei o que rios têm de homem do mar; sei que se sente o mesmo e exigente chamar.” (MELO NETO, 2012, p.37)

⁶*Manguetown* – nomenclatura atribuída à cidade do Recife pelo Movimento *Manguebeat*. A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade *maurícia* passou a crescer desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

“Recife eu te dou meu coração, meu coração vai nas águas dos rios” (LENINE, ano)

Os cinco anos que fiquei longe (2006 a 2011) foram, sem sombra de dúvidas, muito importantes em diversos aspectos da minha vida, sobretudo para minha formação profissional. Nesse tempo, fiz vários cursos e disciplinas como aluna especial no Programa de Pós-graduação da ECA – USP, o que já incutiu em mim a vontade de num momento futuro, hoje meu presente, desenvolver uma pesquisa mais aprofundada entrando de fato em um mestrado. Tive a oportunidade também de aprender muito na prática, sobre gestão e produção, através do trabalho que desenvolvi no Instituto Tomie Ohtake, o que me deu bagagem para assumir, na minha volta, um cargo de gestora pública, como diretora do Museu Murillo La Greca. Entendi ademais que morar longe das águas (mar e rios) me adocece física e emocionalmente. Descobri que a linha do horizonte vista através do mar é o único ponto para onde olhamos faz com que os nossos olhos desliguem o músculo responsável por focar as imagens, por entender que aquela imagem está a uma distância muito maior do que qualquer possibilidade sua de alcance, o que nos causa uma sensação de relaxamento ímpar. Observei também que um enorme contingente de recifenses da minha área de atuação, saíam em busca de melhores oportunidades, fossem de trabalho ou de formação, e que uma parcela mínima desses profissionais regressava para devolver à cidade tudo o que ela nos havia dado, já que nascer, crescer e estudar aqui era determinante para as escolhas que fazemos na vida e que nos levaram a esses outros lugares. Senti que precisava voltar para dar essa devolutiva mínima do que aprendi nesse tempo fora, a quem tanto me ensinou a cumprir meu papel social nessa cadeia produtiva da cultura no Recife. No último ano na cidade de São Paulo, iniciei com mais afinco meus esforços para tornar esse retorno possível, conseguindo me engajar na circulação de exposições e cursos trazidos de lá (São Paulo) para cá (Recife) e vice-versa, assim fui fortalecendo novamente a rede de contatos que culminou no primeiro semestre de 2011 nos convites para assumir simultaneamente: a coordenação do Clube de Fotografia do MAMAM⁷ e a direção do Museu Murillo La Greca.

Foi assim que em maio de 2011, eu “voltei Recife, foi a saudade que me trouxe pelo braço” (VALENÇA, 2006) para assumir a gestão do Museu Murillo La Greca. Voltei a morar no bairro da Torre e a viver a cidade de outra forma, já que o trajeto entre minha casa e o museu

⁷MAMAM - O Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães foi criado em 24 de julho de 1997, data na qual foi concedido o estatuto de Museu à antiga Galeria Metropolitana de Arte do Recife, homenageando o artista plástico, designer e ativista cultural pernambucano. Instalado em um antigo casarão do século XIX, o Mamam possui sete salas de exposição, biblioteca especializada em arte moderna e contemporânea, reserva técnica com mais de 1.000 trabalhos, de diversas técnicas, que abrangem um período histórico compreendido entre 1920 e 2016, sala de atividades educativas, sala de administração e auditório.

era curto e podia fazê-lo andando, atravessando necessariamente uma ponte sobre o rio Capibaribe para chegar lá e trabalhando durante todo o dia em uma sala com janela com vista para o rio. Quando cheguei, o museu se encontrava fechado há seis meses, quando da saída do meu antecessor, o curador cearense Bitú Cassundé. Uma vergonha e uma lástima. O organograma político da Prefeitura do Recife, que estava na sua terceira gestão consecutiva do PT, tendo saído da reeleição do prefeito João Paulo (2001-2008) para a então gestão de João da Costa (2009-2012) tinha seus equipamentos culturais geridos por dois órgãos, a Fundação de Cultura e a Secretaria de Cultura. A Secretaria era detentora da maior parcela da LOA (Lei Orçamentária Anual) em detrimento da Fundação. O Museu Murillo La Greca estava submetido à Gerência Geral de Museus (gerida por Carmem Piquet) que correspondia a um grupo considerável de equipamentos, todos localizados no Pátio de São Pedro, centro da cidade, com exceção do Museu Murillo La Greca, localizado na divisa dos bairros de Parnamirim e Casa Forte, na privilegiada zona norte do Recife, às margens do Rio Capibaribe e ladeado pela contrastante paisagem que forma a comunidade da Vila do Vintém, o Plaza Shopping Casa Forte e a Igreja dos mórmons.

Essa gestão era, não mais que as que a sucederam, pouco comprometida com a área da cultura, destinando uma verba mínima anual que não bastaria para fazer uma única exposição de médio/grande porte pagando o devido e o justo a toda rede de profissionais envolvidos. Algumas dívidas se acumulavam e a bem da verdade, eu às vezes pagava para trabalhar, tirando literalmente do próprio bolso e usando todas as cartas na manga e favores de amigos para fazer a engrenagem do museu funcionar durante os anos de 2011 e 2012, período que ali fiquei.

2.3 Eu Quero Nadar no Capibaribe e você?

Figura 6 - Logomarca /propaganda EQNC, 2008



EU QUERO NADAR NO CAPIBARIBE E EM TODOS OS RIOS DO MUNDO!

Para isso, precisamos mudar nosso modo de viver praticando a *ECOCIDADANIA NO DIA-A-DIA*. As *CÁPSULAS VERDES* e o *CAPIELOG* trazem histórias e dicas de pessoas e instituições que se empenham para a *MELHORIA DA QUALIDADE DAS VIDAS DE TODOS*. *ASSISTA, LEIA, PRATIQUE e PARTICIPE* enviando notícias, sugestões de pauta e comentários.

Fonte: Acervo EQNC.

Nesse cenário, onde o vigor das ideias fervilhava, a alegria de estar de volta e poder contribuir com a cidade e seus moradores/habitantes pulsava nas veias e a disponibilidade em articular e fazer acontecer era total, cruzei, como já dito na introdução deste trabalho, nos primeiros dias de retorno à cidade, com o arquiteto Julien Ineichen e sua esposa, a jornalista Alice Chitunda e tomei conhecimento do projeto audiovisual empreendido pelo casal, o *Eu quero nadar no Capibaribe e você?* (EQNC), sobre o qual, peço licença para fazer uma breve apresentação.

A pesquisa do EQNC teve início no ano de 2008, através de projeto aprovado pela dupla Julien e Alice, no edital audiovisual da FUNDARPE (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco), o Funcultura (Fundo Pernambucano de incentivo à cultura). Tal pesquisa consistia em buscar atores reais que simbolizassem a mudança necessária para a realização do sonho que o título do projeto propunha. Pessoas que tivessem atitudes proativas em relação ao meio ambiente no seu cotidiano e publicizar tais iniciativas no intuito de multiplicá-las. As *Cápsulas Verdes* (mini-documentários com duração de três minutos cada) tinham o intuito de plantar a semente da mudança em quem os assistia, de uma mudança possível, por isso mesmo real, entre nós e nossas práticas cotidianas e o meio em que vivemos. Como cobrar do poder público ações efetivas, que demandam grande esforço político, econômico, logístico e estrutural, quando nós não estamos dispostos a um esforço mínimo, que demanda tão pouco na nossa rotina, mas que faz um diferencial tão grande no meio ambiente, se praticado por todos?

Na primeira edição do projeto, eles conseguiram gravar cerca de quinze vídeos, entre 2008 e 2009. Alguns vídeos possuem temas mais gerais ligados a qualidade de vida na cidade, tratando de mobilidade, hortas, reciclagem de lixo entre outros e alguns mais relacionados

diretamente ao rio. Em 2009 eles voltaram a aprovar uma segunda edição do projeto no mesmo edital, conseguindo gravar mais uma série de vídeos entre 2010 e 2011, totalizando ao final, cerca de trinta e cinco títulos desses mini-docs. Em paralelo ao acesso dos vídeos através da internet no site do projeto⁸ e a exibição dos mesmos na TV pública, a TVU, as *Cápsulas Verdes* eram levadas também às escolas. O Projeto “Eu quero nadar no Capibaribe. E você? nas escolas”, além de exibir os vídeos aos estudantes, utilizando-os como material de apoio pedagógico, promoveu oficinas de sensibilização ambiental que incluíam debate, atividades em grupo, gravação de vídeos com os estudantes, incentivando-os a uma mudança de comportamento, estimulando a participação efetiva destes na melhoria e preservação do meio ambiente. Foram atendidas mais de quinze escolas públicas e algumas escolas privadas, segundo o site do projeto.⁹

Encantada com o intuito do projeto de trabalhar com educação ambiental e promover essa discussão em torno do rio e com o entusiasmo com que seus autores me apresentaram, propus uma parceria, no intuito de promover uma ação colaborativa conjunta entre o poder público e a iniciativa privada, entre o Museu Murillo La Greca e o *Eu quero nadar no Capibaribe e você?* entre nossos sonhos comuns de construirmos coletivamente um Recife melhor, mais humano para todos, uma cidade na qual ainda hoje sonhamos viver. Foi assim que desse casamento de ideias e sentimentos, o que estava previsto para ser um evento institucional pontual ao qual batizamos de *Praia do La Greca* se transformou em algo muito maior, o nascimento de um coletivo artístico, o *Praias do Capibaribe*.

2.4 Praias do Capibaribe: projeto, evento, movimento ou coletivo?

Durante os três primeiros anos de atuação do CPC não existia uma definição clara nem para o próprio grupo, menos ainda para o restante da sociedade sobre como nomear as ações por ele empreendidas. Como as primeiras ações ocorreram em parceria com o espaço do museu, eram muito veiculadas como evento ou projeto e não como intervenção urbana ou qualquer nomenclatura de cunho artístico. À medida que as ações passaram a acontecer também em outros espaços, alguns continuavam a usar a palavra projeto pela associação ao EQNC e outros a chamar de movimento, o que também era legítimo, uma vez que o grupo atuava junto a outros movimentos sociais, como o Movimento Ocupe Estelita (MOE). Que as ações estavam circunscritas nos setores das artes e da educação parecia óbvio, no entanto a necessidade de

⁸www.capibaribe.info

⁹*idem*

pensar sobre o enquadramento e nomeação das nossas práticas, foi impulsionada apenas com a chegada de novos integrantes, em 2014. Após a discussão suscitada por esses novos encontros, a partir também das nossas formações e trajetórias o grupo por fim auto denominou-se como coletivo. A partir daí a atuação do grupo se ampliou, como se algumas barreiras simbólicas houvessem sido transpostas e o título de coletivo lhes conferisse um reconhecimento necessário para levar a discussão sobre a temática das suas ações (água, espaço público e pessoas) adiante e atuar além dos limites geográficos do próprio rio Capibaribe e da cidade do Recife.

Podemos, então, definir *coletivo* a partir de algumas características específicas, sendo a primordial, certamente, a união de pessoas em torno da possibilidade de realização de desejos em comum. Vale salientar que muitos grupos – dentre eles o *Praias do Capibaribe*- na contemporaneidade, não se restringem ao campo das Artes Visuais, sendo heterogêneos e transdisciplinares.

Muitos grupos operam na ocupação dos diferentes espaços das cidades a partir de fazeres múltiplos (ligados à Arquitetura, ao Urbanismo, às Artes Visuais, às Artes Cênicas, etc.) ocupação que é denominada (dentre outras nomenclaturas possíveis) de *intervenção urbana*: ela transforma esses espaços, geralmente, de maneira efêmera e disruptiva, muitas vezes utilizando-se do estranhamento e da surpresa como ferramentas potentes. Nesse sentido, pode-se afirmar que “a colaboração entre os membros de um coletivo pode operar a partir da cooperação e convívio, “e pressupõe uma prática artística associativa, elaborada, praticada e “assinada” em conjunto”. (BRITTO, 2017, p.27)

A participação em um coletivo, entretanto, pode ser marcada por certos conflitos e embates ideológicos, além de uma convivência constante que pode gerar dissensos e discordâncias. Estamos diante, portanto, de coletividades que possuem um viés dialógico, e, conseqüentemente, político.

Claudia Paim, na sua tese *Coletivos e iniciativas coletivas : modos de fazer na América Latina contemporânea*, sistematizou algumas características presentes em diferentes grupos (principalmente aqueles que fazem parte da sua pesquisa), sem, entretanto, fechá-las de forma engessada. Alguns desses atributos norteiam a formação e as práticas do *Praias do Capibaribe*:

- fazeres que não obedecem a decisões tomadas por um núcleo fechado; são - não-hierarquizados; descentralizados e compositivos de muitas falas; podem ter mobilidade;

- são emancipatórios e positivos – propõem a saída da rigidez das ideias prontas e revelam o que elas têm de construção ideológica;

- utilizam a auto-organização e são autogestionados e também são modos de fazer desburocratizados e ágeis;
- apresentam tendência a operar com noções de *site-specific* ou *oriented-site*;
- contam com autoria coletiva em, pelo menos, alguma etapa dos projetos;
- usam o *cyberespaço* (como espaço da prática ou como meio para a sua organização e difusão);
- podem ser realizados por coletivos de artistas ou com formação heterogênea

A ideia de pluralidade na formação dos coletivos parece ser ponto consensual entre os artistas envolvidos e teóricos sobre o tema. Como afirma Carolina Corrêa, participante do *Praias do Capibaribe* ao falar dos elementos-símbolos do grupo:

Eu acho que de maneira subjetiva o coletivo é indispensável. Eu não acho que o *Praias do Capibaribe* consiga se realizar em sua plenitude e com todas as coisas que visava fazer sem ter um coletivo, sem ter um grupo de pessoas diverso pensando em como fazer essas intervenções, até porque era um coletivo de artes integradas, daí a necessidade de ser constituído de pessoas com diversos saberes.¹⁰(CORRÊA, 2019)

Renato Rezende aponta ainda para as transformações nas “formas de viver, perceber e definir conceitos como produção, consumo, arte, entretenimento e política” (REZENDE, 2010, p.09), que terminam por catalisar o surgimento de inúmeros coletivos nas últimas décadas, a partir do crescente uso das redes sociais no país, extrapolando o circuito das artes e se espalhando por diferentes áreas da cultura.

Felipe Scovino aponta que “a reunião e a geração de coletivos de artistas no Brasil dá-se com maior volume no início dos anos 2000. Em cerca de dez anos, dezenas de coletivos foram extintos ou geraram terceiros, mas poucos possuem mais de sete ou oito anos de existência”. (SCOVINO, 2010, p.14-15) Pode-se afirmar, então, que o *Praias do Capibaribe* é uma consequência dessa rica expansão de diferentes agrupamentos no contexto da arte contemporânea brasileira a partir do início dos anos 2000, sendo que o grupo teve uma duração de sete anos, fato que coincide com as informações colocadas por Felipe Scovino. Ele ainda afirma:

Situados em uma zona de invenção [...] de lugares, práticas e funções para os artistas, os coletivos delimitam um espaço, muitas vezes de autogestão ou independência em relação ao mercado, onde a criação estética alia-se a uma prática política, seja ela configurada como via comercial alternativa ao mercado, manifestação ideológica ou prática experimental que dificilmente encontraria lugar no circuito das artes brasileiras. (SCOVINO, 2010, p.17)

¹⁰Entrevista cedida à autora em agosto de 2019.

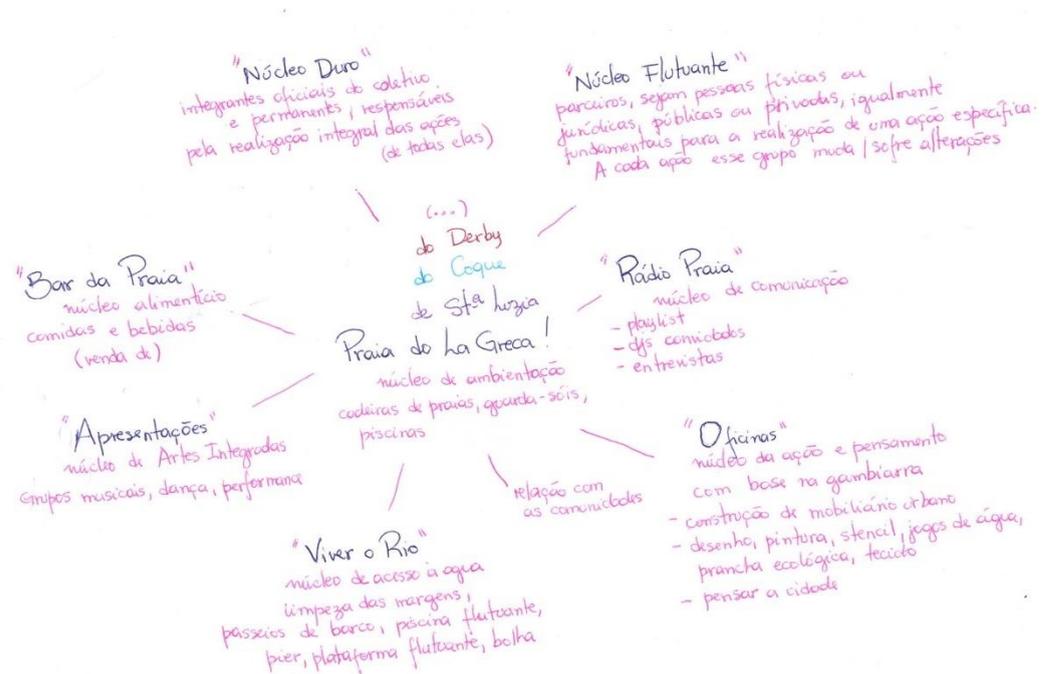
De fato, as ações do CPC eram autogestionadas e as manifestações política e ideológica eram tão fortes, que ocupavam um protagonismo em relação à criação estética, que existia sim, claro, mas em segundo plano. No entanto, discordando em certa medida do que coloca o autor, cremos que existem editais do setor da cultura, tanto públicos quanto privados que se destinam a esse nicho, reconhecendo e validando de alguma forma a produção dessas pessoas como arte contemporânea. Percebemos a partir do momento que nos reconhecemos como um coletivo artístico, termos sido reconhecidos como pertencentes a esse nicho, o que nos autorizava a enviar projetos a essas ferramentas de financiamento de algumas atividades. O auto-reconhecimento como coletivo propiciou ademais o reconhecimento pelos nossos pares e pelo público, passando a integrar naturalmente uma rede de coletivos que se mapeam e se encontram seja através do *cyberespaço*, seja através desses editais mencionados acima. Essa troca praticada entre diferentes grupos, com diferentes métodos de trabalho e ação, proporciona um rico aprendizado para todos os envolvidos.

Outro fato importante, percebido por essa pesquisa é que muito embora essa identidade como coletivo tenha sido construída em 2014, ela se deu pela prática empírica e durante os sete anos de atuação do CPC, mesmo participando de inúmeros eventos, alguns deles promovidos inclusive pela academia, não houve uma busca e aprofundamento teórico que desse suporte a prática do grupo, o que reconhecemos a essa altura, teria sido bastante útil para a reflexão desse fazer e o crescimento individual e como grupo.

2.5 Com quantos guarda-sóis se faz uma Praia?

Após o encontro no Bar Central, nos encontramos (eu, Julien e Alice) diversas vezes para imaginar, sonhar e desenhar o que seria essa ação conjunta, a *Praia do La Greca*. Esse desenho ampliou-se e converteu-se posteriormente em uma espécie de manual sobre como realizar uma ação do *Praias*, o qual será apresentado como mapa conceitual base para todas as demais ações produzidas pelo coletivo *Praias do Capibaribe*.

Figura 7 - Mapa conceitual do CPC



Fonte: Acervo pessoal.

Como podemos observar na imagem, a primeira *Praia do La Greca* foi pensada para ter como atrações (ademais do foco principal de lançar os pequenos documentários): a *Rádio Praia*, com discotecagem e entrevistas ao vivo, o *Bar da Praia* com venda de comidas e bebidas, a limpeza da margem e passeio de barco no rio e um bate papo. Todas essas atividades envolvendo os personagens das *Cápsulas Verdes* e seus diretores, além de apresentações musicais de amigos convidados e um ambiente descontraído de praia, com cadeiras, guarda-sóis e piscinas plásticas.

O que foi pensado como atrações para um evento de lançamento de vídeos se transformou na sequência em núcleos desse mapa conceitual, onde cada integrante do coletivo *Praias do Capibaribe* podia participar de um ou mais núcleos, sendo de escolha pessoal de cada um a cada ação. Com exceção do *Bar da Praia* e da *Rádio Praia*, nomes reais utilizados desde a primeira Praia, os demais nomes foram criados durante a pesquisa para designar mais

facilmente a divisão do trabalho entre os membros do coletivo. Durante os encontros pré-ações, também chamados de *mergulhos*, todos contribuíam nas decisões do que cada núcleo executaria. Como todos desempenhavam múltiplas funções, embora houvesse a circulação nos núcleos, algumas atribuições tendiam a permanecer inalteradas, atendendo às habilidades de cada profissional e do papel que desempenhavam dentro do grupo. Além dos núcleos relativos às atividades, o coletivo em si também se dividia em dois núcleos, respectivamente chamados: núcleo duro - integrantes oficiais e permanentes do coletivo, responsáveis pelas decisões e realização integral de todas as cerca de trinta ações realizadas. E o núcleo flutuante, formado por parceiros pontuais/ esporádicos, sejam pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, igualmente fundamentais para a realização de ações específicas.

Figura 8 - Rádio Praia, 2012



Fonte: Acervo EQNC.

A *Rádio Praia* era o núcleo de comunicação e como não poderia deixar de ser, foi instituído por Alice Chitunda, a radialista do grupo. Esse núcleo era responsável pela programação musical da rádio com playlists montadas ou djs convidados e entrevistas ao vivo. Também era desse núcleo que saíam as peças de divulgação, teaser, cobertura das ações em foto e vídeo, postagem nas redes sociais do coletivo, *releases* e contato com a imprensa.

Figura 9 - Bar da Praia, 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

O *Bar da Praia* era o núcleo alimentício responsável em fornecer à estrutura necessária de comidas e bebidas para fazer com que o público pudesse permanecer por horas a fio no local da ação. Sabemos que a produção do alimento e o ato de alimentar-se juntos representam momentos de comunhão e fortalecimento do vínculo entre os envolvidos. Alimentar-se diz respeito não só ao paladar, mas aos demais sentidos: tato, visão, olfato. Somos atraídos pelo cheiro e aparência da comida, antes de mais nada. O tempo de saborear é também o tempo da troca, das conversas ao redor da mesa ou da toalha no chão do jardim ou na margem do rio. É o tempo de ouvir o som da água passando, da música ao fundo, do barulho dos carros na rua. O alimento não é só pro corpo é, sobretudo para a alma. Assim, como já acontecia em nossos encontros para discutir e pensar as ações seguintes, onde nos encontrávamos na casa de um de nós e sempre cozinhávamos algo para partilharmos enquanto trabalhávamos, passou a acontecer nas ações propriamente ditas. Isso se deu por dois motivos. O primeiro porque precisávamos gerar alguma receita para viabilizar minimamente os custos das ações: aluguel de cadeiras de praia, compra de guarda-sóis, combustível para o transporte dos músicos e seus instrumentos, caixas de som, piscinas, etc, alimentação de todos os participantes voluntários, fossem do núcleo duro ou flutuantes, compra de materiais para as oficinas, contratação de caminhão pipa, entre outros. O segundo, porque percebemos justamente que o lugar do vendedor de alimentos

era estratégico para alcançar o público, conversar, entender quem eram aquelas pessoas, como elas tinham chegado ali e o que elas buscavam nas nossas ações.

Figura 10 - Praia, 2012



Fonte: Acervo EQNC.

A *Praia* que era o núcleo de ambientação contava com cadeiras de praia, guarda-sóis, piscinas plásticas, mangueira, boias, jogos de praia, redes, mini palco e iluminação extra com gambiarra (fio com diversos bocais e lâmpadas). A gambiarra, entretanto, pode assumir outros sentidos nos fazeres coletivos.

Características como o improviso, novos arranjos, imprevisibilidade e recombinações diversas fazem parte das construções do grupo. Em diversos momentos o coletivo precisou elaborar configurações imprevistas e encontrar novos usos para materiais reaproveitados/reciclados, dialogando com algumas premissas da *gambiarra* citadas por Ricardo Rosas:

Para entender a gambiarra não apenas como prática, criação popular, mas também como arte ou intervenção na esfera social, é preciso ter em mente alguns elementos quase sempre presentes. Alguns deles seriam: a precariedade dos meios; a improvisação; a inventividade; o diálogo com a realidade circundante local, com a comunidade; a possibilidade de sustentabilidade; o flerte com a ilegalidade; a recombinação tecnológica pelo reuso ou novo uso de uma dada tecnologia, entre outros. (ROSAS, p.39)

A gambiarra, então, surge como uma prática e uma estética a partir de necessidades diversas. Se a precariedade e a ausência de recursos são algumas de suas qualidades, a estética

da gambiarra dialoga com a situação social do Recife (do Nordeste brasileiro especificamente), trazendo às construções coletivas do *Praias do Capibaribe* uma coerência social e política, produto de uma *inteligência coletiva*, conceito de Pierre Levy apresentado por Lisette Lagnado.

O flerte com a ilegalidade citado por Rosas e a lógica do “é melhor pedir desculpas, do que por favor” foram táticas utilizadas pelo coletivo em diversos momentos, com relação, por exemplo, à liberação do uso de solo e outras documentações exigidas por órgãos públicos, para que se conseguisse a autorização necessária para ocupações de determinados espaços públicos. Havia entre os membros do grupo a ciência da necessidade desse diálogo e prévia autorização, mas sabia-se também da grande probabilidade de se ter essa licença negada, então era preferível fazer a ação sem autorização prévia e em caso de interpelação das autoridades locais, as desculpas seriam a melhor opção. Em alguns momentos, portanto, havia a necessidade de se burlar certos trâmites burocráticos, para que as ações do *Praias do Capibaribe* se efetivassem.

No que se refere à falta de recursos disponíveis, André Moraes, integrante do grupo, declara:

Outra estratégia para se organizar é que tem que se pensar em estratégias que dêem algum mínimo suporte financeiro por que um dos grandes pesos de se trabalhar de forma voluntária para a cidade, sei lá, voluntários no geral, né? É como conseguir captar recursos para ter a base mínima para poder o evento, a ação da *Praia* acontecer. E como conseguir espaços para conseguir recursos financeiros para não só as ações acontecerem, mas pra gente conseguir viver um pouco dessas ações, ter algum retorno dessas ações, o que aconteceu muito pouco. Foi muito pouco o que a gente conseguiu através dos editais, mas que foi uma grande busca, né? ¹¹(MORAES, 2019)

Ainda pensando na estética da gambiarra como uma prática política, as palavras de Rosas são, novamente, elucidativas:

A gambiarra é sem duvida uma prática política. Tal política pode se dar não apenas enquanto ativismo (ou ferramenta de suporte para ele), mas porque a própria prática da gambiarra implica uma afirmação política. E consciente ou não, em muitos momentos, a gambiarra pode negar a lógica produtiva capitalista, sanar uma falta, uma deficiência, uma precariedade, reinventar a produção, utopicamente vislumbrar um novo mundo, uma revolução, ou simplesmente tentar curar certas feridas abertas do sistema, trazer conforto ou voz a quem são negados. A gambiarra é ela mesma uma voz, um grito de liberdade, de protesto, ou simplesmente de existência, de afirmação de uma criatividade inata. (ROSAS, p.47)

¹¹Entrevista cedida à autora em agosto de 2019.

A reunião de pessoas diversas, de diferentes classes sociais e lugares de fala em torno das ações não apenas do CPC, mas de outros coletivos com os quais interagiu, a exemplo do BijaRi¹² e A Batata precisa de você¹³, demonstram uma linha tênue na distinção entre algumas práticas de movimentos sociais e de coletivos artísticos, além dos momentos de encontro e trabalho conjunto entre essas diferentes conformações de grupos ativistas, como bem coloca Rosas no trecho acima reafirmando mais uma vez o caráter político dessas ações. Para ilustrar essa fala, trazemos a imagem de um cartaz desenvolvido pelo coletivo *A Batata precisa de você*, no intuito de propagar a ideia da ocupação do espaço público tendo a gambiarra como método:

¹²BijaRi - Coletivo de criação em artes visuais e multimídia, composto por artistas, arquitetos, cenógrafos, designers, diretores de vídeo e planejadores que busca construir experiências estéticas que transforme a relação entre pessoas, espaço e sociedade.

¹³A Batata precisa de Você é um coletivo formado por moradores e frequentadores do Largo da Batata (São Paulo – SP) e pessoas dispostas a transformar a Batata em um espaço de estar e não apenas de passagem, buscando transformar um não-lugar em um lugar.

Figura 11 - Cartaz: Como fazer ocupações regulares no espaço público com base na gambiarra?, 2014

COMO FAZER OCUPAÇÕES REGULARES NO ESPAÇO PÚBLICO COM BASE NA GAMBARRA?

1 - O ESPAÇO
Chame os amigos e encontrem um espaço público que tenha potencial, mas não infraestrutura.
* Um espaço perto da sua casa, do seu trabalho, algum lugar que você frequente ou que seja de fácil acesso, é muito bacana!

2 - A LISTA
Façam uma lista de itens simples para deixar o espaço confortável para que vocês fiquem lá algumas horas.
* Coisas que vocês já tenham ou que sejam fáceis e baratas de conseguir.

3 - O DIA
Escolham um dia da semana e um horário fixos pra se encontrarem lá.

4 - A DIVULGAÇÃO
As redes sociais são nossas melhores amigas. Criem um nome bacana e convidem os amigos para fazerem atividades no espaço escolhido.

5 - A FREQUENCIA
Manter a frequência dos eventos é fundamental. Aproveite os eventos para conversar com moradores e comerciantes da região sobre como melhorar o espaço.
* Uma conversa com o poder público também é legal. Procurem a subprefeitura da região.

6 - O CUIDADO
É muito importante cuidar bem do espaço. Sejam convidativos e abertos a todas as pessoas, sempre lembrando de deixar o espaço limpo ao saírem.

DICAS QUENTES

Você pode promover rodas de conversa, feiras de troca, piqueniques, shows, oficinas em que as pessoas do entorno ensinam algo que sabem fazer e mais o que ocorrer ao seu grupo!

É legal incluir no encontro alguma atividade de melhoria, como o conserto de um brinquedo, pintura, plantio, instalação de lixeira...

Pra divulgação não ficar só virtual, envolva os comerciantes e frequentadores locais, para que sejam multiplicadores, divulgando a programação dos encontros.

O que é bacana também é que a agenda de atividades seja aberta a todos que queiram fazer alguma atividade no local.

A CIDADE PRECISA DE VOCÊ

Fonte: A Batata precisa de você/Domínio público.

O conceito de gambiarra utilizado pelo coletivo A Batata precisa de você, vem das pesquisas de Rodrigo Boefleur, para quem:

Acompanhando um momento de mudança na maneira como alguns pensadores e a própria população brasileira têm enxergado sua cultura e identidade, o termo gambiarra tem sido remetido à idéia do pronunciado “jeitinho brasileiro”, numa visão que busca enfatizar em seu próprio povo, uma propensão ao espírito criativo, à capacidade inventiva e inovadora, à inteligência e dinâmica da cultura popular; levando em consideração a conjuntura de adversidades e vicissitudes às quais todos

nós (muitos evidentemente mais) estamos expostos; entendendo-a como uma prática que se aproxima de conceitos como reutilização/reciclagem ou bricolagem. (BOEFLEUR, 2006, p.7)

Nesse sentido temos ainda a interessante contribuição de Levi Strauss e seu conceito de bricolagem no livro “O pensamento selvagem”, onde estabelece a diferenciação de uma lógica científica que pressupõe projeto, método e planejamento de execução e a construção improvisada a partir de narrativas e memórias coletivas. Com as figuras do engenheiro, representando a racionalidade científica e do bricoleur representando a experiência criativa do improvisado, que trabalha com o que tem a mão, sem seguir um projeto configurado previamente. A gambiarra está muito próxima da figura do bricoleur, como podemos observar nesse trecho:

“O bricoleur está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas porém, ao contrário do engenheiro, não subordina nenhuma dela à obtenção de matérias-primas e de utensílios concebidos e procurados na medida de seu projeto: seu universo instrumental é fechado, e a regra de seu jogo é sempre arranjar-se com os “meios-limites”, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e de materiais bastante heteróclitos, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento nem com nenhum projeto particular mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentam (...)”. (STRAUSS, 1989, p.33)

Concluimos que com mais ou menos consciência disso, de forma sistematizada ou não, a maior parte dos coletivos com os quais cruzamos e trocamos experiências, nesses sete anos de atuação, trabalham boa parte do tempo dentro da lógica do conceito da gambiarra que está inextricavelmente ligado a outros conceitos como: o de urbanismo tático ou prototipagem de mobiliário urbano. Estas nomenclaturas são usadas para definir movimentos, que utilizam projetos de rápida execução com o material que se tem a mão, caráter efêmero para demonstrar a possibilidade e o potencial de mudanças em larga escala e a longo prazo no espaço urbano.

Figura 12 – Piscina, Virada Maker, 2017



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

As piscinas chegavam de diversas formas, pedíamos emprestadas, compramos algumas, recebemos doação. Ouso dizer que, para além das questões conceituais do elemento água, certamente esse era o elemento mais atrativo para as crianças.

Figura 13 - Passeio de barco, 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Viver o rio era o núcleo de acesso a água, responsável pela limpeza das margens, pelos passeios de barco, pelo acesso à água no dia da ação - cuidando do pier, plataforma flutuante, piscina flutuante e bolha. Vale salientar que essas estruturas variavam de acordo com o local da ação e que todas as ações não foram iguais, repetindo de forma padrão o que era usado e feito, mas seguindo as mesmas premissas.

Figura 14 - Apresentação musical, 2012



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Artes Integradas era o núcleo dedicado a compor a grade da programação artística, formada por apresentações de linguagens e artistas diversos, como grupos musicais, de dança, performers e circenses. As ações do *Praias* tinham esse poder congregador de unir vários artistas parceiros, que compartilhavam suas artes gratuitamente em prol da mesma causa.

Figura 15 - Oficina de pintura, 2012



Fonte: Márcio Erlich.

Oficinas eram núcleos da ação e pensamento com base na gambiarra, responsável pelas diversas atividades que foram realizadas para os diferentes públicos cooptados pelo *Praias*, de crianças a jovens universitários, profissionais de arquitetura e urbanismo, design, artes visuais, gestores, ativistas etc. Ao longo das ações houveram oficinas de desenho, pintura, stencil, jogos de água, prancha ecológica, tecido, pensar a cidade, prototipar e construir mobiliários urbanos efêmeros etc. Enquanto essa estrutura é aqui descrita, a capacidade de realização e a paixão pelo rio são elementos incontestes, além do amor pela cidade e pelas pessoas que possibilitaram a realização, em média, de uma ação a cada dois meses durante cinco anos seguidos, em paralelo aos empregos e projetos pessoais e de vida de cada um dos integrantes do coletivo.

Naturalmente, o horizonte mais amplo do grupo era chamar a atenção da população para o Rio Capibaribe, promover o convívio cidadão nos espaços públicos de suas margens e integrar as pessoas em torno de temas de interesse comum, unindo temas como: meio ambiente, mobilidade urbana, convívio social, fazer cultural, educação, prospecção de mudanças pessoais e estruturais da sociedade, entre outros. Para que isso fosse possível e fizesse sentido, antes de promovermos um evento festivo, nossas práticas consistiam em: visitar a margem escolhida, mapear o seu entorno (quem morava ali, quais as iniciativas do comércio local, quem eram os parceiros em potencial etc), estabelecer relações com a comunidade local, buscando saber se havia conselho comunitário, quem eram seus líderes, quantas pessoas moravam ali, adultos e crianças, de qual sexo, com que idades etc, apresentar a proposta da ação, verificar sua

aceitação, convidar as pessoas a efetuar um mutirão de limpeza do trecho da margem mais próximo ao local da ação, buscando retirar todo lixo do local, entrando ainda um pouco no rio para conseguirmos limpar também as raízes do mangue etc para só então, após toda a preparação do ambiente, dessa primeira etapa que chegava a durar semanas ou meses entre uma ação e outra, podermos de fato realizar um dia de atividades e festa.

O dia da festa, sempre o mais esperado de todo processo, começava ainda mais cedo e terminava ainda mais tarde que todos os outros, afinal, muita coisa só podia ser feita no dia e as demandas de última hora, necessárias ao pleno funcionamento de todas as proposições, também. Além de muito trabalho, esse era o momento de fruição coletiva: festejar, dançar, cantar, pular, abraçar, mergulhar no rio, na bolha, trocar experiências e aprender muito com *o outro*, registrar com as câmeras, mas sobretudo com os corpos esse dia de sonho em que tudo parecia ser como desejavam que fossem todos os dias, dia de comunhão entre as pessoas e delas com o lugar. Esse mesmo processo de partilha coletiva se dava, então, com a cidade e a natureza (alí mesmo no meio urbano), com o rio, a árvore e o balanço, com o uso afetivo e político dos espaços públicos, com a publicização desses espaços, com os processos educativos construídos conjuntamente.

O grupo, assim, fazia a todos um convite à festa, ao lazer e ao encontro. O prazer descompromissado da festa, por sua vez, irrompe um tempo-espaço suspenso, um espaço aberto às heterogeneidades que possibilita afetos e encontros inesperados, *uma duração a ser experimentada*, como coloca Nicolas Bourriaud (BOURRIAUD, 2009, p.21)

Assim, instauram-se tempos contrários àqueles que ordenam o cotidiano acelerado das grandes cidades - tal qual Recife - insurgindo uma ruptura festiva em meio ao dia-a-dia automatizado, em que a festa e lazer, muitas vezes, são vistos de maneira negativa, frente às demandas do capitalismo neoliberal.

O geógrafo Milton Santos afirma, nesse sentido, que a monocultura dos critérios de produtividade capitalista terminaria por rechaçar tudo o que é taxado de improdutivo e estéril, ou que possa ser associado com ociosidade ou preguiça (SANTOS, Milton *apud* GOMES, 2014, p.8) O lazer só é possível no momento em que o indivíduo se vê emancipado de suas funções e obrigações, quando, na verdade, o lazer e a ludicidade são necessidades nevrálgicas do homem em contextos diversos.

Alguns coletivos brasileiros, como o carioca OPAVIVARÁ também utiliza a festa e a comida como táticas de aglutinação de diferentes públicos. Trazendo a praia como território propositor de questionamentos ético-políticos, o OPAVIVARÁ! realizou em 2013 (e também em outros momentos a partir daí) a ação intitulada *Cangaço*. O grupo produziu cangas de diferentes cores com mensagens que falavam sobre diversidade, violência, questões de gênero, entre outras problemáticas que permeiam não apenas o contexto das grandes cidades, como também o mundo em uma esfera macropolítica. Mensagens como “*Todo poder às praias!*” foram posicionadas na praia do Arpoador no Rio de Janeiro, justamente no período das manifestações de junho de 2013, que tomaram conta do Brasil de uma forma ampla e contestatória. Dessa maneira, as pessoas poderiam ver e vestir as cangas, dançar, performar, sendo seu uso completamente livre. O grupo declara sobre a ação:

As praias sempre foram relacionadas apenas com espaços de alienação, lazer e descanso. No entanto, seu poder de congregar pessoas de todas as áreas geográficas, classes sociais e religiões transforma este espaço numa enorme ágora de areia, sal e sol, capaz de promover encontros e gerar conversas e discussões.¹⁴

Seriam as praias, então, territórios democráticos? Poderiam o lazer e a ludicidade se transformar em potentes ferramentas políticas?

¹⁴disponível em www.opavivara.com.br

Figura 16 - OPAVIVARÁ! Cangaço, 2013



Fonte: www.opavivara.com.br

Nesse mesmo contexto, o grupo também criou as chamadas *cadeiras triplas*, um mobiliário típico das praias que ganha uma dimensão coletiva: ao invés de cadeiras individuais, as cadeiras triplas convidam as pessoas a sentarem lado a lado, configurando-se como tática de aglutinação que conclama novas sociabilidades possíveis. Há, portanto, uma relação dialógica entre as diferentes práticas de coletivos brasileiros na atualidade, demonstrando que algumas reflexões ético-políticas estão presentes em suas ações/intervenções não por mera coincidência, mas provavelmente pelo engajamento social e atenção desses grupos frente às problemáticas das diversas cidades brasileiras.

Agora, que estamos mais familiarizados com a simbologia da água, a história do Rio Capibaribe, o surgimento do coletivo e seus elementos constitutivos, vamos discutir um pouco sobre o que entendemos como espaço público. A partir das ações do coletivo vamos discutir os usos do espaço público como espaço de convivência, práticas artísticas e políticas e de educação não formal na cidade.

Figura 17 - OPAVIVARÁ! Cadeiras triplas, 2013



Fonte: www.opavivara.com.br

3 ESPAÇO PÚBLICO

“Recife, cidade do mangue, incrustada na lama dos manguezais, onde a lama é a insurreição, onde estão os homens-caranguejos, Minha corda costuma sair de andada no meio da rua, em cima das pontes.” (SCIENCE, 1994)

3.1 Recife e seus Espaços Públicos

No ano de 1537, ocorre a fundação da cidade do Recife. O nome da cidade, por sua vez, vem do antigo vocábulo, Arrecife, do árabe *ár-raçif*, que significa calçada, caminho pavimentado, linha de escolhos, dique, paredão, cais, molhe. Geograficamente falando, Recife, popularmente conhecida como a Veneza Brasileira, é essa composição de mar, rios e ilhas. Recife, essa *Manguetown* descrita nas músicas do Movimento Mangue, é uma cidade-mãe de ventre fértil, com uma energia criativa perene transmitida culturalmente através do “DNA” dos seus mangues a todos os seus filhos e servindo também como fonte inspiradora, a diversos outros passantes e filhos adotivos, que aqui vieram morar. Bebemos todos dessa mesma fonte para nossas criações sejam artísticas, sejam de modos de vida. Contudo a criatividade que dá origem a uma cena artística tão contundente quanto a nossa, não vem apenas de sua beleza geográfica, de suas águas e da arquitetura de suas construções, vem também da necessidade de transformação e busca por melhores condições, a qual o seu caos urbano nos impele.

O termo *Manguetown*, conforme Paula Lira, foi cunhado no início da década de 1990 pelo Movimento Mangue, cena artística originada através da união de um grupo de amigos que compartilhavam das mesmas ideias, os integrantes das bandas Mundo Livre S/A e CSNZ (Chico Science e Nação Zumbi) e inspirado nos manguezais, a vegetação que dominava grande parte da planície sob a qual a cidade do Recife foi construída. Segundo a autora, nessa época, Recife acabara de ter sido considerada a quarta pior metrópole do mundo para se viver, segundo pesquisa realizada pelo Instituto *Population Crisis Committee*, em Washington e publicada em 20 de novembro de 1990, pelo *Jornal do Commercio*. A primeira página do jornal mostrava um quadro social que traduzia em número sua alta densidade demográfica: cinco mil e setecentas pessoas por quilômetro quadrado, em que 59% (cinquenta e nove por cento) da população era constituída de pessoas de baixa renda, morando em mocambos/favelas em casas construídas de lata, plástico, papelão, resto de madeira e lonas, sejam nas ruas ou sobre os rios (palafitas). A mortalidade infantil chegava a 122 crianças a cada mil nascidas vivas, além dos altos índices de violência, de poluição do ar e sonora e do congestionamento do trânsito. Três décadas depois, o cenário não apresenta melhorias significativas. A densidade demográfica cresceu para 7 mil

pessoas por quilômetro quadrado, segundo o último censo realizado pelo IBGE, em 2010, sendo a 4ª maior concentração urbana de pessoas numa capital brasileira, perdendo apenas para São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e a 3ª mais violenta do país (2017). Mais da metade da população segue vivendo em condições insalubres.

O modelo de desenvolvimento urbano da capital pernambucana continua atendendo ao sistema capitalista neoliberal, apartado das questões socioambientais, políticas e culturais, devastando seus manguezais, aterrando e construindo sobre seus cursos de água, ignorando a importância desses elementos tanto como recursos naturais, quanto como constitutivos da paisagem urbana. Um exemplo recente desse tipo de construção de grande impacto socioambiental e direcionada ao interesse privado de uma pequena parcela da população, geradora também de um intenso processo de gentrificação¹⁵ é a Via Mangue. Uma obra que remanejou um contingente significativo de ribeirinhos do rio Pina, além de desmatar uma área pertencente ao Parque dos manguezais, tido como um dos maiores manguezais urbanos do mundo, com a finalidade de adequar a malha viária da cidade ao padrão esperado pelas cidades anfitriãs da Copa do Mundo de 2014.

As inúmeras contradições deste modelo de desenvolvimento e sociedade, resultou em uma crescente esfoliação da natureza, e uma crescente distância entre riqueza e pobreza em todas as sociedades nacionais. Nas cidades os ricos se fecham em condomínios cercados, com câmeras, com “segurança”, protegendo-se do diferente, numa apartação cada vez maior (PEREIRA, 2005, pg. 267).

De fato, cidades mais antigas como Recife, possuem um planejamento urbano que se distancia dos ideais modernos hegemônicos e embora no plano teórico sua legislação urbanística tenha uma série de aparatos favoráveis a prática de uma gestão mais democrática, fazer com que essa legislação seja cumprida pelos governantes da cidade tem demandado uma luta constante por parte da população.

Em reação a esse aglomerado de negligências que têm feito parte dos processos urbanos nos países periféricos como o Brasil, vemos despontar uma série de projetos criativos e

¹⁵ Gentrificação - o termo refere-se a processos de mudança das paisagens urbanas, aos usos e significados de zonas antigas e/ou populares das cidades que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas. A concentração desses novos moradores tende a provocar a valorização econômica da região, aumentando os preços do mercado imobiliário e o custo de vida locais, e levando à expulsão dos antigos residentes e comerciantes, comumente associados a populações com maior vulnerabilidade e menor possibilidade de mobilidade no território urbano. Fonte: <http://ea.flch.usp.br/conceito/gentrifica%C3%A7%C3%A3o>

inspiradores que tentam propor novas narrativas e rotas para cidades mais humanas. É o caso do MOE¹⁶, do grupo *Direitos Urbanos*¹⁷, o bloco carnavalesco *Empatando a tua vista*¹⁸, da *Ameciclo*¹⁹, entre tantos outros surgidos concomitantemente ao *Praias do Capibaribe* na cidade do Recife. “Agrupamentos heterogêneos, então, apontam novas possibilidades de ação coletiva, que tentam criar algo radicalmente novo” (GEHL, 2015, p.22), novos espaços de ação ético-política.

Figura 18 - Troça Empatando a tua vista, 2015



Fonte: <https://direitosurbanos.wordpress.com/>

Não obstante o pensamento a seguir venha de um arquiteto europeu – que certamente possui uma experiência diversa de cidade daquela referente ao Brasil/América Latina – achamos interessante com ele estabelecer uma interlocução: segundo Jan Gehl, após muitos anos, finalmente, acumulou-se um grau razoável de conhecimentos em relação à conexão entre forma

¹⁶MOE (Movimento Ocupe Estelita) – movimento social de caráter multidisciplinar formado por membros diversos da sociedade civil, na luta contra as empreiteiras, em favor da manutenção da paisagem da cidade, com a preservação das edificações dos galpões do Cais José Estelita, preservando a ventilação do centro da cidade, o direito ao usufruto do espelho d’água do rio Capibaribe e o respeito às leis municipais que veram sobre o tema.

¹⁷D.U.(Direitos Urbanos) – grupo formado por pessoas em torno do desejo comum de participar mais ativamente das decisões políticas que regulam ou interferem na vida social da cidade do Recife, buscando alternativas de ação quando o interesse da cidade fica esquecido pela representação política formal.

¹⁸A Troça Empatando tua Vista é um ato político-folião crítico à verticalização excessiva, que negligencia o planejamento urbano na cidade de Recife-PE.

¹⁹Ameciclo(Associação Metropolitana de Ciclistas do Grande Recife) pretende transformar as cidades, através da bicicleta, em ambientes mais humanos, democráticos e sustentáveis, influenciando técnica e politicamente as ações e os planos em mobilidade urbana da RMR, sendo referência na luta pela bicicleta como modo de transporte no dia-a-dia, sensibilizando as pessoas e transformando o ambiente urbano de volta à escala humana.

física e comportamento humano nas cidades (*Ibidem*, p. 14). Dessa forma, temos uma gama considerável de informações sobre o que deve e pode ser feito: ao mesmo tempo, as cidades e seus habitantes tornaram-se muito ativos na reivindicação por um urbanismo voltado às pessoas (*Idem*). Poderíamos aqui, também, retomar as premissas de David Harvey, que afirma que o direito à cidade (citando Henri Lefebvre) supera apenas o poder de usufruir dos seus diferentes recursos: trata-se do direito, acima de tudo, de transformá-la, reinventá-la de acordo com nossos mais profundos desejos (HARVEY, 2014, p.28). Sem dúvida, essa era uma das premissas do coletivo *Praias do Capibaribe*, assim como de diversos outros movimentos e grupos que produziram importantes ações na cidade do Recife na última década.

Figura 19 - Movimento Ocupe Estelita, 2015



Fonte: Passa a Palavra.

Assim, os espaços públicos estão formados por duas dimensões, sendo uma física/material e outra subjetiva/simbólica, em constante e necessário diálogo, pois como nos lembra Milton Santos, o espaço prescinde de uma realização social. Para Santos, “a disposição física dos objetos interage com as práticas sociais, o espaço geográfico é uma forma-conteúdo, um conjunto de interrelações entre os sistemas de formas físicas e os sistemas de ações sociais” (SANTOS, 1996).

Existe uma tendência a que se pense esse espaço a partir de uma lógica binária e de oposição dos conceitos público e privado, onde imagina-se que o conceito de privado estaria relacionado a lugares onde o acesso é pago e por isso excludente a determinados grupos sociais e o conceito de público pressupõe lugares abertos, gratuitos e de livre acesso. No entanto há uma gama maior de conceitos relacionados ao espaço, como coletivo ou comum, por exemplo, que não cabem nesse binarismo. Habermas (1984) defende a ideia de que “há uma necessária

combinação de reforços do estatuto de um sobre o outro, uma vez que eles participam de um mesmo campo de fenômenos”.

Então, o que torna de fato um espaço público? Sua classificação ou o uso que se faz dele? Para Paulo Cesar Gomes, praças, parques, ruas e até mesmo shoppings e outros estabelecimentos são efetivamente públicos, mesmo quando submetidos a um regime de propriedade privada. Se um espaço como um parque tem seu uso restringido pela colocação de cercas, grades e outros tipos de vigilância contínua, contribuindo para o cerceamento das liberdades, como a presença de um policiamento constante (por exemplo, elementos que inibam a presença da diversidade, das diferentes classes sociais presentes na sociedade civil) seria esse espaço classificado como público? Na prática não o é, pois não permite que sua dimensão política seja atendida, uma vez que se restringe o acesso democrático e livre para todos, eliminando os dissensos, as diferenças, tudo aquilo que efetivamente publiciza um determinado espaço.

Ainda segundo Gomes, o que caracteriza um espaço público seria a presença das seguintes características:

1 – copresença de indivíduos. 2 – manifestação do princípio da publicidade (capacidade do indivíduo de fazer uso da sua razão em público, sem obstáculos) de confrontá-la com outros indivíduos e assim contribuir na constituição de uma opinião pública. 3 – acessibilidade regulamentada. 4 - isonomia. (GOMES, 2012)

Como espaço físico, o espaço público pode ser composto por praças, ruas, avenidas, praias, etc. O fundamental é que seja um espaço, qualquer um, onde não haja obstáculos, senão normas gerais e lógicas para o acesso e a participação de todos os cidadãos. Prossegue Gomes: “Em resumo, de um ponto de vista geográfico, o espaço é simultaneamente o substrato no qual são exercidas as práticas sociais, a condição necessária para que essas práticas existam e o quadro que as delimita e lhes dá sentido”.

As manifestações da vida social nos espaços públicos, para o autor, são *maneiras de ser nesses espaços*, capazes, portanto de unir uma dimensão física de co-presença a uma dimensão mais abstrata de comunicação social. Por isso nunca é demais insistir: o espaço público pode ser visto simultaneamente como um lugar material e imaterial, sendo esse último elemento aquilo que Hannah Arendt denominou de *Esfera Pública*: o lugar das trocas simbólicas, discussões e fricção dos diferentes pontos de vista. “Poderia ser, também, o local onde o cidadão

pode ver e ser visto (visibilidade e reconhecimento), lugar de encontro com a alteridade diferenciadora do diálogo permanente e renovado” (GOMES, 2012)

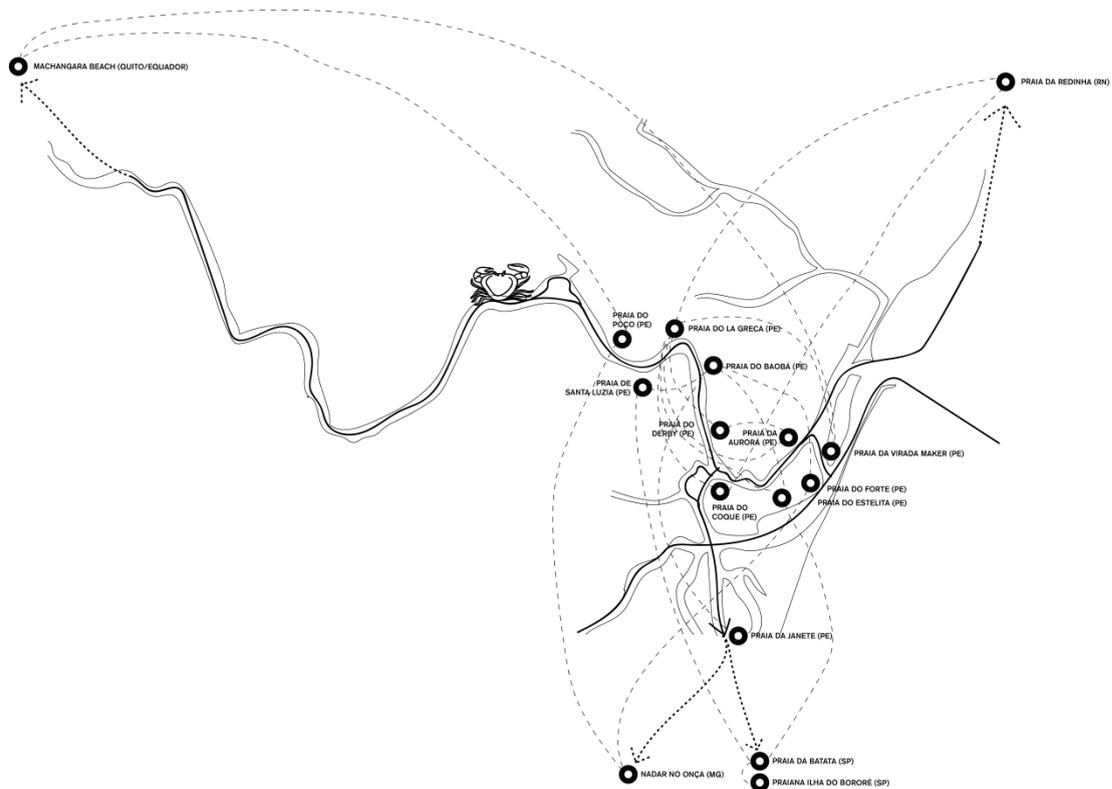
Percebemos a partir dessas definições, a apropriação de ambas dimensões do espaço público pelo coletivo *Praias do Capibaribe*, pois tanto suas ações tinham a função de ocupar fisicamente os espaços das margens do rio Capibaribe, modificando a paisagem da cidade, mesmo que de forma temporária, quanto promovendo o uso desses espaços como lugares de encontro e troca entre os cidadãos, incitando o embate entre sociedade civil e poder público a despeito da existência de uma co-responsabilidade de ambos em relação a esses espaços. Se por um lado, havia o entendimento de que a forma desses espaços é de responsabilidade do poder público, por outro havia a reivindicação de uma participação democrática no processo de construção dessa forma. As ações, através da prototipagem de mobiliários urbanos, permitiam a expressão dos cidadãos em demonstrar idéias práticas, concretas e estéticas de como o estado podia atender aos anseios desses cidadãos por espaços mais humanizados, lúdicos, que promovam condições de permanência por um tempo estendido. Ao mesmo tempo em que fazia coro com os diversos grupos e instituições já existentes na reivindicação de políticas públicas de saneamento, de tratamento de esgoto e de limpeza das águas do rio, em toda extensão de sua bacia hidrográfica. Como forma de contribuir com essa parte, o CPC promovia multirões de limpeza nas margens e coleta seletiva do lixo produzido em suas ações, exibição de vídeos, oficinas e debates buscando promover uma consciência ambiental aos cidadãos, retomando o discurso da co-responsabilidade entre as duas instâncias: poder público e cidadãos, na construção e manutenção desses espaços.

Essa pressão por melhorias físicas definitivas junto ao apelo visual promovido pelos meios de comunicação (jornais, rádio e, sobretudo, a TV, pois o CPC ganhou visibilidade nacional, tendo suas ações veiculadas em importantes programas na TV aberta) atreladas a essas demonstrações de funcionamento prático (as ações) geraram e continuam gerando respostas do poder público, a exemplo da criação do projeto do Parque Capibaribe que deu início a um processo de requalificação das margens, hoje em andamento no bairro das Graças, já tendo a imensa conquista que representa a construção do Jardim do Baobá.

Do ponto de vista subjetivo, supomos também haver ganhos, pois nos parece que uma reflexão crítica a respeito do significado do conceito de espaço público e diversos outros conceitos aqui relacionados, foi instaurada entre os participantes das ações, ecoando ainda bem mais além e adiante do que o limite geográfico da cidade do Recife..

3.2 Litoral ou quando o rio virou praia

Figura 20 - Mapa conceitual, 2020 de André Moraes



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

O *Praias do Capibaribe* atuou em diversos pontos da cidade, como pode-se ver na linha do tempo, também chamada de *litoral*. Seu início se deu na divisa dos bairros de Parnamirim e Casa Forte, no jardim do MMLG, seguindo para o bairro do Derby, no quintal do IAB e estacionamento da FUNDAJ, depois para a Rua da Aurora no bairro de Santo Amaro no centro da cidade, Cais José Estelita na Ilha de Antônio Vaz que liga o bairro do Cabanga ao de São José, onde também acionou o Museu da Cidade do Recife no Forte das Cinco Pontas, chegando na Comunidade do Coque na Ilha de Joana Bezerra, passando depois pela comunidade de Santa Luzia no bairro da Torre, chegando ainda no bairro das Graças, onde hoje se situa o Jardim do Baobá e no bairro do Poço da Panela .

A escolha de cada lugar também se deu por diferentes motivos. Inicialmente, como já mencionado, as ações aconteciam na margem do rio em frente ao Museu Murillo La Greca, pela

relação que havia se estabelecido entre o EQNC e o museu, sendo as ações intituladas *Praia do La Greca*. Em 2013, a minha saída da gestão do MMLG, para assumir a coordenação de Artes Visuais da FUNDAJ, trouxe um novo momento de reflexão para o grupo sobre a continuidade ou não das ações. E ficou claro para todos os integrantes do grupo, que embora meu papel institucional tivesse sido estratégico durante aquele período para manter as ações acontecendo com o apoio da infra-estrutura de um equipamento público, esse não era um fator condicionante para a sua continuidade. Nesse momento, pessoas que permaneceram funcionárias do museu, optaram por continuar sendo parte do coletivo que geria essas ações de ocupação do espaço público, onde quer que elas pudessem acontecer. Foi um salto importante para o coletivo e com essa constatação, percebemos que não precisávamos com a minha saída, encerrar nossa atuação no local e nossa relação com a comunidade da Vila Vintém. O grupo deixou claro para a nova gestão de que essa ideia/ação/projeto não pertencia à instituição e não permaneceria com ela. Claro que qualquer atuação da instituição e da nova gestão em prol do rio, da comunidade e do uso do espaço público em seu entorno eram muito bem vindas, mas o grupo quis reforçar a questão da autoria do projeto, do nome e do público já construídos com o trabalho conjunto.

Entre os anos de 2011 e 2012, foram realizadas cinco ações no MMLG e mais duas fora dele, sendo uma no Derby, na margem do quintal do IAB (Instituto de Arquitetos do Brasil) e outra no centro da cidade, na Rua da Aurora, em parceria com a edição zero do evento *Aurora Eco Fashion*²⁰. Nos anos que se seguiram, ainda realizamos mais cinco edições da *Praia do La Greca* em 2013 e mais três em 2014, já em parceria com a nova gestão do MMLG, sob a diretoria de Bárbara Collier. Totalizando catorze *Praias do La Greca*, o que representa quase 50% (cinquenta por cento) do total das ações promovidas pelo coletivo. Em 2013, o grupo se propôs a participar de uma das ações de ocupação do Cais José Estelita, promovidas pelo Movimento Ocupe Estelita (MOE), já citado, e do qual alguns dos integrantes do *Praias do Capibaribe* faziam parte, afinal, havia o entendimento de que mesmo partindo de lugares diferentes, as lutas convergiam para o mesmo lugar: o direito à cidade. A *Praia do Estelita*, então, tornou a acontecer em 2014 com bem mais corpo e amplitude. Entre as duas *Praias do Estelita* o engajamento no MOE surgiram laços frutíferos, com bastante intensidade, e a temática do Estelita e do direito à cidade se intensificou em todas as ações do coletivo, o que em 2014, junto a outras questões políticas, acabou por provocar o rompimento da relação institucional entre o coletivo e o MMLG, uma vez que se tratava de um equipamento da Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) e que a gestão da PCR era absolutamente contra o MOE

²⁰Aurora Eco Fashion -

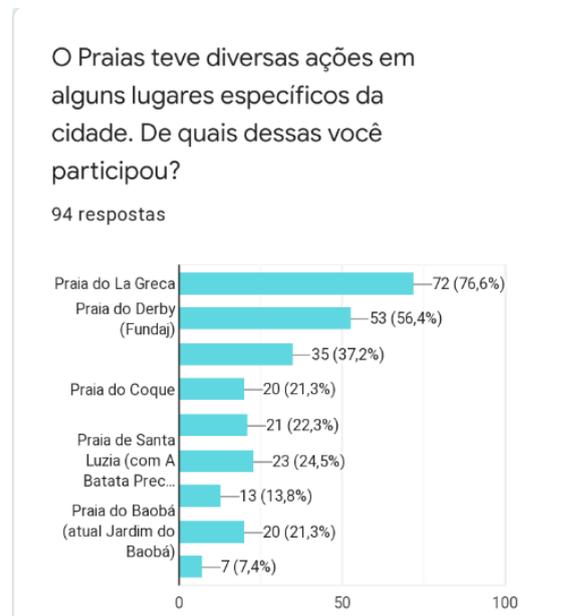
e a favor das empreiteiras. Ainda em 2014, que certamente foi o ano mais produtivo e de amadurecimento do coletivo, em inúmeros aspectos, ocorreram outras duas ações importantíssimas, a *Praia do Derby*, que contou com uma série de apoios institucionais e de outros coletivos internacionais, sendo a maior de todas as ações feitas pelo coletivo, e a *Praia do Coque*, dentro da Comunidade do Coque, uma das ações que mais mobilizou afetivamente o grupo. Foi nesse ano, também, que novos integrantes vieram se somar ao grupo, finalmente fazendo surgir um coletivo artístico, em que as reflexões internas foram intensificadas. Nesse sentido, o grupo conseguiu aprovação em dois editais que o levou a atuar pela primeira vez fora da cidade do Recife, na *Praia da Redinha* no rio Potengi, em Natal – RN e em São Paulo - SP no ano de 2015. A ação em São Paulo foi parte de uma residência artística do coletivo *Praias do Capibaribe* com o coletivo *A cidade precisa de você* (o mesmo que *A Batata precisa de você*) e ainda dentro do programa dessa residência e em colaboração com esse mesmo coletivo, foi realizada a última ação que se situa dentro do período de investigação que essa pesquisa propõe, a *Praia de Santa Luzia*.

O coletivo, então, seguiu com ações cada vez mais esparsas e atendendo a convites até o início de 2018, abarcando outros lugares da cidade, como o Recife Antigo com a *Praia da Alfândega*, parte integrante de evento *Virada Maker*²¹ e a praia de Boa Viagem, dentro e fora da Galeria Janete Costa, no Parque Dona Lindu, todavia essas ações não serão analisadas no presente estudo.

De acordo com a pesquisa em questão, tanto para os integrantes do coletivo, que participaram de longas entrevistas, quanto para o público que respondeu a um questionário mais simplificado, as ações mais significativas tanto do ponto de vista afetivo, quanto de frequência de público foram as *Praias do La Greca* (setenta e seis por cento), *do Derby* (cinquenta e seis por cento), *do Estelita* (trinta e sete por cento) , *Santa Luzia* (vinte e cinco por cento), como demonstra o gráfico abaixo, e por isso essas quatro experiências serão melhor descritas a seguir.

²¹*Virada Maker*

Figura 21 - Gráfico da resposta da pergunta n°7 do formulário Google de pesquisa



Fonte: Acervo pessoal

A ação no Coque, apesar de ter possuído menor c6orum (vinte e dois por cento) nas respostas do formul6ario 6 apontada nas entrevistas abertas como uma das mais importantes para os integrantes do n6cleo duro do coletivo. Infelizmente, por quest6es de tempo e organiza76o desse estudo, essa a76o n6o ir6 compor essa parte descritiva das a76es do coletivo.

3.2.1 Praia do La Greca (2011- 2014) - 15 edições

Figura 22 - Convite virtual Praia do La Greca, 2011



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

A *Praia do La Greca*, sob o slogan do EQNC: *Prepare sua toalha!* representa o início do coletivo e quase cinquenta por cento das ações empreendidas por ele. O desenho do mapa conceitual, a base para as demais ações e as bandeiras levantadas pelo coletivo de ocupação do espaço público, direito à cidade, ativismo, eco-cidadania, transformação pela arte, entre outras questões importantes, nasce nesse momento, em meados de 2011. São nessas primeiras ações que se estabelece o conhecimento básico e a conscientização ambiental sobre a realidade do rio e sobre a mudança de atitude necessária diante dessa realidade, capaz de transformar nossa relação com o rio, com a cidade, com as pessoas, com o mundo.

Na primeira *Praia do La Greca* onde havia o objetivo claro de se fazer o lançamento dos mini documentários mais recentes do EQNC, os três entrevistados ao vivo pela *Rádio Praia* foram os personagens das Cápsulas Verdes: Irmã Valéria, Edi e seu Mita. O *Bar da Praia* foi formado por irmã Valéria que trabalhou vendendo seus salgados, junto a Edi, responsável pela venda de bebidas (água, cerveja, refrigerantes).

Alba Valéria, popularmente conhecida como Irmã Valéria, na época com quarenta e quatro anos, nascida e criada na comunidade dos Coelhos, era vendedora de coxinhas e personagem de um dos episódios das *Cápsulas Verdes*. Já há três anos, ela usava seis litros de

óleo por semana para fritar os salgados que produzia e descartava esse óleo usado na boca de lobo que havia perto da sua casa, sem saber que esse dejetos iria direto para o rio Capibaribe, contribuindo maleficamente para a poluição de milhares de litros de água. Até que um dia, uma empresa coletora de óleo, a Bumerangue, passou pela sua porta e ela perguntou do que se tratava e descobriu que poderia ligar e essa empresa viria e coletaria seu óleo usado em sua casa, fornecendo inclusive o recipiente necessário a coleta. A partir daí (cerca de seis meses antes de ser mapeada pelo projeto), Irmã Valéria passou a reciclar todo óleo que usava em seu trabalho, passando a contribuir com a limpeza do rio.

Nessa e em algumas outras edições da *Praia do La Greca*, Edi foi responsável por transportar toda estrutura da sua barraca, a *Barraca do Edi*, diretamente da praia de Casa Caiada para o jardim do museu, trazendo suas cadeiras de praia e guarda-sóis. O fato das ações ocorrerem aos domingos, no entanto, foram um fator impeditivo para a continuidade da participação de Edi, que não dispunha de material suficiente para estar com seu ponto na praia de Casa Caiada e na ação do *Praias do Capibaribe* ao mesmo tempo, e por considerar que permanecer com seu público em Casa Caiada era mais rentável e por essas questões tomou essa decisão. Para o coletivo isso foi o incentivo perfeito para que assumisse o *Bar da Praia* e a partir daí os guarda-sóis e as cadeiras passaram a ser alugados. Com o tempo, o grupo conseguiu adquirir seus próprios guarda-sóis, mas seguimos alugando as cadeiras de um vendedor da Praia do Pina, morador da comunidade de Brasília Teimosa, seu Ronaldo.

Seu Mita, um senhor idoso, com mais de sessenta anos, integra a terceira geração de uma família de barqueiros, trabalha transportando pessoas pelo Capibaribe no trecho que liga o bairro da Torre ao bairro da Jaqueira. Além dessa curta travessia que não dura mais que cinco minutos para os passageiros, trabalha também fazendo passeios em trajetos mais longos pelo rio, desde o centro da cidade, a partir da ponte do limoeiro, até o bairro de Casa Forte.

Vale salientar a importância da presença de Irmã Valéria, Edi, seu Mita e demais atores das *Cápsulas Verdes* sobretudo, na primeira edição/ ação da *Praia do La Greca*, não só pelo papel fundamental que desempenharam nas funções exercidas durante a ação, mas também porque suas imagens foram exibidas no *outdoor* do jardim para um razoável número de pessoas, além de terem sido entrevistados ao vivo na *Rádio Praia*, e ter o reconhecimento público do trabalho e esforço que desempenham como cidadãos, contribuindo para a construção de uma cidade melhor e mais humana.

Figura 23 - Margem do Rio Capibaribe/ Praia do La Greca, 2015



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Seu Mita, Edi, Irmã Valeria, sem dúvida, são “os praticantes ordinários da cidade, que recriam seu cotidiano com procedimentos multiformes, astúcias e teimosias” (DE CERTEAU, 1998), cidadãos que vivenciam a cidade propondo diferentes usos e apropriações de seus espaços a partir da criatividade e de necessidades diversas. Ajudam a construir, em uma esfera micropolítica, pequenas histórias, trocas simbólicas e afetivas, que compõem o tecido social do meio urbano, que muitas vezes apresenta-se segregador e propositor de fronteiras (não apenas materiais, como também simbólicas) trazendo a sensação, muitas vezes, que são sufocantes e intransponíveis.

Se as grandes cidades apresentam-se cada vez mais caóticas e norteadas por vetores como a velocidade e a competitividade, certas errâncias e desvios terminam por criar rotas inusitadas, marcadas pela lentidão, pelo afeto e pela coletividade, aquilo que Milton Santos chama de *sistemas de solidariedade* (SANTOS, 2014, p.323) Assim, surge uma cidade onde novas relações são possíveis, “com uma gama infinita de situações, como uma fábrica de relações numerosas, frequentes e densas” (Ibidem.p.318-319) A participação desses personagens nas diferentes edições do *Praias*, então, remete-nos à importância do *homem lento* (SANTOS, *Op. Cit.*), que estaria sempre encontrando novos usos e finalidades para objetos e técnicas que permeiam a cidade enquanto constructo social, sendo propositores, também, de novas articulações e práticas na vida social e afetiva.

No caso das edições da *Praia do La Greca*, tínhamos um enorme facilitador que foi a minha presença como gestora do espaço durante os dois primeiros anos do coletivo. Meu contato com os moradores da comunidade vizinha, a *Vila do Vintém* não se restringia às ações das *Praias*, mas era diário. No museu havia um núcleo educativo, coordenado por Isabela Stampanoni, sendo esse núcleo responsável por desenvolver atividades arte-educativas com as crianças da comunidade, duas vezes por semana, regularmente, além de manter as portas abertas

para que elas viessem em outros dias e horários não estabelecidos, sempre que desejassem. Se a presença das crianças se dava de forma espontânea e assídua, a dos adultos caminhava na direção oposta. A barreira invisível estabelecida entre o espaço sacralizado do museu e os adultos daquela comunidade era algo quase intransponível. Quando alguma criança ia para lá sem avisar e quando uma mãe vinha atrás dela, parava subitamente na mureta do espaço e se punha a gritar da calçada pelo nome da criança, e por mais que fosse convidada para adentrar o ambiente, era inútil o convite. Como as *Praias do La Greca* começaram concomitantemente a minha gestão no museu, não saberia diferenciar como era o envolvimento das crianças nas atividades antes delas, mas sei que o fato de existirem, de haver um evento com uma temática definida e um público certo sendo esperado estimulava essas crianças a desenvolverem produtos artísticos para serem exibidos nessas datas. Essas ações contribuíram também para que aos poucos, alguns desses adultos, comesçassem a entrar, fosse para assistir a apresentação da sua criança, fosse para tomar uma cerveja. Evidentemente, todos da comunidade, adultos e crianças, eram convidados a participar de todas as atividades do museu, incluindo as visitas guiadas às exposições, atividades dirigidas em cima do conteúdo das mesmas, etc. No entanto, a oficina regular que as crianças frequentavam, no geral, tinha temática livre, as técnicas trabalhadas variavam e procuravam atender as demandas trazidas por eles. O líder natural deste grupo de crianças, um menino adolescente chamado Danilo, tinha muita facilidade e talento em desenvolver coreografias, de maneira que um dos principais produtos artísticos produzidos por eles e apresentados nas *Praias do La Greca* foi uma dança, sendo desenvolvidos figurinos e outros adereços para as apresentações. . Eles chegaram a relacionar as atividades no museu com as atividades escolares e em uma das edições, apresentaram uma “palestra” sobre a reciclagem do lixo e trouxeram objetos reciclados de fabricação própria para venda. Um sucesso!

Figura 24 - Apresentação da dança Salve a Mãe Natureza, pelos meninos da comunidade Vila Vintém, 2012



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Participar das ações das *Praias*, como se tratava de um evento aos domingos e com uma extensa duração de até mais de doze horas, era uma atividade facultativa aos funcionários da instituição, visto também, que embora acontecesse em parceria e nas dependências físicas do museu, era uma atividade independente que contava com uma equipe mista, sendo a maioria dos voluntários externos a equipe da instituição. Da equipe do museu, além de mim, faziam parte do coletivo, Rômulo Francisco, funcionário de serviços gerais e montador de exposições do museu (na época em formação nessa função) e posteriormente Carol Corrêa, estagiária do educativo e da produção, na época, estudante de graduação em artes cênicas.

Ao longo das ações das *Praias do La Greca*, diversas oficinas aconteceram e serviram como importante ferramenta de diálogo com o público, de debate, troca de ideias e espaço de criação. Sobre essas oficinas gostaria de citar algumas geradoras de frutos importantes, como é o caso da oficina promovida junto aos criadores da plataforma mineira *Piseagrama*²² de onde saiu a ideia da promoção de “mergulhos” no Capibaribe através de uma bolha plástica em escala humana que permitiria o acesso a água e que além de ser um novo elemento lúdico para as ações atraindo a atenção, tinha um discurso político embutido e até autocrítico sobre as bolhas em que vivemos. Será que as ações do coletivo conseguiram furar alguma bolha ou constituíram um

²²*Piseagrama é uma plataforma editorial dedicada aos espaços públicos – existentes, urgentes e imaginários – e além da revista semestral e sem fins lucrativos, realiza ações em torno de questões de interesse público como debates, micro-experimentos urbanísticos, oficinas, campanhas e publicação de livros.*

movimento de bolha? Para possibilitar a compra da bolha, foi criado então uma vakinha em uma plataforma de financiamento coletivo e cada mergulho foi vendido ao preço de dez reais, até atingir o montante necessário para a compra da bolha, do inflador e do gerador, equipamentos necessários ao seu funcionamento. Essa oficina aconteceu em fevereiro de 2013, a ação seguinte, no mês de março foi junto ao Movimento Ocupe Estelita, onde aproveitamos para divulgar o coletivo e vender mais mergulhos, mas até o processo de compra ser concluído e conseguirmos construir uma plataforma flutuante em mais uma oficina, para possibilitar o acesso à água em qualquer ponto da margem, sem o risco de ter a bolha rasgada pelas raízes do mangue ou pelo lixo (pedaços de latas e garrafas de vidro, presos na vegetação, já era novembro. Foi então no dia 24 de novembro, dia do Rio Capibaribe, que lançamos a bolha pela primeira vez, bem no coração da cidade, no centro do Recife, na margem da Rua da Aurora, junto com uma série de ações pensadas intervenções e performances pensadas para homenagear, em parceria com o evento: *Aurora Eco Fashion*.

Figura 25 - Ingresso para mergulho no Capibaribe através da bolha, 2012

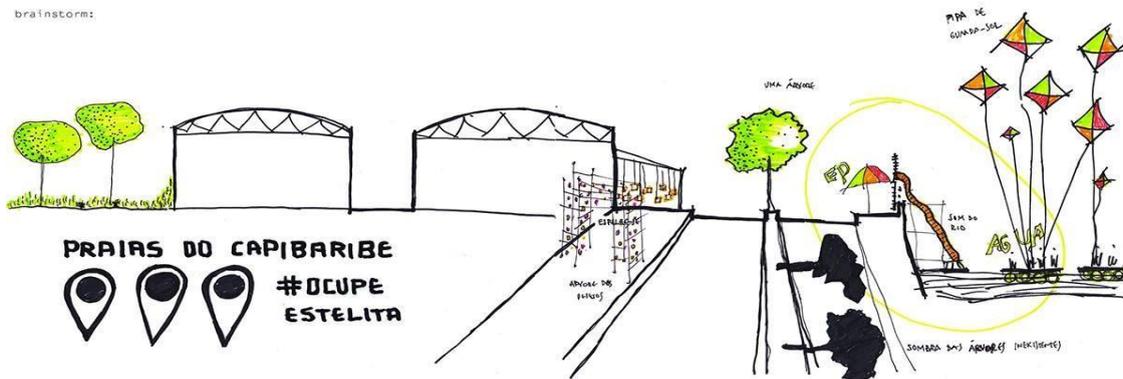


Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Das oficinas acontecidas durante as Praias do La Greca, destacamos essa que marca o surgimento desse elemento como um dos símbolos das ações do coletivo, contudo houve diversas outras, tanto para a construção de mobiliário, jardim, pranchas de garrafas pet, discussões de diversos temas, pintura, desenho, pintura de uma faixa de pedestre na rua entre outras.

3.2.2 Praia do Estelita

Figura 26 - Brainstorm Praia do Estelita, 2014 com desenho de André Moraes



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

O antigo *Cais José Estelita* estava localizado na Ilha de Antônio Vaz, ligando os bairros de São José e Cabanga. Uma área de mais de 100,000m² voltada para o rio Capibaribe e a Baía do Pina, onde outrora funcionou a Rede Ferroviária Federal (RFFSA), a segunda do Brasil, também chamada de *Estrada de Ferro Recife ao São Francisco*, construída sobre um enorme aterro no começo do século XX (1858). O terreno da antiga RFFSA, onde se encontravam também os armazéns de açúcar que serviam ao Porto do Recife e que mesmo após sua desativação seguiu sendo cartão postal da cidade, é vendido através de um leilão, pelo então prefeito da cidade do Recife, João Paulo (PT), para o consórcio *Novo Recife*, formado pelas construtoras: Moura Dubeux, Queiroz Galvão, GL Empreendimentos e Ara Empreendimentos. Quatro anos mais tarde, em 2012, o consórcio *Novo Recife* apresenta o projeto imobiliário que pretendia construir 12 torres residenciais e comerciais de alto padrão, com até 40 andares na área do Cais José Estelita e inicia a demolição dos galpões. O projeto *Novo Recife* é o retrato falado da arquitetura do medo, que cresce a olhos vistos no séc. XXI nas cidades do nosso Brasil. Uma arquitetura pautada na falsa segurança propiciada por câmeras de vigilâncias, grades, cercas elétricas, muros altos etc que na verdade só promove a exclusão e acentua a falta de convívio social no espaço público, destituindo - o de sua função primária. O projeto porém não apresentava estudos de impactos ambientais, nem de vizinhança, além de outra série de ilegalidades juridicamente comprovadas nos inúmeros processos movidos pelo Ministério Público do estado de Pernambuco e membros da sociedade civil, remontando a sua venda feita de forma ilegal e fraudulenta. Ainda assim, o poder público, agora na pessoa do prefeito Geraldo

Júlio (PSB) seguiu de mãos dadas com a iniciativa privada, aprovando o que fosse necessário para a construção do empreendimento em troca de favores políticos escusos.

Nesse momento, diversos setores da sociedade civil levantam suas diferentes bandeiras, de ciclo-ativistas, LGBTQIA+, moradia popular, comércio informal, descriminalização da maconha, entre outras e se unem (sejam estudantes, professores, arquitetos, urbanistas, artistas e ativistas em geral) para protestar e impedir que esse projeto seja aprovado e construído à revelia. Assim surge o Movimento Ocupe Estelita, um movimento de luta pelo direito à cidade. Mas o que seria esse direito à cidade? Para além do direito ao uso dos espaços urbanos, o direito à cidade diz respeito a podermos exercer nossas subjetividades, sendo aceitos por quem somos, com todas as nossas diferenças. O direito à cidade é, portanto, o direito humano à diversidade, ameaçado pela burguesia e seu ponto de vista fixo sobre um único modo de existir no mundo, fazendo com que não seja aceitável que diferentes formas de agir e pensar possam co-habitar o mesmo espaço.

O início das obras no Cais, sem a documentação legal exigida, propiciou esse levante por parte da população recifense e durou sete anos (2012- 2019), sendo os anos de 2013 e 2014 os mais intensos dessa luta, dando visibilidade e ênfase a ameaça sofrida pelos espaços públicos diante da captura do Estado pelas grandes corporações neoliberais até, por fim, o sistema capitalista e os detentores do poder político vencerem mais essa batalha contra o povo e seu caráter múltiplo, aberto e polifônico.

Todavia, o MOE (Movimento Ocupe Estelita), o que ele discute e simboliza não está preso apenas a importância da preservação da paisagem e memória da cidade do Recife, mas está atrelado a uma onda de movimentos de ocupação, que se deram em cadeia nos mais diferentes lugares do globo ao longo do ano de 2011, os *Occupy*, e seguiram durante os anos seguintes, instaurando uma nova forma de fazer política, através de “comunicações via internet que acabam tendo esse papel de mediação e interlocução entre os movimentos sociais” (GOHN, 2015, p. 31), levando milhares de pessoas a se organizarem primeiro no âmbito virtual, com o surgimento do “cyberativismo” e em seguida tomarem as ruas pelos mais diversos motivos.

Podemos dizer que a semente dessas manifestações foi plantada pela “crise econômico-financeira internacional após 2008, quando surgem novas modalidades de movimentos sociais, como o Movimento dos Indignados, de caráter transnacional, presente como forte expressão na Europa, no Oriente Médio e em Wall Street/Nova York” (idem), bem como o Fórum Social Mundial sediado em Porto Alegre (2008).

Essa estratégia e ao mesmo tempo objeto de luta, através da ocupação do espaço urbano, “mostra como o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado” como bem nos disse David Harvey, durante sua conferência “Economia Política da Urbanização: acumulação do capital e direito à cidade”, proferida no dia 17 de novembro de 2014 em Recife.

Há muito que se dizer e contextualizar sobre o Movimento Ocupe Estelita e facilmente nos deteríamos inúmeras páginas versando sobre esse tema, com o sério risco de mudarmos o foco dessa pesquisa, tamanho foi o envolvimento de todos. Em linhas gerais, a temática do direito à cidade era o ponto de intersecção entre o MOE e o coletivo. O MOE apesar de lutar por um espaço específico envolvia questões urbanas e discussões políticas mais abrangentes. As ações do CPC não travaram brigas jurídicas com o Estado, pelo contrário, estiveram associadas a equipamentos e projetos pertencentes a ele em diversos momentos e objetivavam despertar o interesse dos participantes pelo rio e pelo cuidado geral com o meio ambiente e com a cidade. O encontro entre o CPC e o MOE se deu de forma natural, pois em paralelo a existência do coletivo, cada um de seus integrantes buscava formas de contribuir para um desenvolvimento de um percurso que nos levasse ao imaginário do modelo de cidade no qual gostaríamos de viver. Quando nos demos conta, o CPC estava contido no MOE e dessa forma, assim como os demais participantes do MOE, cada um contribuía como podia a partir dos seus saberes e do lugar ocupado dentro da sociedade. Estivemos presentes então, como cidadãos e integrantes do MOE em seus diversos eventos de ocupação desse espaço público e nos unindo com a intervenção da *Praia do Estelita* em três dessas ocupações. Aqui destacamos uma delas, onde foi proposta uma série de pequenas intervenções artísticas para além das piscinas e guarda-sóis, como é possível ver na imagem a seguir, produzida durante a reunião do CPC para discussão das ideias e proposições de ações a serem executadas no Cais: Intervenções: Espelhos, Aparelho de escutar o som do rio, pipas, sombra das árvores inexistentes, desejos/recados pro Capibaribe.

Figura 27 - Praia do Estelita, 2013



Fonte: Acervo EQNC.

Figura 28 - Praia do Estelita, 2013



Fonte: Acervo EQNC.

Figura 29 - Espelhos, 2014 em Praia do Estelita



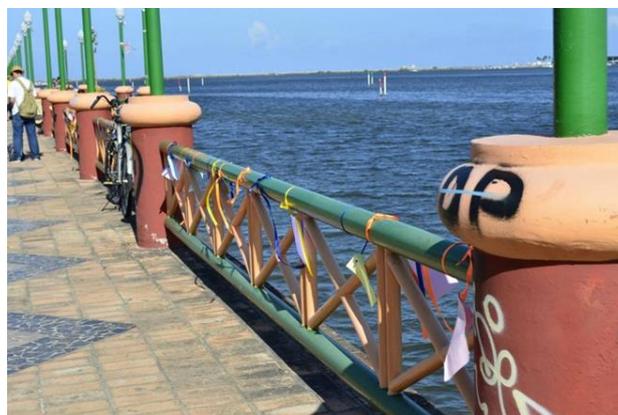
Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 30 - Balanço, 2014 em Praia do Estelita



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 31 - Recados ao Capibaribe, 2014 em Praia do Estelita



Fonte: Acervo Pessoal.

3.2.3 Praia do Derby

Figura 32 – Chamada workshop Praias do Capibaribe

The graphic is a promotional flyer for a workshop. It features a red header with the word 'WORKSHOP' in white, followed by 'INTERVENÇÕES / PRAIAS DO CAPIBARIBE' in red. Below this, a yellow banner contains the dates '20/01 a 02/02/2014' in white. To the right of the dates, it says 'Participe da seleção, mande seu currículo e uma carta de motivação.' Below the yellow banner, there are two lines of text: 'parqcapibaribe@gmail.com' and '+info: parque.capibaribe.info' on the left, and 'Venha prototipar um espaço público na beira do Capibaribe!' on the right. A blue line separates this text from the bottom section, which includes the text 'PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: facilitadores internacionais (CH-FR-ES) e facilitadores pernambucanos. #DIY #FABLAB #PUBLICSPACE'. Below this text is a row of icons representing tools and materials: a hammer, pliers, a screwdriver, a power drill, a hard hat, a pair of gloves, and several cans of paint. To the right of these icons are logos for 'museu Murillo LaGrecia', 'Fundação Joaquim Nabuco', 'RECIFE', and 'Secretaria do Meio Ambiente e Sustentabilidade'. On the far left, there is a logo for 'PARQUE CAPIBARIBE' with the tagline 'caminho das capivaras' below it.

Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Em 2013, surge o Parque Capibaribe, um projeto desenvolvido por meio de um convênio entre a Prefeitura da Cidade do Recife, através da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Recife e o INCITI - Pesquisa e Inovação para as Cidades, rede de pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que prevê um sistema de parques integrados ao longo das duas margens do rio Capibaribe no Recife, totalizando 30 quilômetros. Um dos integrantes do coletivo, Julien, passa a integrar essa equipe de pesquisadores do INCITI, se envolvendo também com esse projeto. Eu e Julien percebemos a oportunidade de unir mais uma vez nossos trabalhos formais, o meu de gestora e o dele de pesquisador, com nossa ação artística e cidadã do coletivo e desenhamos e propomos a ambas instituições, Fundaj e Parque Capibaribe, um trabalho em parceria para desenvolvermos uma oficina internacional de construção de mobiliário urbano, um ciclo de debates e um momento festivo com a realização de mais uma edição das Praias do Capibaribe. A proposta foi muito bem recebida e aceita e com o aporte financeiro de ambas instituições, conseguimos realizar a maior de todas as ações da história do coletivo.

O bairro do Derby passou a ser chamado assim por conta da Sociedade Hípica Derby Club que ali funcionou entre 1888 e 1898. Antes de ter esse nome, era conhecido por Estância, por ser o lugar de morada de Henrique Dias, considerado o herói negro por combater os Holandeses, personagem que dá nome exatamente à rua onde está situado o prédio da Fundação Joaquim Nabuco e onde aconteceu essa intervenção urbana. Essa região da cidade era um lugar

de veraneio para a aristocracia pernambucana que ia praticar hipismo e usufruir das margens do Capibaribe nessa época do ano. Em 1925, cerca de 10 mil metros quadrados foram cobertos através de aterros e drenagens para possibilitar a construção do Parque do Derby, um espaço público arborizado, com grandes áreas abertas e acesso a água entre o Rio Capibaribe e o canal da Avenida Agamenon Magalhães, construída posteriormente. O projeto de remodelação paisagística foi feito uma década mais tarde por Roberto Burle Marx. Essa nova proposta de urbanização recebeu o nome de Recife Novo, ironicamente o inverso do nome que batiza o projeto de construção das doze torres no Cais José Estelita chamado de Novo Recife.

Com o tempo, pela sua localização central, o bairro foi sendo ocupado por novos empreendimentos comerciais, perdendo seu caráter residencial e hoje abriga uma estação de BRT e um movimentado terminal de ônibus.

A oficina intensiva de curta duração de concepção e construção que reuniu 20 estudantes de arquitetura, design e arte chamada *Workshop Intervenções Praias do Capibaribe* teve duração de 14 dias (20.01 a 02.02) e foi instigada e coordenada por uma equipe de arquitetos voluntários do Brasil, da França e da Suíça protagonistas nos seus respectivos países em projetos de *urbanismo tático*

A oficina aconteceu na área correspondente ao final da Rua Henrique Dias, usada como estacionamento de carros pelos funcionários da Fundaj e instituições próximas, por ser uma rua sem saída que termina na margem do rio Capibaribe e ao quintal do IAB, também voltado para essa mesma margem. Ao lado do IAB está localizado o Memorial da Medicina da Universidade Federal de Pernambuco e no período em que a oficina ocorreu, a equipe do projeto Parque Capibaribe estava trabalhando em algumas salas deste edifício temporariamente cedidas ao projeto. A oficina começava diariamente (segunda à sexta-feira) às 11 horas e seguia até às 19 horas, pois a proposta era que início dos trabalhos começasse sempre com uma confraternização em torno do alimento.

Para isso, foram comprados os insumos necessários e utilizada a estrutura da cozinha da Fundaj para produzir o almoço que seria compartilhado entre todos os participantes. Os participantes também podiam trazer contribuições para esse momento. Comiam todos sentados nos bancos e mesas improvisados com os materiais que seriam usados para a construção dos mobiliários ou por vezes no chão, fazendo um piquenique. Ali, diferentes pessoas conversavam e se conheciam, entre facilitadores e participantes, trocando experiências e desenhando o

cronograma de trabalho do dia. Todos seguiam acreditando no poder de comunhão proporcionado pelo alimento.

Figura 33 - Alimento, 2014 em Praia do Derby



Fonte: Pierre Cauderay.

Ao fim de cada dia, o *Bar da Praia* era aberto e era realizada uma projeção de imagens produzidas ao longo do dia de trabalho, e de maneira descontraída eram tecidas reflexões sobre o andamento das ações entre os integrantes do coletivo. A oficina transcorria de forma muito positiva, atraindo a atenção de quem passava pelo local. Assim, acabou por agregar desde os flanelinhas da rua Henrique Dias, passando pelo público frequentador da Fundaj, a funcionários diversos da instituição, a lideranças e alguns moradores da comunidade do Coque (que estavam em diálogo com a Fundaj nesse período) até diferentes pessoas da sociedade civil. À medida que os debates aconteciam e que a mídia tornava públicas as ações empreendidas no bairro do Derby naqueles dias, mais pessoas iam se aglutinando ao projeto, ratificando a potência dos fazeres coletivos, a força da multidão.

Figura 34 - Bar, 2014 em Praia do Derby



Fonte: Pierre Cauderay.

Em três noites distintas ao longo e em paralelo à oficina, aconteceu o ciclo de debates (22, 28 e 31 de janeiro de 2014), intitulado: *O Parque Capibaribe: Olhares cruzados sobre visões e estratégias de produção do Espaço Público*, que foi dividido em três partes. O primeiro: *Visões de possibilidades de ocupação do espaço*, que aconteceu já no final do terceiro dia das oficinas, momento em que foram apresentados os facilitadores e alguns de seus trabalhos progressos que haviam servido de inspiração para o evento de uma maneira geral. A idéia era que se desenvolvessem ideias possíveis de mobiliários que poderiam ser construídos para a ocupação do espaço em questão, ideias também mostradas e debatidas pelo público geral nesse mesmo dia.

O segundo debate, intitulado *Fabricações de um artefato urbano*, aconteceu no nono dia após o início da oficina e apresentou o andamento das criações dos protótipos de mobiliários já iniciados pelos participantes da oficina. Foi o momento dos usuários do espaço opinarem e sugerirem possíveis mudanças no que estava sendo criado.

O terceiro e último debate chamava-se *Avaliação de um espaço público efêmero* e apresentou o resultado quase final do espaço pronto com imagens de todos os mobiliários criados, propondo uma reflexão e avaliação do uso desse espaço e de como poderia funcionar a

requalificação das margens do rio pelo poder público através do projeto do *Parque Capibaribe* e outras possíveis políticas públicas destinadas a esse fim.

Durante os dois primeiros momentos citados, o foco era *criar* e *executar*, sendo que diversos conceitos surgiram sobre o fazer artístico coletivo, emergindo de maneira rica e plural, e era natural que, em um grupo tão heterogêneo de participantes, cada um trouxesse termos específicos das suas áreas de atuação, nesse caso: arquitetura, artes, design e educação, para nomear esses fazeres. Desde conceitos antigos como o *DIY (Do it Yourself)*, o popular *faça você mesmo*, comumente usado na língua inglesa desde a década de 1950 para designar um “método de construção, modificação ou reparação das coisas sem a ajuda direta de especialistas ou profissionais.” (GELBER, 1997) até conceitos contemporâneos como *urbanismo tático*, uma prática que propõe intervenções pontuais no espaço público urbano, com baixo custo e um grande poder de engajamento social, que vem sendo amplamente difundida na última década entre arquitetos, designers e ativistas do mundo todo, buscando oferecer uma melhor integração entre a cidade e os seus usuários, promovendo outro conceito já discutido em nossa pesquisa, que é o de *direito à cidade*. Além do termo *prototipagem* que diz respeito à simulação de uma ideia de algo, seja no âmbito virtual ou físico, para testar e provar a validação de seu uso e funcionamento. Nesse caso, a ideia de um mobiliário foi executada fisicamente com materiais de baixa qualidade, madeiras de diversos tipos, muitas delas coletadas nas ruas da cidade, trabalho feito com uma kombi, garimpando-se o lixo descartado em lugares públicos, como restos de tapumes, janelas e móveis usados, outras adquiridas, como barrotes de pinus e *pallets* usados. Ou seja, materiais impróprios a exposição diária ao sol e a chuva e que, portanto, teriam de fato uma durabilidade efêmera. Já para os artistas, uma série de outros conceitos estava ali presentes, desde o conceito de gambiarra, passando pelo de intervenção urbana (já citados anteriormente) e chegando aos de arte pública e arte política.

Por arte pública, termo cunhado na década de 1970, entende-se se tratar de um tipo de arte fisicamente acessível, que modifica a paisagem circundante, de modo permanente ou temporário. É nessa década que se criam políticas de financiamento para a arte em espaços públicos, como o National Endowment for the Arts (NEA) e o General Services Administration (GSA), nos Estados Unidos, e o Arts Council na Grã-Bretanha. Diversos artistas sublinham o caráter engajado da arte pública, que visaria alterar a paisagem ordinária e, no caso das cidades, interferir na fisionomia urbana, recuperando espaços degradados e promovendo o debate cívico.

"O artista público é um cidadão em primeiro lugar", afirma o iraniano Siah Armajani (1939), radicado nos Estados Unidos, segundo o site da biblioteca do Itaú Cultural ²³

E foi assim que após o primeiro momento de intensa atividade prática, e o segundo momento de discussão e reflexão a respeito dos trabalhos que estavam sendo realizados, trazendo um arsenal teórico heterogêneo, relacionado aos diferentes fazeres que atravessavam os agenciamentos engendrados pelo *Praias do Capibaribe*, chegou-se no terceiro e último momento, o momento festivo, de comemoração: instante em que se podia visualizar que era possível tirar as ideias do papel e materializá-las, poder ver o espaço modificado e de “botar o bloco na rua” para compartilhar com toda a cidade o uso desse espaço público prototipado, ainda que por uma única vez que fosse, ainda que de forma efêmera, porém potente. Foi possível perceber que esse momento protagonista em relação aos outros dois foi de uma satisfação ímpar, principalmente para quem fez parte do seu processo de construção. O ponto alto, o ápice que dava sentido a todo o trabalho envolvido na realização de cada ação. Poder reunir diversos outros artistas e iniciativas e proporcionar à população uma vivência diferente daquele lugar comum, onde por vezes transitamos cotidianamente sem nos darmos conta do potencial do seu uso. A reação do público era diversa e plural: a felicidade de cada criança na piscina, das pessoas passeando de barco, cantando e dançando nas apresentações musicais, descansando na rede, comendo, bebendo, conversando, trocando, aprendendo... cada um, certamente, sentia-se responsável por ter contribuído com aquele momento que ficará registrado na memória afetiva de todas aquelas pessoas e na memória da cidade. Vide programação.²⁴

Abaixo seguem algumas imagens dos mobiliários criados através da oficina *Intervenções Praias do Capibaribe*:

²³ ARTE Pública. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo356/arte-publica>. Acesso em: 10 de abril de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

²⁴Compondo a grade da programação do evento tivemos grafiteagem com Nando Zevê na área externa da piscina, passeios de barco com seu David, corte de cabelo com Marie Carangie, apresentação da Bandavouu, (...).

Figura 35 - Piscina com borda infinita, 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Figura 36 - Pier, 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Figura 37 - Palco, 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Figura 38 - Estrutura de sombra e descanso (redário), 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Figura 39 - Cozinha móvel, 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Figura 40 - Piscina flutuante, 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

A Praia do Derby aconteceu no dia 02 de fevereiro, dia em que é celebrado o dia de Iemanjá em Salvador e em alguns dos terreiros de Recife, nossa mãe das águas, por uma sincronicidade e ação do imaginário coletivo. Nada propositadamente pensado para assim ser, mas no mundo prático, apenas pela confluência das agendas de todos os envolvidos, instituições e facilitadores, ocupando a primeira página dos principais jornais da cidade.

Figura 41 - Praia do Derby, 2014 com foto de Oierre Cauderay



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

O sucesso desta celebração do Capibaribe, que engajou aproximadamente cinquenta pessoas no seu processo de produção, chegando a reunir mais de mil pessoas no dia do evento, levou assim alguns afortunados a se aproximarem do prazer de nadar no Capibaribe e convenceu novas pessoas a se envolverem nas aventuras das *Praias do Capibaribe*.

Todas essas pessoas passaram pela experiência de desfrutar do rio Capibaribe como espaço público e de lazer. Temos o registro em vídeo do que algumas delas acharam da experiência. Aqui compartilhamos um pouco dessas falas:

“Fizeram um lugar super agradável. Já que a cidade não tem, não oferece, a gente vem e faz e ocupa!” (Cláudio) público espontâneo

“Se tiver isso em vários pontos do Parque Capibaribe vai ser sensacional. Recife pode virar uma cidade bem diferente da que a gente tem hoje. Muito melhor.” (Ana Paula Portela) público espontâneo

“A gente faz pouco. Eu acho que o Recife poderia ser uma cidade muito melhor se as pessoas ocupassem mais os espaços: as beiras dos rios, as praças, as ruas.” (Lucas) público espontâneo

“Eu acho que essa atitude é massa porque conjuga lazer e política. Ocupar a cidade é o que há de salutar. Ocupar aquilo que de fato é público. Tornar público aquilo que é coletivo. Mostrar que o rio é possível. Viver o rio e ratificar a ideia de que o rio também é um espaço público! Então eu acho que esse movimento é essencial.” (Érico Andrade) público espontâneo

“Foi muito trabalho duro, muito aprendizado, muita martelada nos dedos, mas assim... tá aí a prova de que tudo é possível” (Rebeca – voluntária)

O coletivo cresceu, atraindo novos integrantes vindos do encontro promovido pela oficina. André Moraes, Mariana Longman, Luciana Carvalho, são alguns desses nomes. Sua identidade visual foi criada, então, pelo novo integrante André Moraes, nesse momento (até então usávamos a do projeto Eu quero nadar no Capibaribe, e você?) e ganhou-se fôlego e pernas para levar as discussões para outros âmbitos. O coletivo teve aprovação de dois projetos em diferentes editais. O primeiro, o projeto Rizoma, no edital ArtePraia, realizando uma ação na Praia da Redinha e Rio Potengi, mini exposição e debate na Casa da Ribeira em Natal – RN nesse mesmo ano. O segundo, o projeto “A cidade Precisa de Praias” em parceria com o coletivo paulista *A cidade precisa de você* contemplado no Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11ª edição e realizado no ano seguinte.

Figura 42 - Coletivo Praias do Capibaribe, 2014



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

3.2.4 Praia de Santa Luzia

Figura 43 - Convite Praia de Santa Luzia, 2015



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Essa ação teve uma série de importantes fatores diferenciais em relação às demais. Em primeiro lugar, salientamos que ela foi fruto do prêmio recebido pelo projeto “A cidade Precisa de Praias” contemplado no Programa Rede Nacional Funarte Artes Visuais 11ª edição e isso já faz grande diferença, pois além do aporte financeiro recebido, permitindo um maior tempo de dedicação por parte de todos os envolvidos, o compromisso com a entrega de um relatório final, um zine e um vídeo apresentando o processo e os resultados do projeto, contribuiu para que

fosse feito uma espécie de diário de bordo da experiência em dia, coisa nunca feita nas outras mais de trinta intervenções. Em segundo lugar, o trabalho foi desenvolvido com a participação não apenas da comunidade receptora da ação, sobretudo com outro coletivo oriundo de outra cidade, estado e região do país, com características geográficas e humanas bem diferentes das encontradas em Recife e na Vila Santa Luzia especificamente. Esse coletivo chamado A Batata Precisa de Você com outra forma de interagir com os espaços e entre eles e buscar os pontos de convergência, se abrindo também ao crescimento proporcionado justo pelas dissidências. Em terceiro lugar, foi a única das ações que conseguiu unir a interação por um tempo mais estendido com uma comunidade ribeirinha (além das Praias do La Greca com a comunidade Vila Vintém, ainda que lá o aporte só fosse infra-estrutural do museu, pois note que no caso das ações da Praia do Derby ou Praia do Estelita, não haviam comunidades na margem de atuação do coletivo e na ação da Praia do Coque não havia parcerias institucionais) e o subsídio de um patrocínio, o que nos permitiu pensar e realizar junto a comunidade, uma ideia de espaço que atendesse aos desejos dos moradores. Ou seja, a situação ideal para o desenvolvimento do tipo de ação proposta pelo coletivo *Praias do Capibaribe*.

Essa ação teve início ainda no ano de 2014, quando os amigos André Moraes (Praias do Capibaribe) e Laura Sobral (A Cidade precisa de você, na época ainda A Batata precisa de você) tiveram a ideia de propor um intercâmbio entre os dois coletivos. Todos os integrantes toparam e juntos escreveram o projeto que contemplava uma ida de sete integrantes do coletivo pernambucano a São Paulo (abarcando todo o núcleo duro desse período) e uma vinda de outros sete integrantes do coletivo paulista a Recife, o que aconteceu entre o final de abril e o começo de maio de 2015. Com o projeto aprovado, deu-se início a busca pelo ponto da margem onde atuar dessa vez e em uma visita a Vila Santa Luzia, Mariana Longman (integrante do coletivo Praias do Capibaribe) foi recebida por uma criança, Maria, de 8 anos de idade, que a tomou pela mão e a levou para conhecer a comunidade e alguns de seus moradores. Quando Mariana, com os olhos marejados de emoção levou esse relato à reunião do coletivo naquela noite, ficou decidido que ali seria. Marcou-se então uma visita coletiva e passo-a-passo, lentamente, a aproximação do grupo foi acontecendo, foram inteirados da vida daquelas pessoas, da dinâmica do lugar, das iniciativas ali existentes e puderam apresentar a forma de trabalhar do coletivo e questioná-los se queriam receber um grupo maior de pessoas trazidos com eles para juntos idealizarem e promoverem essa ação e a resposta foi sempre positiva e acolhedora. Passado algum tempo e algumas visitas, ficou acordado o período de atuação, de 28 de abril a 03 de maio de 2015, sendo a oficina de prototipagem realizada entre 30 de abril e 02 de maio e o momento festivo no dia 03 de maio.

Como os coletivos, com exceção de poucos integrantes, não se conheciam antes da residência, foram promovidos uma série de encontros virtuais prévios aos encontros presenciais para a proposição de agendas de trabalho a serem desenvolvidas em ambas as cidades, primeiro em São Paulo e em seguida em Recife. A etapa de São Paulo, embora não diga respeito diretamente a essa ação, indiretamente foi fundamental na criação de laços entre os integrantes de ambos os grupos e na promoção do encontro com outro grande contingente de agrupamentos atuantes na cena contemporânea, a exemplo do *Rios e Ruas*²⁵ e da Casa Ecoativa²⁶, auxiliando no desenvolvimento de uma visão mais ampla de possibilidades de atuação. Tanto na etapa São Paulo, quanto na etapa Recife da residência, os integrantes de um coletivo foram acolhidos nas casas dos integrantes do outro coletivo, uma das estratégias de imersão, proporcionando uma experiência muito intensa, de muitos dias com todos integralmente juntos.

Em Recife, o coletivo visitante foi apresentado ao rio em uma das aulas-flutuantes promovidas pelo coletivo anfitrião, percorrendo o curso do rio Capibaribe desde a Bacia do Pina até a Vila Santa Luzia. Em seguida, participaram de uma atividade acadêmica, palestrando sobre tecnologias sociais de ocupação do espaço público e convidando os alunos presentes para se engajar voluntariamente na oficina de construção de mobiliário urbano na Vila Santa Luzia, conseguindo alguns adeptos. Ao chegar em Santa Luzia, foram recepcionados mais uma vez pelas crianças e por isso elas foram as primeiras a serem ouvidas em seus anseios: um balanço na árvore, um toboágua, parque inflável e piscinas, seguidas pelos adultos: uma vala para desviar o esgoto que contaminava o solo até a árvore, impregnando uma grande área da margem com um odor insuportável, um aterro desse alagado de chorume, uma cocheira para os cavalos, uma área de descanso e por fim, algumas sugestões complementares dos coletivos: um píer em madeira para melhor acesso a água, uma oficina de bioconstrução, uma intervenção com stêncil pela comunidade indicando o caminho para a festa, uma oficina de serigrafia, oficina de massagem e auto-cuidado, a festa (com guarda-sóis, cadeiras de praia, bar da praia, rádio praia (discotecagem e entrevistas), projeção e atrações culturais - cortejo e apresentação do grupo de cultura popular *Boi Marinho* aberto a participação ativa dentro do grupo a todos da comunidade e dos coletivos, intervenção *Céu e Terra*, entre outros, e claro, os momentos de comunhão em torno do alimento durante todos os dias de trabalho.

A oficina de requalificação desse espaço iniciava pela manhã e não tinha hora pra acabar. Dessa vez, uma moradora da comunidade, dona Damiana, mais conhecida como Vó se habilitou a cozinhar para todos. Os coletivos, por meio do edital, assumiram os custos dessa produção:

²⁵ Rios e Ruas

²⁶ Casa Ecoativa

feira, contas de água e luz e mão de obra. E assim a cada de dona Damiana, acabou por assumir nesses dias, o lugar de Q.G. dos coletivos, pois servia como ponto de apoio também para o uso do banheiro e o que se fizesse necessário. Das ideias concretizadas na ação em Santa Luzia, uma delas foi embrionária de conversas em São Paulo, a intervenção das bandeiras com gírias próprias de cada uma das cidades pintadas nelas e instaladas (nada mais simbólico) na ponte sobre o rio Capibaribe que interliga as duas margens do rio, onde de um lado habita os descendentes da aristocracia pernambucana, a classe média-alta de bairros como Casa Forte e Poço da Panela e do outro a população classe c, das comunidades ribeirinhas e suas palafitas. Há outras formas de se chegar, mas escolhemos esse o ponto de entrada para quem viesse participar da ação. Nas bandeiras, figuravam gírias como: fuderoso, mô véi, pa tu vê, massa, si pá, firmeza.

Figura 44 - Ponte, 2015 com foto de Silvio Melo Junior



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

“A ponte não é para ir, nem pra voltar, a ponte é somente atravessar, caminhar sobre as águas desse momento.” (Lenine, 1997)

“Observar de cima da passarela/ponte esses signos da cultura popular oral flamulando em ritmo cromático, brilhando no início da tarde ensolarada, produzindo um som que se dissipava no ar, junto às crianças sorrindo, fazendo acrobacias e pulando no rio que passava no seu passo calmo e a grande festa produzida pelos coletivos em Santa Luzia

ao fundo, foi um verdadeiro processo de epifania poética, destes que ficam incrustados na memória do coração pela vida toda” (FRANCO, 2015)²⁷

Para que fosse possível executar todas as ideias em tempo hábil para a festa os dois coletivos se dividiram em grupos de trabalho e os voluntários (pessoas da comunidade e alunos do curso de arquitetura da Universidade Católica de Pernambuco) escolhiam em que grupo queriam contribuir e de que forma. O primeiro trabalho, necessário a realização de todos os outros, como sempre foi a limpeza da margem, onde foram recolhidos inúmeros sacos de lixo com restos de plástico, vidro, papel e toda sorte de coisas. Durante essa etapa do trabalho um voluntário muito especial apareceu para ajudar, um cachorro. Vendo o que estávamos fazendo, ele entrou na água, nadou até uma garrafa pet que passava boiando no rio, a recolheu com a boca e a trouxe até a margem, movimento que repetiu inúmeras vezes. Todos ficaram impressionados e tocados pela solidariedade do animal, logo adotado de mascote da Praia.

Figura 45 - Coleta de lixo, 2015



Fonte: Acervo Praias do Capibaribe.

Em um dos dias da oficina, enquanto todos trabalhavam nas suas tarefas, alguns equipamentos de trabalho sumiram. Furadeira, parafusadeira, equipamentos com um custo elevado que não teriam como ser facilmente repostos. A questão foi levada para a liderança da comunidade e algumas horas depois, os equipamentos foram devolvidos. Em situações como essas é possível perceber como as relações demandam tempo para se estabelecerem e estabilizarem. Mesmo existindo o aval do grande grupo para que aquelas pessoas estivessem ali

²⁷Em texto escrito para o zine do projeto A Cidade Precisa de Praias, sem paginação.

trabalhando em prol da comunidade, nem todos estavam felizes e de acordo com o evento. E a consciência por parte de quem chega, de ser humilde, de não se impor, de não se julgar melhor, de não se manter numa atitude comumente colonizadora precisa ser desenvolvida. É necessário estar de prontidão, alerta, atentos aos sinais de se estar agradando ou não. Como bem diria o grupo musical *Mestre Ambrósio* “terra alheia, pisa no chão devagar”. Após esse ocorrido e por recomendação da liderança, optou-se manter um vigia durante a noite, para garantir que o que havia sido feito no dia ainda estaria lá no dia seguinte. E, de fato, imaginamos que por necessidade, em apenas uma noite, toda estrutura e mobiliários que haviam sido erguidos nos dias anteriores, foram desmontados tão logo a festa acabou. Os coletivos voltaram na manhã seguinte para fotografar o lugar com a luz do dia, já que não tiveram tempo hábil de registrar devidamente cada coisa, mas só restava um monte de madeiras quebradas. Parte da comunidade afinal residia em palafitas e para eles, aquelas madeiras, cordas e lonas poderiam ser mais úteis no espaço individual de suas casas do que num espaço coletivo que, sabiam, tinha prazo de validade. Mesmo julgando a situação natural e compreensível, no entanto, é preciso dizer que, inevitavelmente, isso repercutiu em cada um dos envolvidos na construção daquele espaço, trazendo uma vez mais a tônica da real validade e importância daquilo que estava sendo feito, mas a resposta logo vinha nos olhares felizes das crianças enquanto viam suas fotos projetadas ou as recebiam impressas.

Nesse dia, o céu estava azul, o sol a pino e brancas nuvens passeavam assistindo a alegria concentrada num único ponto da cidade. Mais um dia de celebração do Capibaribe! Dia de carnaval.

Na noite que sucedeu esse dia, com alguns integrantes de ambos os coletivos vestidos de branco e vermelho, participando do cortejo de *cavalo-marinho* conduzido por Helder Vasconcelos e o grupo de cultura popular *Boi Marinho*, celebraram a comunhão dos coletivos, o encontro entre capivaras e batatas, o casamento dos *Capibatatas*, celebrado por São Pedro, que do céu mandou uma chuva bem fininha para abençoar e lavar a alma. Vieram também os caranguejos da lama do mangue, e o caranguejo do cosmo, guardião da constelação de câncer, desde os tempos de Hera, que avisou a Lua, sua regente, e ela veio Cheia e de braços dados com São Jorge, para apadrinhar, alumando a noite e os corações.

E era assim, exaustos, após todo o processo descrito, com os pés pretos de lama e lavados de suor, porém, com o coração cheio de profunda felicidade, emoção e gratidão que os dias das

ações do *Praias do Capibaribe* terminavam. Para, no dia seguinte, todos acordarem reenergizados para seguirem na luta.

Durante o período de quinze dias que durou a residência artística São Paulo-Recife, um grupo de *whatsapp* foi mantido para a comunicação mais rápida entre os integrantes do grupo e da imensa troca de afeto uma fotonovela foi gerada para compor o zine. E alguns relatos poéticos e sentimentais que chegaram sobre esse dia, também entraram nessa publicação²⁸.

²⁸Integrantes participantes dessa ação e publicação:

A Cidade Precisa de Você: Barão Di Sarno, Conrado De Biasi, Katia Mine, Laura Sobral, Nano Gontarski, Raphael Franco, Reni Lima.

Praias do Capibaribe: André Almeida, Bernardo Teshima, Bruna Pedrosa, Carol Corrêa, Luciana carvalho, Mariana Longman, Rômulo Nascimento, Julien Ineichen, Lara Holanda, Rodrigo Cavalcanti

Vila Santa Luzia: Léo Rasta, Rico Show, Maria, Marcela, Doutor, Dilma Fernandes, Dona Damiana (Vó)

Programação: roda de conversa sobre tecnologias sociais de ocupação, oficina de bioconstrução com Pedro Paes, oficina de serigrafia de camisas, intervenção de Vi Brasil, instalação Céu e Terra de Laura Tamiana, apresentação do Boi Marinho com Helder Vasconcelos, exposição de fotos e açai do Léo Rasta, parquinho inflável do Rico Show, bordados da Vertigem Bordados, gravuras de Nathalia Queiroz, comes e bebes da Feijoada do Poço, show de bolha, Rádio Praia, piscinas, balanço e outras intervenções dos coletivos.

4 PESSOAS

4.1 Capivaras e Baronesas

O dia-a-dia das pessoas no modus operandis da vida contemporânea não promove nem a busca pelo autoconhecimento, menos ainda o encontro com o outro e com o lugar onde se vive. Ações que privilegiam o espaço público como lugares de encontro corroboram com a construção do que chamamos de cartografia afetiva, um mapa sentimental que criamos dos lugares a partir dos nossos afetos e que habita nosso imaginário. Entendemos que usar o rio e suas margens, parte simbólica da paisagem da cidade em questão foi essencial para o desenvolvimento humano dos participantes dessas ações artísticas nos espaços públicos.

A arte, nessas circunstâncias, atua como agente facilitador que cria condições para o diálogo entre pessoas, desenvolvendo a conscientização, ou seja, o saber sobre si mesmo e sobre a coletividade. Além disso, também fomenta respostas criativas através de questionamentos, ou ainda vislumbra a novos ideais mostrando novas possibilidades de existência e reavaliando limites. (FREITAS; MATTOS; SILVEIRA, 2019, p.07)

O CPC, sem dúvida, fez uso desse poder da arte para promover o sentimento de pertencimento aos cidadãos, pois acreditava que as pessoas cuidam daquilo que amam e que melhorar a relação com a cidade promove também melhorias na auto-estima das pessoas que nela vivem. A validade dessa crença se demonstra, quando observamos a multiplicação dos agentes envolvidos nas ações e nos desdobramentos por elas provocados. Cada ação do coletivo *Praias do Capibaribe* só foi possível pela união de muitos esforços, fossem eles integralmente das pessoas diretamente envolvidas, fossem em parceria às iniciativas privadas ou públicas.

Segundo Scovino, há uma ligação estreita entre produção artística e marcos históricos ou sociais da sociedade brasileira, sendo, o legado artístico de gerações que articularam estratégias de interação com o espaço urbano associados à histórica luta e resistência da cultura no país. (SCOVINO, 2010, p.16-17) O CPC faz jus a essa teoria, pois como vimos o seu surgimento e duração ocorreu em paralelo a diversos eventos políticos determinantes para a história da cidade do Recife (como o movimento de ocupação do Cais José Estelita, a morte de Eduardo Campos, as mudanças de governo nas esferas municipais e estaduais etc) e para o Brasil (manifestações de junho de 2013, copa do mundo em 2014, reeleição em 2014 e impeachment da presidente Dilma em 2016, entre outros).

Torna-se evidente que a união dessas pessoas se deu pela luta ao direito à cidade, pela manutenção da dimensão política dos espaços públicos como espaços de liberdade de

expressão, comunicação, debate e convívio social. No entanto, a cidade esta formada por uma diversidade de espaços com características específicas e o foco escolhido por esse grupo de pessoas foi o rio, trazendo sua dimensão ecológica, do cuidado necessário com o meio ambiente e da comunhão entre homem e natureza, enaltecendo a preservação dos recursos naturais e o respeito à paisagem primária, sobre a qual a cidade se edificou. Militando não só pela dimensão subjetiva, mas pela dimensão da forma desse espaço.

Na nossa pesquisa buscamos abordar um tema de relevância social, trazendo uma nova perspectiva sobre ele, para tanto foi feita uma análise qualitativa diagnóstica, visando compreender o impacto e alcance das ações promovidas pelo coletivo, sobretudo do ponto de vista da educação não formal. Quem eram essas pessoas (capivaras e baronesas)? De que forma tomaram parte do processo ou não (voluntários, público, funcionários de instituições parceiras etc)? Qual a importância dessas ações na construção afetiva das relações entre os indivíduos envolvidos e deles com o rio e os espaços públicos da cidade? Retomamos as questões iniciais que nos levou a contar a história do coletivo nos capítulos anteriores para concluirmos assim nosso trabalho.

Naturalmente, o desejo era de ouvir todos, mas sabemos das dificuldades de fazer a pesquisa alcançar um número tão expressivo de pessoas quanto os indicados nas redes sociais do CPC, todavia chegamos a noventa e sete respostas ao todo, através de um formulário de pesquisa disponível na plataforma Google e de entrevistas feitas pessoalmente com as pessoas que se dispuseram.

Sabemos que o homem é um ser de natureza coletiva, com necessidade de se relacionar tanto com o outro, quanto com o espaço a sua volta. Para André Moraes, integrante das ações desde 2014, mais do que

“uma plataforma de eventos políticos, educativos e críticos, era necessário criar um coletivo que pudesse gerir, movimentar e vislumbrar outras possibilidades e caminhos, muito também buscando os interesses individuais de todos os envolvidos e como esses interesses individuais na coletividade podiam transbordar pra cidade. Acho que o transbordar para a cidade os interesses é uma coisa muito importante e aí criou-se o coletivo, juntando várias pessoas.” (Moraes, 2019)

Assim, o coletivo foi formado pelo encontro de pessoas de classes sociais, cores de pele, sexualidades, gêneros e formações diferentes, como bem coloca Carol Côrrea, integrante do coletivo desde 2012/2013 para quem:

“nada físico foi ou é indispensável para fazer o *Praias*. Nem as coisas simbólicas que a gente usava como a bolha ou os guarda-sóis, pois já fizemos ações sem nada disso. A realidade é que não precisava ter.(...) o único elemento indispensável era o coletivo,

era o significado de comunidade, de discutir as coisas com profundidade, seriedade, responsabilidade, enquanto grupo diverso e não como um grupo que representava somente uma parte da sociedade.” (Côrrea, 2019)

E de fato, sem o trabalho voluntário de cada uma dessas pessoas que participaram em algum momento da construção dessas ações, elas não seriam possíveis. Existiam diferentes níveis de participação e envolvimento entre essas pessoas, como mostrado pelo mapa conceitual das ações no capítulo anterior. As pessoas com maior disponibilidade e dedicação formavam o *núcleo duro* do coletivo. Retomando os conceitos desses núcleos, reiteramos que fazer parte desse núcleo significava estar presente nos encontros semanais, ter voz ativa nas decisões tomadas pelo grupo, integrar e colaborar na mediação das redes sociais (grupo e página do facebook, grupo de whatsapp, página de instagram e email do coletivo), conhecer a história e missão do grupo, estar apto a responder a qualquer pessoa externa que entrasse em contato, participar ativamente da construção de todas as ações e usufruir dos frutos gerados pelo trabalho. Esse grupo, inicialmente formado por Julien Ineichen, Alice Chitunda, Bruna Pedrosa e Rômulo Nascimento, logo cresceu com a chegada de Márcio Erlich, Juliana, Carol Corrêa, Zaca Arruda, Bernardo Teshima, Luciana Carvalho, André Moraes, Mariana Longman, Lara Holanda entre outras pessoas. Ao mesmo tempo em que algumas pessoas chegavam, outras se afastavam e a formação média desse núcleo duro, que variou bastante ao longo do tempo, girava em torno de sete integrantes. As demais pessoas, que participavam também voluntariamente de ações, mas de forma pontual, sem o compromisso de dedicar tanto tempo as construções de cada ação, tendo a liberdade de ir aos encontros na frequência que desejasse e contribuir da forma que fosse mais confortável e conveniente, formavam o *núcleo flutuante*.

Em 2015, durante a residência artística *A Cidade Precisa de Praias*, já mencionada na *Praia de Santa Luzia*, os integrantes do *núcleo duro* passaram a se chamar carinhosamente por capivaras, em referência ao Capibaribe ser o rio das capivaras e pelo evento que ocorreu de um grupo de capivaras surgir na margem do rio Pinheiros justo durante o passeio ciclístico promovido pelo coletivo *Rios e Ruas*, para recepcionar e mostrar aos integrantes do *Praias do Capibaribe*, um trajeto de ruas construídas em cima dos cursos de água da cidade de São Paulo até a nascente do rio Iquiririn. Essa imagem permaneceu forte no imaginário do grupo e por esse motivo a escolhemos para falar dessas pessoas.

Em relação ao *núcleo flutuante*, a imagem simbólica escolhida foi a das *baronezas* (*Eichornia crassipes*), uma planta aquática flutuante, muito comum nas águas do Capibaribe e que possuem a função de despoluir as águas. Incluem-se nesse segundo núcleo todas as pessoas moradoras das comunidades participantes das ações, movimentos sociais, músicos, artistas, outros coletivos, instituições parceiras e todos os demais colaboradores do coletivo. Na correnteza promovida pelo fluxo das águas do Rio Capibaribe, os encontros entre capivaras e baronezas eram fluídos, constantes e ricos.

Figura 46 - Capivaras = última formação do núcleo duro (Zaca, Luciana, Rodrigo, Bruna, Benício e Bernardo, faltando Rômulo), 2016



Fonte: Acervo CPC.

Figura 47 - Capivaras e Baronesas, Praia do Derby, 2014



Fonte: Acervo CPC.

Figura 48 - Público espontâneo, 2012



Fonte: Acervo CPC.

A forma de participação e o entendimento de quem era responsável pelas ações também foram aferidos. Trinta e três por cento das pessoas que responderam se identificaram como *baronesas* e dez por cento como *capivaras*, os demais setenta e três por cento formavam o público espontâneo, o que mostra que o número de pessoas beneficiadas pela ativação desses espaços públicos é maior que o número de pessoas dispostas a dedicar tempo e trabalho em promover essa ativação, o que é natural. Entretanto essa informação também comprova o poder de propagação das ações que servem a esse grupo maior, que não só os diretamente envolvidos. Percebemos também que quinze por cento dessas pessoas tinham dúvida sobre de onde a

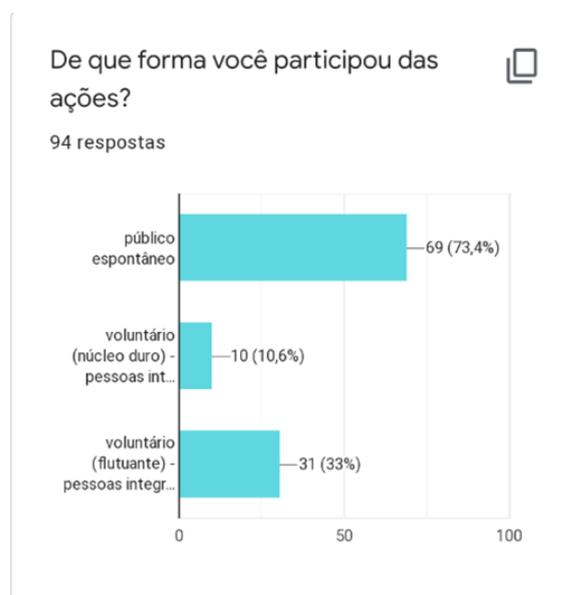
iniciativa partia, se do poder público ou privado, contra oitenta e quatro por cento que entendiam as ações como fruto de um trabalho voluntário de um grupo de cidadãos.

Figura 49 - Gráfico: pesquisa, 2019



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 50 - Gráfico núcleos, 2019

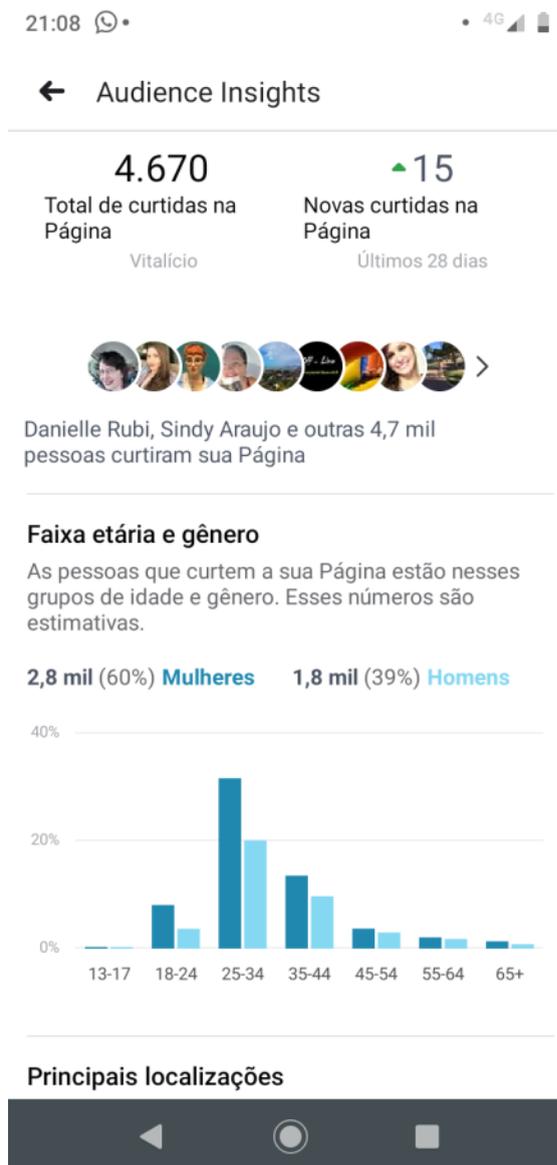


Fonte: Acervo pessoal.

Segundo a rede social Facebook, como demonstra a imagem abaixo, 4.670 (quatro mil seicentos e setenta) pessoas têm conhecimento e interagiram de alguma forma com as ações do coletivo, mesmo que parte delas tenha acessado as ações apenas virtualmente. Ainda analisando

essa rede social, se estima que sessenta por cento dessas pessoas (o equivalente a 2,8 mil) são mulheres e quarenta por cento (1,8 mil) são homens, a maioria com faixa etária entre 25 e 34 anos, seguida por 35-44 anos, depois 18-24 anos, 45 a 54 anos e um percentual baixíssimo de pessoas abaixo de 18 anos ou acima de 54 anos. Dessas pessoas, três mil são recifenses e as outras 1.670 de localidades diversas (São Paulo, Olinda, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Paulista, João Pessoa, Brasília, Natal, Caruaru entre outras).

Figura 51 - Imagem da página do Facebook, 2019



Fonte: Acervo Coletivo Praias do Capibaribe.

Figura 52 - Imagem da página do Facebook, 2019

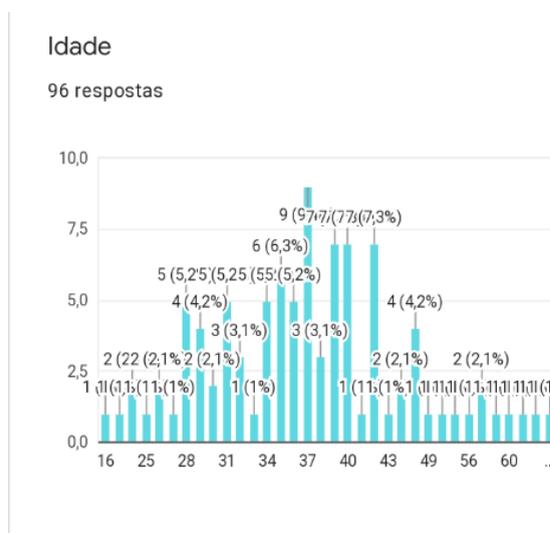


Fonte: Acervo Coletivo Praias do Capibaribe

Esse perfil de gênero e idade se replica proporcionalmente ao número de respostas obtido através do formulário, onde cinquenta e sete respostas foram de mulheres e as quarenta restantes de homens. Sobre o grau de escolaridade dos entrevistados, quarenta e quatro por cento possuem pós-graduação e quarenta e três por cento possuem ensino superior, em detrimento de apenas seis por cento com nível médio. A faixa etária dessas pessoas também confirma o gráfico do Facebook. Esses dados nos levam a pensar que o perfil médio de ambos os grupos de pessoas (integrantes e público) era formado pela classe média. Acreditamos, no

entanto, que nas ações realizadas no Coque e Vila Santa Luzia, o perfil do público foi mais heterogêneo, devido à participação massiva de moradores dessas comunidades.

Figura 53 - Gráfico idade: pesquisa, 2019



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 54 - Gráfico escolaridade: pesquisa, 2019



Fonte: Acervo Pessoal.

Embora as imagens e a experiência empírica mostrem que sim, havia o convívio entre diferentes classes sociais nessas ações, não podemos deixar de observar os motivos da participação de cada uma delas e os embates que envolviam esse processo. Quando as ações aconteciam, por exemplo, no MMLG, havia uma dificuldade de fazer com que as pessoas da

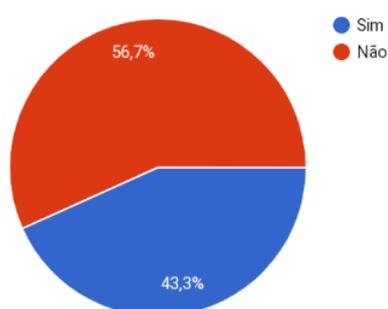
comunidade Vila Vintém, na realidade mais os adultos do que as crianças viessem e entrassem no espaço museal, porque elas não se viam como parte daquele lugar, nem daquele movimento e acreditamos que isso melhorou bastante à medida que as ações ocupavam cada vez mais a margem e os espaços externos da instituição e cada vez menos o jardim do museu. Quanto mais ocupávamos a rua, mais a mistura das classes era possível, embora não tenhamos a ilusão de que isso promovesse nenhum tipo de solução às diferenças das condições sociais e de acesso entre essas classes. Da mesma forma, quando o cenário se invertia e as ações ocorriam dentro das comunidades periféricas, boa parte da classe média frequentava pelo convite partir de seus pares, por saber que mesmo ocorrendo dentro da comunidade se tratava de uma ação promovida pela própria classe média, o que de alguma maneira os autorizava a estar ali, trazia sensação de segurança, de poder estar naquele lugar naquela ocasião específica. Pois não temos a ilusão que fora do ambiente promovido por ações dessa natureza, onde existe um acordo tácito de convivência, a classe média visitasse ou frequentasse as ações promovidas pela própria comunidade. Nesse aspecto podemos considerar que a arte era a grande mediadora.

Do público que respondeu ao formulário, apenas quarenta por cento diz ter frequentado as ações dentro das comunidades ribeirinhas, sendo quinze por cento de moradores da comunidade engajados na ação, outros quinze por cento de pessoas já frequentadoras da comunidade, trinta e oito por cento de público espontâneo visitando a comunidade pela primeira vez e quarenta e um por cento de pessoas que além de estarem visitando a comunidade pela primeira vez, também estavam engajadas na ação.

Figura 55 - Gráfico participação: pesquisa, 2019

Algumas ações do Praias aconteceram em comunidades ribeirinhas, entre elas: Vila do Vintém, Coque e Vila de Santa Luzia. Você participou de alguma dessas ações?

97 respostas

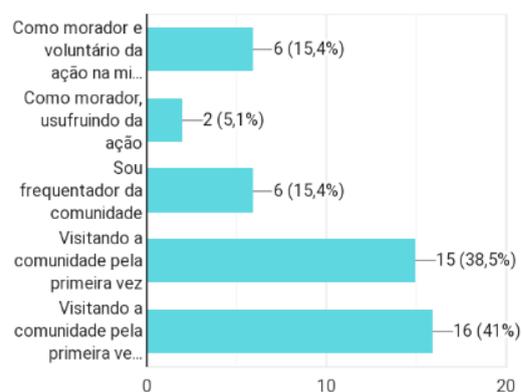


Fonte: Acervo pessoal.

Figura 56 - Gráfico forma de participação: pesquisa, 2019

Se sim, de que forma você participou?

39 respostas



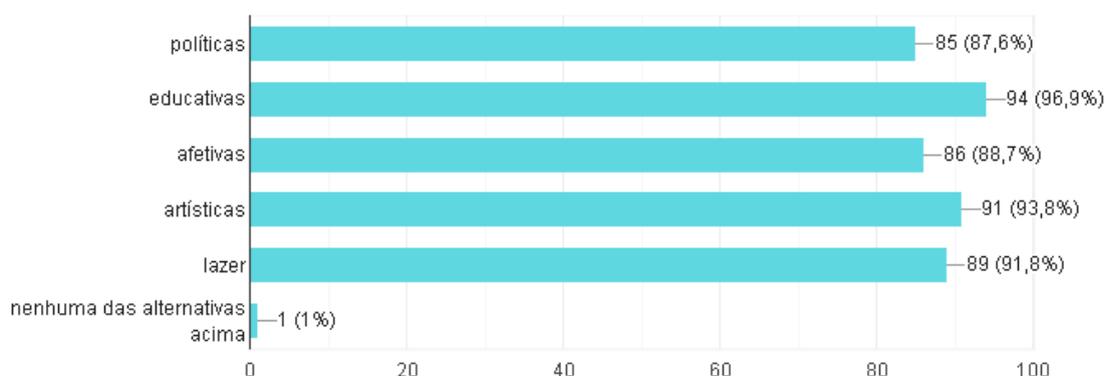
Fonte: Acervo pessoal.

Sobre a natureza das ações, como podemos observar a seguir, as pessoas consideram que elas foram acima de tudo educativas, seguido por artísticas, de lazer, afetivas e políticas. O termo *educativas* aqui se refere a processos de aprendizagem próprios da educação não formal, gerados pela vivência de uma determinada atividade e capazes de conferir identidade e construir repertórios que delineiam a própria história dos sujeitos, como aponta Gohn. Na concepção

trazida pela autora “a educação não formal é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o sociopolítico como formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (GOHN, 2015, p.16)

Insistimos na tese do caráter educativo dos movimentos sociais: para seus participantes, para a sociedade e para os órgãos públicos ou privados com os quais interagem em seus confrontos e questionamentos. Esta aprendizagem não se limita à absorção ou criação de conteúdos e significados desenvolvidos nos processos participativos. Ela incorpora também formas e diferentes linguagens artísticas produzidas ou ressignificadas no cotidiano das ações de coletivos de jovens e nos movimentos sociais. (GOHN, 2015, p.30)

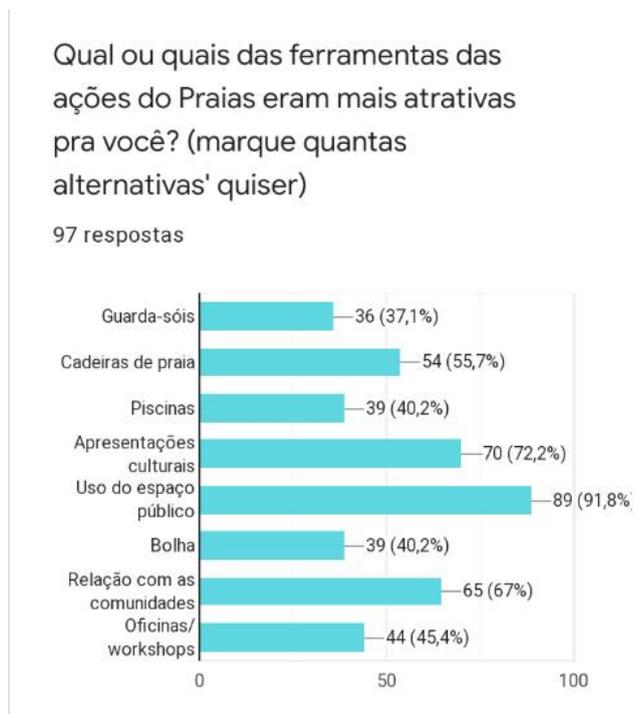
Figura 57 - Gráfico de natureza das ações: pesquisa, 2019



Fonte: Acervo pessoal.

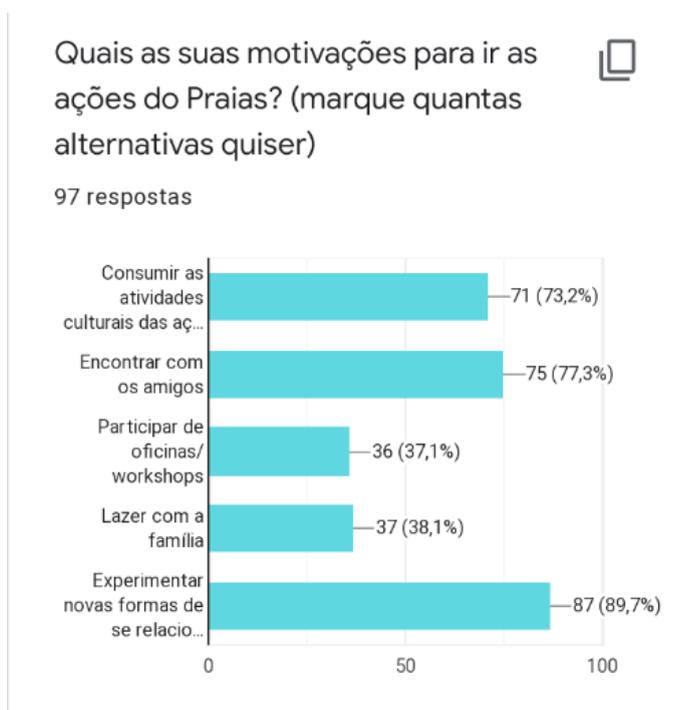
Quarenta e dois por cento dessas pessoas não tinham experiências anteriores com o rio Capibaribe e dentre as motivações para frequentarem as *Praias*, noventa e um por cento tinham como principal motivo experimentar novas formas de se relacionar com a cidade e com o rio, fazendo uso dos espaços públicos, em segundo lugar: encontrar com os amigos e se relacionar com as comunidades e em terceiro consumir as atividades culturais.

Figura 58 – Gráfico ferramentas: pesquisa, 2019



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 59 - Gráfico motivações: pesquisa, 2019



Fonte: Acervo pessoal.

Para Maria da Glória Gohn, a arte tem como característica o estreitamento da relação com a experiência prática, adentrando no campo das habilidades, subjetividade, identidade, memória etc. Atividades culturais (oficinas, apresentações etc como as realizadas durante as ações do CPC) condensam múltiplas formas de expressão artística que conjuntamente contribuem para formar opiniões, desenvolver o senso crítico, ajudar a pensar a vida para além do cotidiano e suas necessidades imediatas, constituindo material de valor inestimável para a educação dos cidadãos, aponta a autora.

Dentre as inúmeras falas que constam nos apêndices dessa pesquisa reafirmando os papéis afetivos, políticos e educativos das intervenções do CPC para a cidade do Recife e seus cidadãos, elegemos uma para finalizar nossa análise:

Eu tenho uma relação íntima com o Rio Capibaribe, cresci as margens dele. Posteriormente, na vida adulta, morei na Aurora, onde contemplava sua beleza. Meu maior pesar é nunca ter tido oportunidade de desfrutar de suas águas como minha avó e mãe fizeram. O Coletivo e sua iniciativa de lançar luz a necessidade de cuidarmos do espaço público, ter pensamento crítico, cultivar uma cidadania proativa, me leva a crer, que Recife não pode existir sem ações dessa natureza. (Arruda, 2019)

4.2 O encontro das águas: relato pessoal

Dos ganhos proporcionados pela pesquisa, saliento a descoberta do Imaginário que dentre outras coisas me possibilitou enxergar o que outrora eu chamaria apenas de coincidência entre os meus trajetos pessoais, artísticos e profissionais e que hoje chamo de sincronicidade, no conceito usado por Jung que esclarece que diferente da coincidência, a sincronicidade não implica somente na aletoriedade dos fatos, mas sim num padrão subjacente que é expresso através de relações ou eventos significativos. Pude reafirmar pra mim mesma que arte e vida não se separam, pois são águas de um mesmo rio. Como a imagem da serpente ouroborus, que come o próprio rabo, nos remetendo a ciclicidade da vida, retorno à temática do primeiro capítulo dessa pesquisa: a água.

Em sua Teoria do Imaginário, Durand o define como “o conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do homo ‘sapiens’- nos aparece como o grande denominador fundamental onde vêm se arrumar (ranger) todos os procedimentos do espírito humano”. Então ele organiza e classifica as imagens em dois regimes, o diurno e o noturno. Os regimes por sua vez se subdividem em estruturas e as estruturas em grandes grupos

de constelações de imagens guiadas pela convergência dos símbolos presentes em tais imagens. Por meio do conhecimento proposto por essa teoria de Durand, pude trazer para o campo acadêmico questões pessoais das quais não posso me desvencilhar.

No ano de 2015, durante a residência entre o coletivo *Praias do Capibaribe* e o coletivo A cidade precisa de você, se deu um encontro entre um integrante de cada coletivo e desse encontro encontro um filho foi gerado. Essa gestação e maternidade foram acompanhadas pelo CPC intensamente, já que a progenitora era eu e esse bebê já nasceu integrando as ações. O projeto dessa pesquisa, antes mesmo da seleção, foi escrito entre uma mamada e outra e as questões dessa maternidade me acompanharam durante todo o percurso nesses vinte e quatro meses. Nesse tempo, o que era dor, angústia e lágrimas foi sendo resignificado e transformado em trabalhos artísticos (obras, residências artísticas, exposições) e acadêmicos (artigos, comunicações etc).

Quando começaram as aulas, em março de 2018, não imaginava jamais tocar nesse tema da maternidade em nenhum momento desse mestrado. No entanto em cada uma das disciplinas, não aflorou outra coisa senão minhas águas internas. O assunto vinha sem que eu pudesse conter essa fala ou represar o choro guardado das emoções sentidas. As águas internas romperam as barreiras, inundaram cadernos, livros, salas de aula e terminaram desaguando junto com a chuva de junho de 2018, na performance *Reconciliação*, no espelho d'água da Galeria Capibaribe, durante a exposição *Tramações 2*²⁹.

Reconciliação representou a abertura de um portal para o desenvolvimento de mais trabalhos: *Colo*, *Cartas ao Vento*, *Mapa afetivo da maternidade*, *Lembretes Urgentes* entre outros projetos em andamento. Através desses projetos e do estudo da teoria do Imaginário, pude conhecer e perceber a presença dos símbolos, da mitologia e seus arquétipos nessas construções artísticas e na relação entre elas e a própria vida. É assustador e muito instigante ao mesmo tempo, a possibilidade que o Imaginário nos traz de autoconhecimento e identificação de padrões ancestrais, apresentados pelos arquétipos e mitos.

O autoconhecimento, na psicologia, significa o conhecimento de um indivíduo sobre si mesmo, o que leva ao maior controle emocional, evitando sentimentos de baixa autoestima, inquietude, frustração, ansiedade, instabilidade emocional entre outros, permitindo resoluções produtivas, conscientes e uma maior clareza de seu entorno. (DANTAS, 2015, p.)

Diz-nos Bachelard que “o amor filial é o primeiro princípio ativo da projeção das imagens, é a força propulsora da imaginação, força inesgotável que se apossa de todas as imagens para colocá-las na perspectiva humana mais segura: a perspectiva materna”(2018, pg.120). Não à toa então, entendemos aqui que é a partir dessa perspectiva que tento enxergar o mundo. Estar imersa nas águas sejam de um rio ou da imensidão do mar, reproduz em mim a sensação de segurança, tranquilidade e prazer, de quando estava no útero materno, a memória mais antiga do meu corpo em sua primeira morada. Por outro lado, tornar-me mãe, trouxe-me a possibilidade de também reproduzir essa força e potência do corpo feminino de assim como a água, gerar vida. Produzir, ademais, o líquido mais poderoso e nutritivo, o leite materno. Examinando nosso inconsciente, Bachelard chega à conclusão que para o inconsciente: “primeiro, todo líquido é uma água; em seguida toda água é um leite”(2018, pg.121). E ainda, mais exatamente “toda bebida feliz é um leite materno”(2018, pg.122). O leite é um alimento arquetípico descrito por Durand nas *Estruturas Místicas do Regime Noturno*, como parte dos *Símbolos da Intimidade*, na subdivisão: *Alimentos e Substâncias*.

Em todo momento, o arquétipo, que é esse algo comum a todos os seres humanos, nos traz a Grande-mãe, que é aquela que nos dá não somente a vida, mas também o alimento, o acolhimento, a proteção e todo o necessário para nosso crescimento e individuação, nos preparando para a vida adulta. Em cada cultura e civilização, esse arquétipo é simbolizado por uma diferente personagem, seja Deméter, Gaia, Sofia, Virgem Maria, entre outras.

Traçando uma cronologia dos últimos cinco anos, encontrei relações entre acontecimentos da minha vida pessoal a marcos de ações do *Praias do Capibaribe*, percebo o padrão de "coincidência significativa" das sincronicidades, que atribuí um significado especial a esses fatos para quem os vivenciou. Nesse caso, todos os eventos ocorreram nos meses de fevereiro em torno da data em que se festeja e se cultua Iemanjá.

Em 02 de fevereiro de 2014 realizamos a emblemática Praia do Derby.

Em 02 de fevereiro de 2015, Lara (integrante do CPC) e eu fomos à festa de Iemanjá, na praia do Rio Vermelho, em Salvador onde está construída a “Casa de Iemanjá”, santuário em sua homenagem, local em que seus seguidores acendem velas, deixam imagens, fazem pedidos e agradecimentos. Nessa festa, pedi-lhe um filho.

Em 02 de fevereiro de 2016, vivenciei o ritual de despedida da barriga chamado *Colo*, vestindo azul e branco, após ter ido ao mar jogar flores e agradecer a minha mãe Iemanjá. Duas semanas depois, nasceu meu filho pelas mãos de uma parteira juremeira ao som de um berimbau e cânticos a Iemanjá.

Em fevereiro de 2018, fiz minha matrícula no mestrado e nesse mesmo ano voltei a Salvador com meu filho e levei-o a Casa de Iemanjá e ao terreiro para conhecer e saudar os orixás. Agradei a ela meu presente, e desejo realizado.

Em fevereiro de 2019, qualifiquei minha dissertação de mestrado com a benção da grande mãe que enviou uma bahiana iluminada para compor minha banca.

Em fevereiro de 2020, defendo essa pesquisa, para em seguida apresentar a exposição Capibaribe Reverso, na galeria Capibaribe, mais um fruto desse estudo e que se tornará um e-book muito em breve. Antes disso, fui novamente a Salvador fazer “a última oferenda”, agradecendo por ter chegado aqui e por tudo que esse trabalho, guiado pelas águas, me trouxe.

Em todos esses eventos houveram imagens e símbolos recorrentes entre eles. Não cabe nesse momento estender esse devaneio poético ou aplicar o método da mitocrítica em torno de todo eles. Contudo, para não deixar de fazer jus a esse conhecimento que me foi tão útil, trarei apenas uma imagem que sintetiza não só a performance *Reconciliação*, trabalho que abre esse novo momento da minha produção artística, como também a repetição dessas imagens e símbolos recorrentes na minha vida no período de 5 anos resumido acima.

Eis o discurso presente na obra *Reconciliação*, retirado do artigo *É preciso dançar nossas dores* escrito por mim em um momento anterior:

[...]a obra mostra o momento de re-nascimento da mulher que ainda existe e resiste em paralelo a mãe que essa mulher se tornou e ao peso que esse título, juntamente com uma série de outros fatores e acontecimentos envolvidos no contexto específico dessa maternidade, colocou sobre esse corpo. A obra apresenta simbolicamente uma parte da história, comum a tantas outras mulheres, desse corpocasa, do que ele carrega e de seu uso como instrumento de expressão e cura.

Figura 60 - Reconciliação, 2018 (Bruna Pedrosa, Galeria Capibaribe)



Fonte: MAR fotografia.

Essa imagem, seguindo a teoria do imaginário de Durand, faz parte do *Regime Noturno*, que “privilegia o emocional, o sensorial e a homogeneidade assimiladora” (STRONGOLI, 2005, p.162) com uma descida interior em busca do conhecimento (ROCHA PITTA, 1995, p. 36), e das *Estruturas Místicas*, com uma “inclinação para perseverar no mesmo tema” (STRONGOLI, 2005, pg.167), possuindo como principal arquétipo o da Grande Mãe, incluso nos *Símbolos da Inversão*, sejam eles: *Mater e matéria*. Esses símbolos presentes em diversas mitologias, aqui aparecem como as Grandes Mães das águas (na cosmogonia africana: Oxum e Iemanjá). “As águas seriam pois as mães do mundo, enquanto a terra seria a mãe dos vivos e dos homens”. (ROCHA PITTA apud DURAND).

Nela encontramos os seguintes objetos/elementos com seus respectivos simbolismos:

A água simbolizando a origem da vida. Bachelard dedica um largo estudo em seu livro *A Água e os Sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria* sobre esse elemento e ainda um capítulo específico denominado *A água maternal e a água feminina*, nele encontramos que: “A natureza é para o homem adulto, diz-nos Marie Bonaparte, “uma mãe imensamente ampliada, eterna e projetada no infinito” (p.363). Sentimentalmente a natureza é a *projeção* da mãe. Especificamente, acrescenta Bonaparte: “O mar é para todos os homens um dos maiores, um dos mais constantes, símbolos maternos.” (p.367)

Na performance, a água aparece de diversas formas e, sem dúvida, carregando todo esse simbolismo. Inicialmente, choveu e o chão ficou completamente molhado e enlameado, pelo lodo existente, provocando uma queda durante a dança, o que assumi e absorvi como de fato um dos baques/ tombos tomados por mim ao longo do processo da maternidade. Depois ela aparece novamente em uma jarra, que seguro e derramo dentro do alguidá onde se encontra também a imagem de Iemanjá. Represento aí o encontro do mar com a terra e a origem da vida na natureza. Aparece ainda no espelho d'água da Galeria, que é usado também como representação do mar durante a performance.

Nos tempos atuais, onde é cada vez mais raro termos quintais, jardins, terreiros em nossas casas, pois essas áreas costumam está cimentadas, surgiu a necessidade do uso do alguidar para simbolizar o elemento terra e a ligação da oferenda com a terra.

Na performance, o espelho remete ao mesmo tipo usado pelas orixás Iemanjá e Oxum e é usado para mostrar uma passagem em que não reconheço aquela que vejo no espelho, o momento da perda de identidade, da transformação da mulher em mãe e depois é usado para mostrar quando essas identidades de mãe e mulher se reconciliam e posso novamente olhar e me reconhecer na imagem mostrada pelo espelho.

O fogo aparece na chama das velas trazendo a simbologia da renovação, do resnascimento, da transmutação. Assim como esteve presente no momento do parto para queimar as energias negativas e limpar o ambiente.

Na vida real, joga flores nas águas do mar, ofertando-as a Iemanjá, na performance, também as joga no espelho d'água da Galeria Capibaribe. Como também as usei no altar, tanto do Colo, quanto do Parto. As flores amarelas estão associadas ao sol e a Oxum, as azuis aos sonhos e a Iemanjá.

Imagem de Iemanjá – rainha das águas, representando o arquétipo da Grande Mãe, a quem portanto, julgo o poder de conceder a maternidade.

Velas, tanto amarela, quanto azul. Ambas foram escolhidas e acesas como forma de enviar minha oração de agradecimento através do fogo, as forças e energias espirituais, respectivamente das orixás Oxum (simbolizada pela cor amarela) e Iemanjá (simbolizada pela cor azul), repetindo o ritual feito três anos antes, onde as velas acendidas e as orações foram usadas para levarem meu pedido e desejo em me tornar mãe a esse plano etéreo.

Antes de acender uma vela, recomenda-se que seja feita uma limpeza física e espiritual, o que na performance aparece através do ato de derramar a água contida na jarra, dentro do alguidar, onde se encontra a imagem de Iemanjá e lavar rosto, mãos e braços com essa água

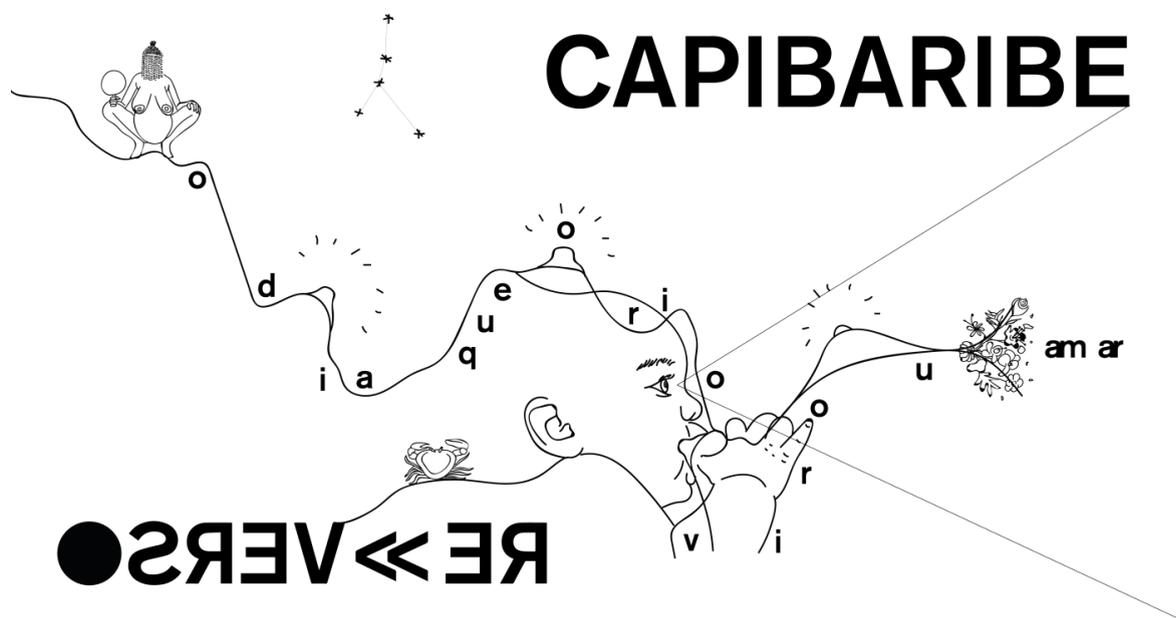
(limpeza física), bem como dançar antes, ao som de tambores expurgando os males do corpo (limpeza espiritual).

A Grande mãe de todos os orixás é também minha mãe. A história da minha mãe é também minha história, assim como a minha é também a do meu filho. A história do rio que atravessa minha cidade, também me atravessa. Tudo se interliga nessa grande constelação, nessa grande teia que é o imaginário.

Ouvi o chamado das águas, atendi a ele, me aproximei do Capibaribe, trabalhei por ele. Ele retribuiu abundantemente, me cercou de pessoas, de boas companhias, de parceiros de trabalho e de vida, me levou a outros rios, a navegar em outras águas, em meio a outras capivaras e baronesas, a nascente do Iquiririn, ao Potengi, ao rio Pinheiros e a ilha do Bororé, desaguou no mar, me mostrou Iemanjá, chegou um filho nesse caminhar, trouxe uma pesquisa, desvelou cortinas, me mostrou outros mundos, virou publicação, vai virar exposição e seguir seu processo de educação pelas águas, de ensinamentos de vida. Seguiremos juntos.

4.3 Capibaribe Reverso: o dia em que o rio virou [A]MAR

Figura 61 - Identidade visual Capibaribe Reverso, 2020



Fonte: André Moraes.

Durante o ano de 2019, aproveitando o ensejo do edital de ocupação da Galeria Capibaribe, entendendo ser essa uma excelente oportunidade de dar visibilidade aos resultados dessa pesquisa, propusemos o projeto de exposição artístico-pedagógica, denominado

Capibaribe Reverso – o dia em que o Rio virou A(MAR). O projeto foi aprovado, mas devido a pandemia, não aconteceu. Em paralelo a isso, inscrevemos essa pesquisa no edital de fomento a cultura do estado, o Funcultura, no qual fomos contemplados, garantindo sua publicação em formato e-book com a inclusão de recursos acessíveis como a audiodescrição de parte das imagens. Entendemos a importância de devolver a sociedade os resultados de pesquisas e projetos desenvolvidos com o auxílio de aporte financeiro do Estado e acreditamos que a devolutiva que virá por parte do público nos ajudará a seguir refletindo criticamente sobre nossos fazeres enquanto artistas e cidadãos.

Para construir o conteúdo, os projetos expográfico e educativo, a produção das peças gráficas, da curadoria, das impressões das imagens e tudo mais que envolve realizar uma exposição, o coletivo se reuniu novamente e construímos tudo isso juntos, como não podia ser diferente. Assim, esses resultados finais representam uma vez mais o senso de comunidade, o entendimento de que é através da colaboração que sonhamos, realizamos, transformamos e crescemos mutuamente. As fotografias selecionadas de todas as ações urbanas produzidas pelo coletivo nos diferentes pontos das margens do rio Capibaribe em que atuou, uma linha do tempo dessas ações, situando também acontecimentos histórico/políticos que contextualizam o momento atravessado pela cidade do Recife no mesmo período, um nicho com a bibliografia dessa pesquisa para consulta e depoimentos do público participante emergidos do formulário de pesquisa, um material educativo pensado a partir do tripé e eixos temáticos: Água, Espaço Público e Pessoas, com base na experiência da educação não formal e em todos os conceitos abordados pela pesquisa. Todo conteúdo textual desses materiais se encontram disponíveis nos apêndices desse trabalho.

Ao final dessa pesquisa, as pessoas começaram a perguntar se o coletivo estava retomando as atividades. As atividades de encontros e ações regulares, não. No entanto o que foi construído coletiva e afetivamente seguirá conosco por toda vida. É certo que depois que nos encontramos nossos olhares sobre o rio Capibaribe, a cidade do Recife e o mundo (incluindo todas as suas paisagens urbanas), nunca mais foi o mesmo. Afetamos e fomos afetados e seguimos juntos, caminhando de mãos dadas. Educação não-formal é sobre isso, sobre o aprendizado cotidiano e empírico que se dá nas subjetividades dos sujeitos envolvidos em cada ação coletiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a pesquisa me submeti ao risco de deixar-me levar pela subjetividade das práticas artísticas que me trouxeram a ela e talvez, de fato, isso tenha acontecido, cabe aos leitores esse julgamento. No entanto, concordo com o que afirma Lefebvre (LEFEBVRE, 1975, p. 235) “A teoria emerge da prática e a ela retorna. A natureza se revela a nós pela prática, pela experiência; e tão somente pela prática é que a dominamos de modo efetivo. A prática, portanto, é um momento de toda teoria; momento primeiro e último, imediato e inicial e retorno ao imediato. E, vice-versa, a teoria é um momento da prática desenvolvida, daquela que supera a simples satisfação dos carecimentos imediatos.” Houve uma tentativa de unir o conhecimento empírico ao conhecimento teórico, buscando não evidenciar um em detrimento do outro e mais ainda, esforçando-me para manter o distanciamento, a lucidez e a reflexão crítica sobre a experiência vivida, o que temo não ter conseguido todo tempo. No entanto a consciência da necessidade de superar a sensação de já ter o conhecimento decodificado e as respostas prontas foi instaurada e embora o tempo seja o fator limitador que impõe uma conclusão a pesquisa, talvez de forma prematura, talvez no momento oportuno, é certo que assim como os cursos de água, ela seguirá seu fluxo.

A despeito de todas as perguntas levantadas ao longo do projeto e durante o texto, algumas foram respondidas, outras não pretendiam encontrar tais respostas, mas tão somente serem provocativas e uma aparecia como problema central da pesquisa que tratava de elucidar se houve contribuição por parte das ações para a formação do cidadão recifense que as frequentou e creio que a resposta emergiu das respostas ao formulário de pesquisa e da análise de outros fatores indicativos, como os conceitos de experiência e educação não-formal que demonstram que sim, houveram importantes contribuições sob diversos aspectos, com ganhos individuais dos participantes, bem como ganhos coletivos da cidade e sociedade como um todo.

Alguns desdobramentos da pesquisa já podem ser percebidos como a exposição *Capibaribe Reverso: o dia em que o rio virou praia* e o e-book *Mapeamento Praias do Capibaribe*; e certamente muitos outros estão navegando a caminho.

“[...] porque é de rio estar passando. Vou com passo de rio, que é de barco navegando. [...] Vou andando lado a lado de gente que vai retirando; vou levando comigo os rios que vou encontrando.” (MELO NETO, 2012, p.40)

REFERÊNCIAS

- ABAD Gisela, ERLICH Márcio. **Eu Capibaribe – o rio que termina onde a cidade começa**. Recife: Caleidoscópio, 2013.
- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2010.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 1998
- BARBOSA, Ana Mae e COUTINHO, Rejane G. Orgs. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. **A questão da gambiarra**. Rodrigo Naumann Boufleur, 2006.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- BRITTO, Ludmila. **Arte Colaborativa na Cidade: Um estudo de caso dos coletivos PORO, GIA e OPAVIVARÁ!2017**. Tese(Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- CAMPBELL, Brigida. **Arte para uma Cidade Sensível: Arte como gatilho sensível para a produção de novos imaginários**. 2018. Tese(Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHAIA, Miguel. **Artivismo – Política e Arte Hoje**. Aurora, 2007. Disponível em: www.pucsp.br/revistaaurora Acesso em: 30/07/2017.
- DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. **"Autoconhecimento"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/autoconhecimento.htm>. Acesso em 10 de abril de 2022.
- DURANTE, Milena Batista. **Ações Coletivas na Cidade: Criação, Desejo e Resistência**. Dissertação de Mestrado. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia / PPGAU-UFBA.2012.
- FRANÇA, Inácio. **Um rio de gente: histórias, causos e lendas do Capibaribe**. Recife: CEPE, 2007.

- FREIRE, Cristina. **Poéticas do Processo: Arte Conceitual no Museu**. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GELBER (1997). Do-It-Yourself: Construction, Repairing and Maintaining Domestic Masculinity. *American Quarterly*. doi:10.1353/aq.1997.0007
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- GORDILHO, Viga. **Cantos, contos e contas**. Salvador: Edufba, 2004.
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- LIRA, Paula. **A grande serpente – poéticas da criação no mangueBit**. Recife, 2014
- MAFFESOLI, Michael. **O Conhecimento Comum: Introdução à Sociologia Compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MAZZETI, Henrique. **Resistências criativas: os coletivos artísticos e ativistas no Brasil**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em :http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110810120935Resist%C3%A2ncias%20criativas%20-%20Os%20coletivos%20art%C3%ADsticos%20e%20ativistas%20no%20Brasil%20-%20Henrique%20Mazetti.pdf . Acesso em: 02 fev. 2019.
- MESQUITA, André Luis. **Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva. (1990-2000)**2008. 2v. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- PITTA, Daniele Perin Rocha. **Rítmos do imaginário**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.
- PRADO, Isabela. Lição: **Se essa rua fosse um rio**. Belo Horizonte: NUNC, 2016.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível: Estética e Política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- REZENDE, Renato, SCOVINO, Felipe. **Coletivos**. Rio de Janeiro: Circuito, 2010.
- ROLNIK, Suely. **Cartografias Sentimentais: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: UFRGS Editora; Sulina, 2014.

SERPA, Angelo. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, N° 15, pp. 21 - 37, 2004.
Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp15/Artigo2.pdf>
Acesso em: 06 jul. 2017.

VILAS BOAS, Alexandre Gomes. **ARTIVISMO: Arte + Política + Ativismo – Sistemas Híbridos em Ação**. São Paulo, 2015.
Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/128178/000849699.pdf?sequence=1>
Acesso em: 18 nov. 2018.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de entrevista aplicada através de um formulário Google, aberto a resposta de qualquer pessoa, com o objetivo de ouvir o público participante das ações, obtendo-zenoventa e sete respostas, cujos gráficos aparecem a seguir.

Pesquisa Praias do Capibaribe

Essas perguntas fazem parte de uma pesquisa sobre o Praias do Capibaribe. Sua contribuição é muito importante para os nossos resultados. Tentamos ser o mais objetivos possível para não tomar muito do seu tempo, mas no final tem espaço, se quiser falar mais. ;)

Endereço de e-mail

Nome Completo

Idade

1. Qual o seu nível de escolaridade?

- sem escolaridade
- ensino fundamental
- ensino médio
- ensino superior
- pós-graduação
- pós doutorado

2. As ações do Praias eram propostas pelo:

- poder público
- iniciativa privada
- trabalho voluntário
- outro

3. De que forma você participou das ações?

- público espontâneo
- voluntário (núcleo duro) - pessoas integrantes em 100% ou quase 100% das ações, responsáveis pelas decisões do coletivo.
- voluntário (flutuante) - pessoas integrantes em algumas da ações, artistas, parceiros e afins.

4. Quantas edições do Praias você participou?

- nenhuma
- 1 ou 2
- 3 ou 4
- fui a tantas que perdi a conta

5. O Praias teve diversas ações em alguns lugares específicos da cidade. De quais dessas você participou?

- Praia do La Greca
- Praia do Derby (Fundaj)
- Praia do Estelita (Cais / Ocupe Estelita)
- Praia do Coque
- Praia da Aurora (Aurora Eco Fashion)
- Praia de Santa Luzia (com o coletivo A Batata Precisa de Você)
- Praia do Forte das 5 Pontas
- Praia do Baobá
- Praia da Alfândega (Virada Maker)

6. Participar dessas ações do Praias foi uma experiência... Complete.

- positiva
- negativa
- indiferente

7. Caso queira compartilhar conosco o motivo da sua resposta a pergunta anterior, escreva aqui.

8. Do seu ponto de vista, as ações do coletivo foram... (marque quantas alternativas quiser)

- políticas
- educativas
- afetivas
- artísticas
- lazer
- nenhuma das alternativas acima

9. Quais as suas motivações para ir as ações do Praias? (marque quantas alternativas quiser)

- Consumir as atividades culturais das ações (shows, apresentações, passeios de barco etc)

- Encontrar com os amigos
- Participar de oficinas/workshops
- Lazer com a família
- Experimentar novas formas de se relacionar com a cidade e em especial com o rio Capibaribe

10. Você já tinha outras experiências com o rio Capibaribe antes das ações do Praias?

- Sim
- Não

11. Se você respondeu sim a pergunta anterior. Quais foram essas experiências?

12. Qual ou quais das ferramentas das ações do Praias eram mais atrativas pra você?
(marque quantas alternativas' quiser)

- Guarda-sóis
- Cadeiras de praia
- Piscinas
- Apresentações culturais
- Uso do espaço público
- Bolha
- Relação com as comunidades
- Oficinas/workshops

13. Algumas ações do Praias aconteceram em comunidades ribeirinhas, entre elas: Vila do Vintém, Coque e Vila de Santa Luzia. Você participou de alguma dessas ações?

- Sim
- Não

14. Se sim, de que forma você participou?

- Como morador e voluntário da ação na minha comunidade
- Como morador, usufruindo da ação
- Sou frequentador da comunidade
- Visitando a comunidade pela primeira vez
- Visitando a comunidade pela primeira vez e participando como voluntário da ação

15. Caso você tenha participado das ações do Praias acompanhado por alguma criança (filhos, sobrinhos etc), gostaria, se possível que as crianças respondessem também. :)

16. Qual das imagens abaixo melhor representa o que foi o Praias pra você?



Opção 2



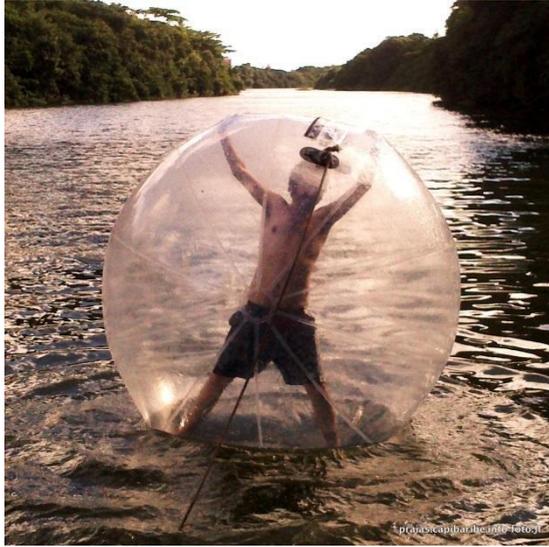
Opção 3



Opção 4



Opção 5



Opção 6



Opção 7



Opção 8



Opção 9



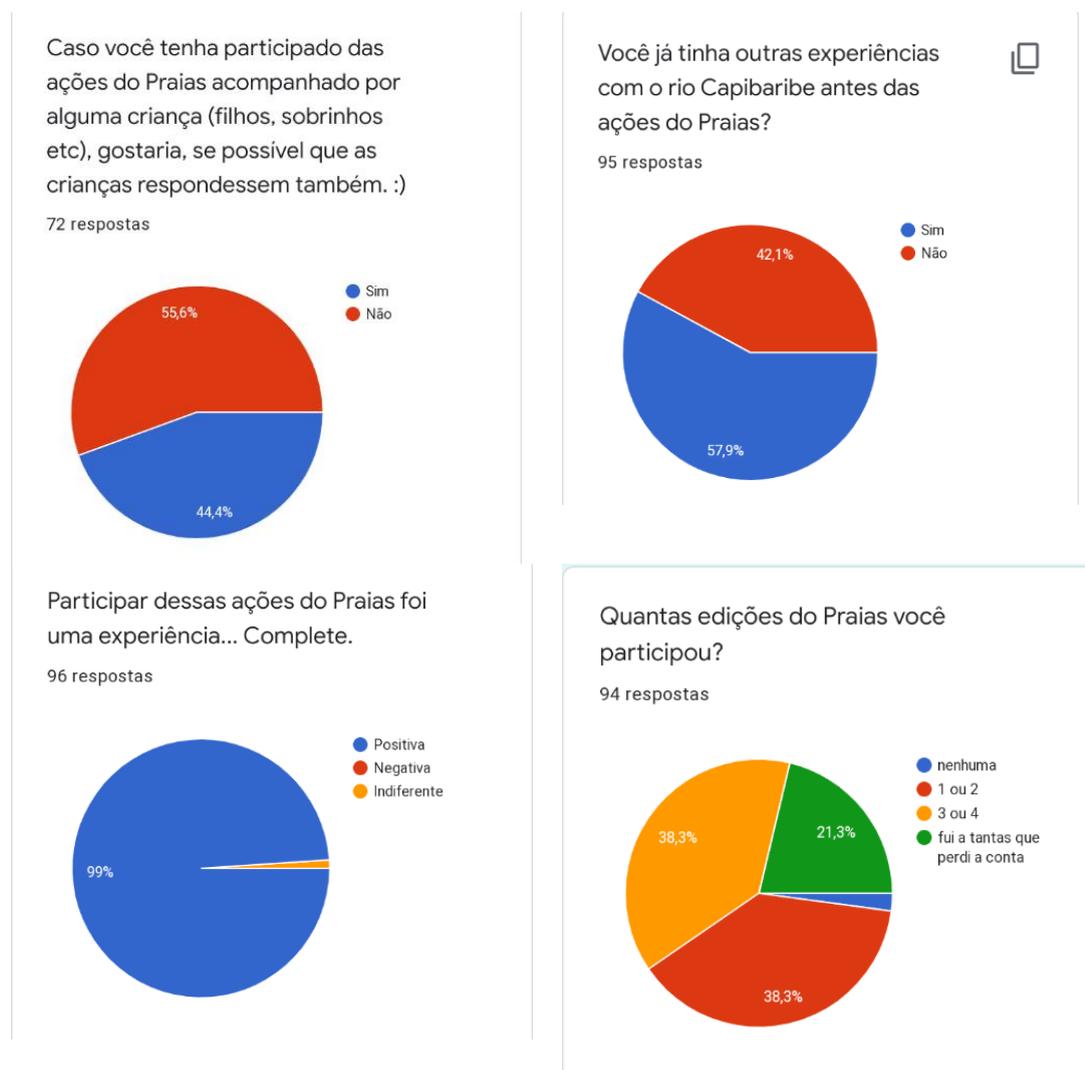
17. Você tem registros/fotos suas em alguma dessas ações e gostaria de compartilhar conosco? Envie para praiascapibaribe@gmail.com ou através da nossa fanpage ou instagram.

18. Há algo mais que gostaria de acrescentar sobre sua experiência com as ações do Praias do Capibaribe? Fique a vontade e escreva aqui. ;)

19. Você gostaria de ter acesso ao resultado dessa pesquisa?

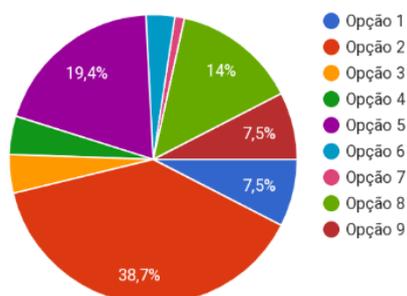
Obrigada pela sua participação! Em Fev/2020 haverá defesa da dissertação: "Praias do Capibaribe: uma experiência artística de ativação do espaço público" e abertura da exposição: Capibaribe Reverso - o dia em que o rio virou praia. Você é nosso convidado. ;)

Gráficos das respostas inclusos em sua maioria no terceiro capítulo. Demais gráficos aqui.



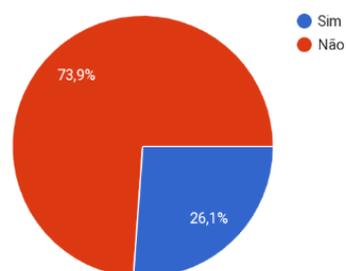
Qual das imagens abaixo melhor representa o que foi o Praias pra você?

93 respostas



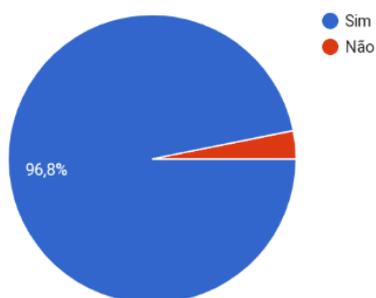
Você tem registros/fotos suas em alguma dessas ações e gostaria de compartilhar conosco? Envie para praiascapibaribe@gmail.com ou através da nossa fanpage ou instagram.

88 respostas



Você gostaria de ter acesso ao resultado dessa pesquisa?

95 respostas



Respostas a pergunta 7:

1. Clima super descontraído com pessoas amigas. Me senti bem!
2. Foi a materialização de uma forma de vida na cidade, além das propostas pelas relações mercado-poder público.
3. gosto muito da ação, é bonito ver como as pessoas se sentem ocupando os espaços e muito gostosinho o ambiente todo
4. Uma nova forma de experimentar a cidade
5. Eu tenho uma relação íntima com o Rio Capibaribe, cresci as margens dele. Posteriormente, na vida adulta, morei na Aurora, onde contemplava sua beleza. Meu maior pesar é nunca ter tido oportunidade de desfrutar de suas águas como minha avó e mãe fizeram. O Coletivo e sua iniciativa de lançar luz a necessidade de cuidarmos

- do espaço público, ter pensamento crítico, cultivar uma cidadania proativa, me leva a crer, que Recife não pode existir sem ações dessa natureza.
6. Não era muito engajado com a causa por conta de tempo. Mas fui dar uma força aos amigos.
 7. Foi positivo demais pude vivenciar experiências
 8. O mais contagiante foi a energia do lugar, a energia da criação da nova possibilidade de usar os espaços. As pessoas já chegavam trocando ideias e sonhando com a transformação de uma cidade melhor. As praias proporcionavam a possibilidade de fazer algo, de romper o imobilismo de achar que as coisas tem que ser feitas só pelo poder público. Os eventos promoveram uma mudança de percepção da pessoas, o descobrimento de que alguém mais era possível. Todos os eventos foram lindos, afetivos e inspiradores..
 9. Foi uma experiência transformadora, transmutadora de mim e perceptivelmente para várias pessoas que vivenciaram alguma ação dos Praias na reflexão gerada em relação ao rio, a cidade, a relevância dos recursos naturais, além das relações sociais, humanas e com outras espécies.
 10. Revelar lugares da cidade para cidadãos
 11. As ações do Praias transformaram a minha vida e o meu olhar sobre a cidade do Recife expandindo meus horizontes sobre voluntariado e trabalho coletivo.
 12. Foi a base provocativa para a construção de um pensamento e práxis estruturada nos meus tempos atuais
 13. Ocupar as ruas e a natureza urbana sempre é afetiva quando feito com amor.
 14. Algo que vem a valorizar o nosso rio, temos uma area muito rica ao nosso reder só precisamos explorar respeitando os limites da natureza.
 15. Conectar com o rio!
 16. Foi transformadora.
 17. Acho a proposta bem interessante, de ocupação do espaço público. Gostei bastante da edição no Coque porque fez muita gente se juntar na comunidade.
 18. Tô morrendo de saudade
 19. Foi uma experiência incrível de conviver com pessoas muito interessantes, empenhadas em viver numa cidade melhor, pensando nas pessoas, na atuação política através de ações que dependiam do empenho da equipe. Foi um momento de muita riqueza pra mim pessoalmente, que com certeza me marca positivamente até hoje e com uma lembrança muito boa.

20. As praias eram momentos que misturavam lazer e ocupação da cidade, trazendo um olhar pro Rio Capibaribe. A programação era boa e, ao mesmo tempo, trazia um debate necessário.
21. Além de tratar de um assunto importante para a nossa cidade que é a vida do rio Capibaribe e do seu entorno; proporciona um movimento de ações sociais e artísticas de forma descontraída e familiar. Como também chamar a atenção do poder público sobre a causa.
22. Permitiu me relacionar de outra forma com a cidade, além de me colocar em contato com outras pessoas que também estavam buscando desenvolver outras formas de se relacionar com a cidade.
23. Uma sensação de que era possível ocupar a cidade de uma forma horizontal, pensando a vida urbana intimamente ligada às vidas das pessoas todas que compunham aquela dança ali. Ainda mais tendo o rio Capibaribe como centralizador dessas ações, um rio que é como uma artéria, bombeando sangue em todo o organismo vivo de Recife.
24. A princípio fui por um convite de movimentar musicalmente, mas depois percebi a importância de estar presente e dar apoio tanto ao movimento e as pessoas que são suas vidas pelo projeto
25. Adoro como o projeto apresenta uma nova forma de utilizar o espaço público.
26. Recupera o Rio como lazer. Promove encontro entre as pessoas
27. Revitalização nosso olhar para a cidade anfíbia que é Recife
28. Só alegria, txais!
29. Um dia diferente de lazer que proporcionou um olhar particular de como podemos ocupar espaços de forma segura e prazerosa. Feliz por ter participado!
30. Foi massa! Saudade das praias ;)
31. Era o momento de integração social integração com a natureza partilha troca Cultura entender minimamente que temos um rio e simplesmente não desfrutamos do prazer que ele pode proporcionar
32. Ótima experiência de utilização do espaço público e dos recursos naturais da cidade, praticando a convivência social e o lazer público.
33. Ótima iniciativa.
34. As "praias" deixaram a cidade mais humana!
35. Ver pessoas ocupando os espaços da cidade
36. Uma das primeiras e melhores experiências de ocupação das margens do Rio na qual participei. Foram ativações importantes que se consolidaram num formato pra cidade.

37. Mostra uma reação da população à inércia do poder público para anteder demandas de fruição do espaço público. Em vez disso, o Estado prefere manter os espaços urbanos como objeto de especulação (financeira e política) e distante das pessoas que os tem basicamente como locais de passagem para algum destino.
38. Eu me sentia bem nas ações, feliz em ver e fazer parte
39. É massa o praias!
40. Trabalhar coletivamente é uma experiência que ensina muito e me senti muito bem ativando um espaço da cidade de maneira diferente e ajudando a proporcionar o mesmo para outras pessoas.
41. Vivenciar lugares da cidade que estavam ocultos. As experiências mostraram uma possibilidade de trazer vitalidade aos locais de forma simples
42. Reconheço o praias como proposta de intervenção urbana de caráter artístico e de transformação social
43. Positiva como uma manifestação do desejo da sociedade, como laboratório de experimentação de intervenção urbana, como lazer
44. Pra mim foi a possibilidade de integração entre diversas classes sociais, além do carnaval, de forma construtiva e humana. Colaborando pro mesmo meio comum. Fazer cidadania.
45. Porque tive a oportunidade de vivenciar diferentes situações sociais e de espaço público e como membro voluntário do coletivo, estar sempre debatendo as múltiplas formas de agir para cada diferente espaço, foi de grande aprendizado para a minha construção pessoal.
46. Uma prática de formação a cidadania impa
47. Foi importante ver um evento tendo as praias do Rio Capibaribe como foco. Uma nova forma de sentir a cidade com um Rio tão abandonado ...
48. Participar tanto como voluntário quanto como público foram duas experiências incríveis. Propiciou maneiras singulares (únicas) de experienciar a cidade em coletividade, aproveitando a relação com a água e a cultura litorânea do Recife. Politicamente importante e afetivamente potente.

Respostas a pergunta 11:

1. Passeio de barco
2. Estudei em um colégio que sempre promovia um contato muito próximo com o rio
uuu

3. Passeio de barco, ida a bares como o Capibar, na margem do rio, realização de trabalhos na Escola Recanto, ida ao mangue, passeio nas pontes e na Beira-Rio.
4. passeios de barco em diversas ocasiões
5. A relação com o projeto Coque Vive
6. Ações de limpeza das margens do rio e de lagoas como a do araquá na época do ensino fundamental. A matéria de educação ambiental fez diferença na minha formação.
7. Travessia entremargens com barcos de pequeno porte; desejo de fluir pelas águas com o serviço do catamaran; desgosto com a falta de manutenção da vida dos ecossistemas relacionados ao rio capibaribe, sensação de vida presente tal como: saber que ali consta o sagrado; análise de suas peculiaridades e criação de respostas poéticas (colagens, objetos de arte, carimbos...); ritualística integrada ao viver (união arte e vida: performances individuais não registradas) ao transitar sobre as pontes em bicicleta ou carro; manguebeat
8. O Rio sempre foi opção de lazer dos meninos carentes aqui do coque e na minha época era opção principal nos dias de maré cheia
9. uma experiência mais distante, de conhecimento acadêmico, sem a proximidade que foi proporcionada pelas praias.
10. Frequentei e fiz remo durante uns meses no início dos anos 2001-2
11. Estudei no Instituto Capibaribe e ao longo dos nove anos nessa escola senti o Rio Capibaribe como as veias do Recife que leva e trás vida
12. Projeto Parque Capibaribe
13. Sempre morei próximo ao rio no bairro da torre e sempre andei de barco pelo rio
14. Remo, passeios de barco, contemplação
15. Pescar e tomar banho no rio Capibaribe
16. Passeio de Catamarã (turístico)
17. Nasci e fui criada numa região ribeirinha do Capibaribe. Na Iputinga. Atravessava de barco com frequência, para casa forte e apipucos, também usava a ponte da compesa pra atravessar a pé. Ainda hoje meus pais moram nessa casa e ainda convivo com o rio.
18. Já tinha feito passeio pelo Rio.
19. Capibar, atravessar o rio no marco zero, andar de barco com o pessoal da Ilha de Deus, no dia mundial sem carro, ficar na beira do rio apreciando.

20. Foram poucas mas tinha. Travessias de barco com a bike. E uma ação artística com outros artistas pelo rio. Além de ter notado alguns anos na rua da aurora de frente para o rio.
21. Costumo fazer passeios de barco
22. Experiências pessoais
23. Já naveguei à passeio pelo Rio, já fiz aulas de remo, já atravessei o Rio em diversos pontos da cidade (meio de transporte), já mergulhei no rio algumas vezes.
24. Já havia feito passeios de barco, travessia simples, etc
25. Com o movimento Recapibaribe , com o Capibar e com o projeto eu quero nadar no Capibaribe. E você? E com o EQNC nas escolas.
26. Participei quando criança ativamente na criação do projeto Ponte a Ponte, do Instituto Capibaribe, um projeto que sensibilizava o poder público e privado para a questão das margens do rio, com o slogan Adote uma Margem :)
27. No instituto capibaribe, sempre faziam atividades relacionadas com o rio.
28. No instituto Capibaribe quando meus filhos estudavam lá.
29. Contemplação
30. Participação do Capibar, do passeio no espaço Baobá
31. andar de barco pelo rio..de casa forte ao centro
32. travessias e passeios de barco e Capibar.
33. Aulas de campo no barco escola
34. Travessia de barco
35. Passeio de barco em intervenção artística (Bruno Faria SPA das artes)
36. Só de ver ele ali, morrendo.
37. Passeio de barco no Marco zero até Francisco Brennand e o passeio do catamarã
38. Palestras e ações do Capibar.
39. Participei de um projeto sobre a limpeza do rio, na Escola Instituto Capibaribe; passeios de barco; acompanhamento da nascente à cidade com a escola... outros lugares na beira do rio...
40. Praticava Remo no sport clube do Recife
41. Catamarã
42. Cresci no centro da cidade e sempre convivi com o Capibaribe como pano de fundo pra muitas histórias.
43. Atravessar de barco; curtir, quando criança, as enchentes.

44. Apenas como elemento de uma paisagem que muito admiro e penso o quanto poderia ser.
45. No projeto Parque Capibaribe, do qual faço parte
46. Fiz aulas de remo no rio
47. Remo, participação no projeto parque Capibaribe, passeio de barco e catamarã
48. Passeio de catamarã, participação em filmes, passeio de barco, intervenção artística no rio, etc...
49. Como pesquisador e projetista do parque capibaribe
50. Quando criança tinha uma tia que morava a beira do Capibaribe em Caxangá. Passava horas olhando o rio, o que ele trazia na correnteza, os animais nas suas margens. Me encantava.
51. Já tinha feito uns passeios de barco e no meu antigo colégio(instituto capibaribe) tinha algumas ações educativas em torno do rio.
52. Atravessá-lo em barquinhos de Casa Forte ou da Jaqueira, para as Graças, e passeios. Só isso.
53. Eu quero nadar do Capibaribe. E você ? 2008 Workshop Barcobus 2009
54. Pequenos tours em barcos e o misto de admiração e espanto que marca a ambiguidade dos recifenses com o Rio.

Comentários deixados no formulário (pergunta 18):

1. Quero mais!
2. Precisa voltar a acontecer
3. Parabéns por tudo isso!
4. Foi algo inovador, pois eu era bastante novinha e fiquei completamente encantada e feliz em ver minha comunidade vivenciando àquela linda experiência
5. Uma conscientização maior da necessidade de preservar e a importância de viver em comunidade
6. O praias do Capibaribe foram importantes para outros projetos como o do Parque do Capibaribe, e creio que para a emergência de outros grupos que se dedicaram prototipagens do espaço, com engajamento da população em áreas de comunidades, morros e centros históricos.
7. O Coletivo Praias do Capibaribe é essencial para a transformação cultural do Recife por uma cidade mais Humana e consciente

8. Um coletivo que não pode desaparecer. Precisa Transcender ao efêmero e se transformar em política pública .
9. Bru, obrigada por ter reunido a gente e ter aberto a casa e o coração para que esse trabalho se transformasse no sucesso que foi o Praias. Sem tu, a gente não teria ido tão longe! Força!
10. Achei uma experiência incrível de interação com o rio e com o uso do espaço público.
11. Iniciativa brilhante para levar informação sobre o rio, para gerar pertencimento ao espaço público e curtir tardes nas cidades com pessoas instigadas e maravilhosas 🐱
12. Avante!
13. A vivência com o Praia resignificou a forma como caminho, percebo e interajo com a cidade, definitivamente
14. As ações eram muito incríveis quando estavam ocorrendo, o povo todo junto, atividades ao ar livre, ao lado do Rio Capibaribe. Mas para mim a maior riqueza foram os momentos em que participei dos encontros, de reuniões, o convívio com as pessoas que faziam as Praias. Foram momentos de uma riqueza afetiva que me marcam muito. Três momentos que me lembro com muito prazer: quando estava começando a me aproximar e a conhecer o grupo e me voluntariei para escrever um projeto do Funcultura, que acabou não sendo aprovado. Mas que para mim já valeu apenas pela imersão daqueles dias. O segundo momento foi quando fomos a Natal para conhecer outros coletivos. Choveu tanto, mas de novo parece que estar com aquelas pessoas já valia mesmo quando dava "errado". E a terceira melhor lembrança foi quando viajamos para um "mergulho", momento de imersão sobre que caminhos seguir com as Praias. Acabei me afastando por eu mesma estar passando por um momento de muitas dúvidas pessoas, muitas questões, mas eu acho que ações como essas, que partem de um grupo de pessoas, empenhadas em mudar para melhor as questões sociais, políticas, urbanas são as que fazem sentido, sobretudo num mundo cada vez mais hostil.
15. Os dias que participei foram muito gratificantes, até porque, eu estava expondo no Museu e o evento deu mais visibilidade e público para as minhas obras, além da experiência única de estar incluído e participando com muita descontração com pessoas incríveis como a própria Bruna e outros amigos que fiz por lá...
16. Apenas continuem, precisamos hoje mais do que nunca desse coletivo
17. O praias foi uma das primeiras Intervenções artísticas que eu tive a oportunidade de participar, mesmo sem saber classificar dessa forma inicialmente. Mas me chamou

atenção para outros olhares da cidade, e fui provocada a estudar o tema (intervenções artísticas no espaço público) no mestrado.

18. Lembro de uma intervenção no Derby, por trás do edifício garagem da Uninassau q também participei, mas não a vi na lista lá de cima. Esta não foi uma ação do Praias?
19. Deu uma sensação de união e convivência pacífica do espaço. Muitas pessoas, principalmente crianças que se divertiram bastante!
20. Na real eu gostaria de agradecer a parceria e os momentos felizes que passei nas ações do evento. Hoje me aceitaram positivamente me ajudaram a fortalecer as minhas relações com a cidade com a natureza com os amigos e com a cultura. Agradeço a todos os envolvidos.
21. Vamos fazer novamente!
22. Tem que voltar!
23. Recife precisa do Praias
24. Quero mais praias! Quero na várzea!
25. Parabéns pela iniciativa. Sigam em frente!
26. Sei lá, preciso de uma oficina de rememoração.
27. Formou minha visão do mundo
28. Foi prazeroso encontrar tantas pessoas envolvidas com artes

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Transcrição da entrevista aos integrantes do coletivo Praias do Capibaribe

Nome: André Moraes (A.M) Idade: 37 anos

Período que integrou o coletivo: 2014 - 2016

Formação: arquiteto e urbanista.

Olá, me chamo André. Integrei o coletivo Praias do Capibaribe acho que depois de 2014, né ? Acho que foi 2014, com a intervenção do Derby ali, mas bem, tu já sabe quem eu sou. Mantendo a tradição de ser fora do tempo, te envio aí, começo a enviar pergunta por pergunta, uns áudios aí, para ver se facilita, te ajuda, mas não são áudios que tô me sentindo forçado de enviar e sim que acho que chegou o momento de enviar para tu e acho que o momento é esse. Com todo carinho e toda a vontade de contribuir sempre para sua felicidade, tua vida e é isso. Vamos lá!

Nome: André Oliveira Arruda (ZA) Idade: 30 anos.

Período que integrou o coletivo: 2012 - 2018

Formação: Graduação em Design pela Universidade Federal de Campina Grande. Mestrado em Design pela Universidade Federal de Pernambuco.

Nome: Bernardo Teshima (BT) Idade: 25 anos

Período que integrou o coletivo: 2012 -2018

Formação: Fotógrafo.

Eu sou fotógrafo e é isso. Eu estudei no Instituto Capibaribe minha vida toda e depois eu entrei no curso de licenciatura em Artes Visuais na UFPE e tranquei o curso. Sou filho de artista. E agora estou num curso de graduação em fotografia novamente pela UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco).

Nome: Carolina Corrêa Lira (CC) Idade: 28 anos

Período que integrou o coletivo: 2011 - 2015

Formação: Arte-educadora

Nome: Luciana Carvalho (LC) Idade: 28 anos

Período que integrou o coletivo: 2011 - 2015

Formação: arquiteta

Nome: Rodrigo Cavalcante (RC) Idade: 28 anos

Período que integrou o coletivo: 2011 - 2018

Formação: arte-educador

Não responderam: Rômulo Nascimento, Mariana Longman, Márcio Erlich, Alice Chitunda.

Respondeu e o material foi extraviado: Julien Ineichen.

1. Você poderia descrever o que foi o coletivo Praias do Capibaribe ? E como surgiu a ideia de sua realização?

AM - De forma técnica, descritiva, O praias surgiu de um projeto, o Eu Quero Nadar no Capibaribe, né? Surgiu a partir da apresentação de um trabalho do projeto Eu Quero Nadar no Capibaribe e você? Onde se produziram algumas células, mini docs mostrando as relações das pessoas com rio e o lançamento dessas células enquanto vídeo, buscou-se criar um evento pra isso. E aí surgiu a ideia, acho que entre os integrantes que no momento acho que eram Julien, tu e Alice Tilovita, né? Como tu trabalhava no Museu, atrelou a relação do museu com a possibilidade de ser um espaço de exposição e aproveitar o espaço do jardim do museu como espaço de construção de uma praia, que tivesse uma relação forte como o Museu Murillo La Greca tem com o rio, uma relação de integração aí, né? Então, de forma prática, na minha cabeça é isso, foi assim que surgiu o Praias.

AM - Descrever o que foi o Praias, o que foi o coletivo em si... Essa ideia inicial surgiu disso, né? Desse evento de lançamento, mas era um evento ainda, né? Então depois de tão certo que deu esse primeiro evento, surgiu o interesse de fazer outros e foram sendo feitos esses outros ainda muito focados numa forma de fazer, de apresentar arte, de levar arte pra cidade, levar discussão pra cidade, mas vinculada a área externa do museu ainda, aquela busca de se desvencilhar das caixas de exposições hermeticamente fechadas, né? E aí se repetiu algumas vezes... A meu ver assim, na época eu ainda não participava e eu via muito o Praias do Capibaribe, enquanto essas ações dessas pessoas que juntavam amigos, então era um público

que a meu ver assim, muito elitizado, que se aproximavam das pessoas que estavam organizando, um público de museu, né? Um público que frequenta os museus, assim como o La Greca por exemplo e outros, mas tinha alguns gatos pingados, algumas pessoas que começaram a participar também, a ir pros eventos... O evento sempre buscou também levar de forma descontraída a questão da reflexão sobre a cidade, sobre a relação das águas, do rio Capibaribe em si mesmo, né? com os usuários, né? e no meio-campo disso aí, com as pessoas, com os projetos da Prefeitura, projetos de iniciativa privada, projetos de iniciativa pública, sei lá... de uma forma crítica e que buscou carregar essa crítica durante toda sua história, porém é um recorte ainda muito de público de museu, né? público classe média, classe média-alta, Casa Forte.

AM - Só que com o passar do tempo, acho que depois da ação lá do Derby, eu acho que da intervenção do Derby, o workshop que aconteceu, né? É, acho que seria muito injusto falar isso também, mas acho que depois de várias ações realizadas já ficou percebido por várias pessoas do Recife, a Universidade Federal de Pernambuco também, enquanto InCiti, da importância desse movimento e da força que esse movimento tinha de agregar pessoas pra discutir um pouquinho a cidade ou para aproveitar um domingozinho de sol e encontrar pessoas que é uma característica muito forte de Recife, creio também. E aí com vários eventos desses criados, várias atividades criadas, surgiu oportunidade, através do convite, eu acho, e da parceria do Parque Capibaribe com o próprio Praias do Capibaribe de fazer o workshop tentar atrelar isso a movimentação ali da Fundação Joaquim Nabuco também, com a parceria deles. Então foi um arranjo institucional, né? Feito através de alguns dos integrantes do Praias, buscando os atores que poderiam viabilizar uma ação prática dessas do Praias, de maior porte. E aí com esse arranjo institucional, gerou esse workshop de duas semanas, uma Praia do Derby, envolvendo não só atores locais, mas internacionais e também abrindo para participantes ...aí várias pessoas entraram no coletivo e várias pessoas entraram na organização desses eventos e começou a surgir as discussões sobre a possibilidade de criar realmente um coletivo, ao invés de ser só um evento, uma plataforma de eventos políticos, educativos e críticos, mas um coletivo que pudesse gerir, movimentar e vislumbrar outras possibilidades e caminhos, muito também buscando os interesses individuais de todos os envolvidos e como esses interesses individuais na coletividade podiam transbordar pra cidade. Acho que o transbordar para a cidade os interesses é uma coisa muito importante e aí criou-se o coletivo, juntando várias pessoas.

2. Quando você ouve o termo Praias do Capibaribe, qual a primeira imagem vem na sua cabeça?
2b Que elementos você considera emblemáticos, constitutivos e indispensáveis das realizações do Praias? 2c Quais significados você atribui a esses elementos? 2d Você saberia dizer porque?

ZA - Museu Murillo La Greca. Crianças atravessando a rua. Aquele menino do Direitos Urbanos (Sérgio Urth) que pintou a faixa, grafitou a faixa de pedestre. Acho que foi uma das primeiras intervenções. Primeiras não, né? Mas bem véia, uma das mais antigas. Eu lembro bastante.

ZA – 2b Realização do Praias, na minha cabeça, tipo, só existe quando tem grupo de pessoas, né? Então, me vem muito aglomerado de pessoas, crianças realizando atividades, brincadeiras, ocupando o espaço na beira do rio.

ZA – 2c Me remete a questão social, a trabalhar em grupo, a ter envolvimento com pessoas. Colaboração, colaborativismo, trabalhar em equipe, trabalhar em conjunto. Isso é ao que me remete.

BT - Piscina e sol e água no asfalto. Água, piscina e sol. Acho que são elementos essenciais. Acho que sim, porque acho que a água ela já tem um peso bem forte assim, lúdico, né? Acho que ela é bem lúdica, porque você independente de, não sei como explicar, mas... independente da idade, ela é universal, né? Ela é um componente lúdico universal, assim... Não importa quem use dele, sei lá, ela é um componente interessante. Sempre vai ser interessante. Sempre vai ser divertido. E também acho que ela é uma forma de agregar as pessoas também, acho que água agrega as pessoas. Eu acho que é isso, eu acho que é mais a água e o resto é mais de... acho que de uma lembrança afetiva mesmo. De sempre, eu acho que a água está associada também ao calor e ao sol também, assim, essa minha imagem afetiva tem muito calor e muito sol e muita água pra refrescar. Então eu acho que a água também, ela é boa porque ela traz essa sensação de alívio também.

CC – A primeira imagem que vem na minha cabeça de maneira objetiva é a bolha na na ilha do Bororé, em SP. Foi muito forte aquele dia, aquele momento, sabe? Entrar naquele lugar e escutar o que eles pretendem e o que estão fazendo ali, sabe? E brincar! E é simbólico porque estávamos levando a discussão pra outros lugares.

CC – 2b Eu acho que de maneira subjetiva o coletivo é indispensável. Eu não acho que o Praias do Capibaribe consiga se realizar em sua plenitude e com todas as coisas que visava fazer sem

ter um coletivo, sem ter um grupo de pessoas diverso pensando em como fazer essas intervenções, até porque era um coletivo de artes integradas, daí a necessidade de ser constituído de pessoas com diversos saberes. Eu acho que nada físico foi ou é indispensável para fazer o Praias. Nem as coisas simbólicas que a gente usava como a bolha ou os guarda-sóis, pois já fizemos ações sem nada disso. A realidade é que não precisava ter. Em algumas intervenções não tínhamos ou um vários dos elementos físicos: guarda-sóis, cadeiras, bolha e não faziam falta, eram elementos que proporcionavam uma brincadeira boa como a bolha, mas não eram indispensáveis, sem eles a ação acontecia igual.

CC – 2c O significado, mantendo a opinião de que o único elemento indispensável era o coletivo, era o significado de comunidade, de discutir as coisas com profundidade, seriedade, responsabilidade, enquanto grupo diverso e não como um grupo que representava somente uma parte da sociedade. Nesse sentido eu acho que a gente tinha pessoas de classes sociais diferentes, cores de pele diferentes, sexualidades diferentes, gêneros diferentes. Eu acho que às vezes a gente falhava em escutar essa diversidade toda. Eu, particularmente, até escutava, mas acho que deveria ter escutado mais em alguns sentidos. E o porque desse ser o único elemento necessário é porque não tem como fazer uma discussão tão grande como a gente tava propondo sem trazer um grupo pensante diverso e a sociedade também, mas pra trazer a sociedade é necessário um grupo primário que é o coletivo.

3. Como você conceituaria o tripé: Água, pessoas, espaço público? 3b Que imagens essas palavras te trazem e que significados? 3c Que memórias te despertam?

ZA - Falando de cada um, eu acho que são os três pilares básicos, inclusive, não só do coletivo do Praias, mas como outras ações e intervenções que só são possíveis quando são feitas em conjunto com pessoas, então o pilar colaborativo. Tem a questão do rio que querendo ou não traz a questão com o meio ambiente, uma reflexão sobre o papel do ser humano com a natureza. E em tudo isso está inserido no contexto urbano, né? Então, não adianta nada fazer uma intervenção, trabalhar com pessoas no interior, no lugar onde já é... a natureza já favorece, então se torna muito mais desafiador trabalhar em questão do urbano, né? Então, acho que o pilar da cidade também traz essa reflexão do nosso papel, muito mais o papel do ser humano entre o rio e a cidade, né?

BT - Eu acho que esse tripé, na verdade, quando você pensa no tripé, eu acho que os três pilares, eles tem meio que um, são sei lá, são equivalentes, mas eu acho que pra mim eles não seriam equivalentes, acho que na verdade tipo são, eles têm importância diferentes porque as pessoas são muito importantes, os espaços públicos são muito importantes, mas eles só fazem sentido assim, só fazem sentido juntos, ou pelo menos na ideia do Praias com a água, né? A água é que é a cola, a água é que faz a ligação das pessoas com os espaços públicos e ela também é a cola porque ela traz... ela tem essa função também de sei lá, de criar memórias afetivas também com os espaços, eu acho, porque à medida que ela... que você associa o espaço público ao lúdico, né? Você também fica mais próximo dele, acho que é meio que isso assim.

BT -Eu acho que a água é essencial.

CC – Eu acho que o conceito de água vinha simbolicamente representar o conceito de ecologia, na época. O de pessoas, o conceito de indivíduo social e o do espaço público, o conceito de espaço público mesmo. E aí eu acho que essa tríade servia pra discutir, embora de forma meio difusa e vaporizada alguma coisa como o metabolismo social, usando hoje os termos marxistas mesmo. Eu acho que discutíamos a relação entre sociedade e espaço, procurando fazer isso de forma não anacrônica, levando em consideração o materialismo histórico, ainda que fosse de forma inconsciente porque não tínhamos esse estudo e profundidade sobre o que estávamos fazendo naquela época. A gente tinha uma práxis muito confusa e eu acho que isso era devido a essa falta de estudo e profundidade. E não tem como fazer uma prática sem essa teoria estar muito clara. A praia de Santa Luzia é uma imagem que me vem muito forte: aquelas crianças, a forma como perdemos alguns materiais, por conta dessa relação que é confusa porque não basta um coletivo chegar lá e fazer uma ação pra que isso mude as coisas de fato. Tem um núcleo transformador, mas é raso porque nem a discussão, nem o contato de fato com as comunidades se dá de forma aprofundada também. E a gente acabava ficando um pouco como estrangeiros.

4. Antes de participar do coletivo, como era sua relação com o Rio Capibaribe e com os espaços públicos da cidade de forma geral? 4b Que fatos/eventos foram importantes/significativos para você durante essa experiência?

ZA - Eu conheci o Praias em 2011, eu acho. Foi por aquela época. Então, antes eu não morava em Recife, eu morava em Aldeia, então eu tinha um contexto bem favorável com a relação com a natureza, né? E quando eu vim para cidade, para Recife, senti uma necessidade de me

aproximar, né? Também morava na várzea, que é um bairro suburbano, afastado, né? Que ainda assim tem uma certa relação com o rio, com a natureza, né? Tem uma área verde bastante extensa, mas não tinha uma relação direta com a cidade, então eu sentia falta dessa questão da relação, né... de procurar relações que trouxessem a natureza, o meio ambiente para serem discutidos e foi no Praias que eu encontrei isso, né?

BT - Essa aí é boa. Eu acho que, eu lembro que eu tinha pesadelo de cair no rio, então na minha experiência assim, era... eu gostava, eu admirava muito o rio e tinha esse sonho de nadar um dia no rio, de enfim, ter uma relação mais próxima, mas o rio era bem punk assim, eu tinha pesadelo de cair no rio, sempre que eu passava na ponte, vinha essa imagem de alguém me empurrando, eu caindo no rio e sendo horrível, então pra mim sempre foi uma coisa de eu sempre tinha um desejo, mas ao mesmo tempo, tinha muito medo assim..., tanto que acho que eu nem ficava próximo dele assim, eu já tinha... (a gravação falhou e perdemos um longo trecho)

BP - Da minha memória, Bernardo falou um pouco da relação anterior dele com o rio, que durante toda a infância, através da escola, haviam projetos e passeios com o rio, falavam do rio e das capivaras, havia uns projetos de viagens, de fazer cisternas no interior, de visitar a nascente do rio etc, que ele tinha muita vontade de participar, mas que nunca tinha chegado a se envolver mais profundamente, que isso não acontecia por parte da família, era mais por parte da escola mesmo.

BT - Eu acho que tipo, antes de fazer parte do Praias e todo esse meu medo do rio e também desconhecimento, né? Porque por mais que tivesse alguns projetos no colégio, enfim, algumas atividades educativas, eu nunca me envolvi tanto, não me envolvi muito nelas, a ponto de realmente conhecer o rio, né? Tinha medo porque não conhecia.

4b Que fatos/eventos foram importantes/significativos para você durante essa experiência?

BT - E aí o La Greca foi legal, foi a experiência inicial, mas acho que o que começou a me transformar mesmo assim, a me aproximar do rio mesmo foi o workshop no Derby, né? Porque ele teve o processo do trabalho conjunto, eu acho até que é bem, foi importante também trabalhar ao lado do rio assim e comer com as pessoas junto e também ter essa vivência continuada, né? Próximo ao rio, na beira do rio e vendo o rio várias horas do dia, acho que isso foi bem importante também. E também no processo de prototipagem das instalações, a gente também... eu comecei a perder um pouco assim o nojo talvez porque tive que entrar no rio, né?

E ter essa relação mais física mesmo de tocar na lama, de sentir o lixo, de sentir enfim todas essas texturas e odores do mangue, né? E ver que é ruim, mas é bem tranquilo assim, é bem aceitável. Vale muito a pena, inclusive, se melar! E aí desse marco que foi o workshop do Derby, acho que as experiências mais marcantes foram a viagem que eu fiz, que a gente fez de barco que foi bem extensa e que deu pra gente ver, conhecer melhor assim, tanto a margem do rio, quanto de todas as comunidades que estão presentes e também do lixo que existe no rio, né? E... acho que também foi legal... uma imagem bem marcante para mim foi que depois assim no dia da festa, tava tudo muito lindo, cheio de gente, todo mundo comemorando, feliz, eu lembro que eu fiquei bem assim, tipo, nostálgico, de sentir que aquilo tava acabando e não de que tinha sido, sei lá, de que tava legal, que tinha ficado legal, mas era mais uma nostalgia de sentir que aquela vivência tava se acabando, né? E aí eu lembro que eu fui para o pier e aí fiquei olhando assim o rio bem de pertinho assim, vendo bem o reflexo, na verdade tentando, na verdade eu lembro que eu tentava me enxergar no rio e aí não sei se eu me enxergava, mas foi muito bom assim a sensação de ficar bem... quase tocando minha cara no rio, foi bem bom. Isso um tempão eu fiquei...

BT - Eu sempre fui muito peixe, sempre gostei muito de água, de mar, mas o rio pra mim sempre foi mais legal do que o mar, porque dá pra nadar de olho aberto também... E acho que tem uma memória afetiva o rio também porque sempre que eu ia nas férias, eu e meus primos íamos pro engenho do meu avô, né? Aí a gente passava o dia tomando banho de rio, então eu acho que o rio sempre foi mais nostálgico.

CC - Antes da minha participação como integrante do *Coletivo Praias do Capibaribe* minha relação com o Rio era só de admiração e de fruição, porque apesar dele ser poluído, eu realmente nunca tive objeção de apreciar a beleza dele. Eu tinha o hábito de ir andando para o colégio, de passar pelas pontes e curtir aquele momento. Eu sempre possuí uma aproximação muito grande com água, especialmente com rios. E daí alguns eventos promovidos pelo Coletivo foram muito significativos para mim, a Praia de Santa Luzia e a Praia do Coque, principalmente, porque pra mim ficou evidente que a gente não podia/pode ignorar o que acontece com aquelas comunidades, uma vez que existem pessoas que dependem daquele lugar, do rio, da água, que vivem a partir dele e precisam estar ao redor dele, na margem do Rio. Logo, as Praias que aconteceram nas comunidades foram as que tiveram mais impacto político dentro de mim, tanto revelando incoerências internas do Coletivo, quanto pra me ensinar coisas, consolidar outras também e que me fizeram ir buscar depois aporte teórico para aprofundar várias questões. Talvez a ação em Santa Luzia tenha sido pra mim a mais importante, pois eu tava muito mais

próxima das pessoas da comunidade do que dos integrantes do Coletivo. Eu tava mais envolvida e me relacionando fortemente com as crianças e alguns adultos, do que tava junto do pessoal do Coletivo. Naquele momento realmente ficou muito evidente pra mim o quão é grave a gente não ter uma profundidade do que a gente se propõe a discutir. Levar pessoas para dentro de uma comunidade, que comumente não têm o hábito de ir até lá, para discutir aquelas questões todas inerentes ao objetivo da ação e não fazer isso de uma forma séria, acabava sendo algo por vezes superficial do ponto de vista pragmático e teórico, embora por outro lado era visível em diversos momentos que era muito legal para a comunidade vivenciar aquela experiência antes, durante o evento e depois, usufruindo a posteriori dos materiais, mobiliários e registros da ação deixados no local. Entretanto se não há uma continuidade, não há um trabalho que vai além disso, foi somente um dia de festa e celebração e daí eu acho que essa reflexão serviu, sobretudo, politicamente, pra gente construir um pensamento crítico em relação às ações. Nesse sentido eu acredito que foi uma discussão que promoveu um entendimento outro dentro de todos nós e sem dúvidas dentro de mim, porque a minha relação com a cidade hoje é absolutamente diferente e o Praias do Capibaribe foi o pontapé inicial nesse processo.

5. Você consideraria essa uma experiência educativa/política? Se sim, de que forma você considera que essa experiência contribuiu com a sua formação (subjéitiva/informal e/ou formal)?

ZA - Naturalmente a resposta é sim. Eu acho que impactou bastante, então como eu tinha dito: meu primeiro encontro com o Praias na verdade foi numa reunião aleatória pra trabalhar projetos para criar essa relação, estimular essa relação, então de primeira mão a gente já pensou em algo novo pra época, né? pro tempo, que era pra fazer um projeto num financiamento coletivo, pra pensar ações, então essa questão de pensar não só na problemática, mas também na solução, né? No caso a gente combinou que a principal ação seria chamar a atenção para o rio. Então, a gente pensou em como pensar isso, em como de forma criativa e lúdica fazer isso e foi através do financiamento coletivo que era o melhor caminho para por exemplo, criar uma bolha de plástico, que pelo menos na época foi o que mais estimulou visualmente as pessoas, né? A curiosidade de querer entrar no Rio já que o rio é sujo, então criar essa dubiedade né? Você entra no rio, mas você não encosta no rio, nem na água, né? (...) a união com as pessoas... e a bolha foi se desdobrando em várias ações, né? Então a gente chegou a fazer, durante uma época, todo mês, encontros, isso foi trazendo pessoas para perto, muitas vezes pessoas que não eram do entorno, que não viviam perto, começaram a se deslocar para participar (...)

BT - Eu acho que educativa principalmente porque ela foi uma experiência transformadora, na minha vida e na vida de muitas pessoas que tiveram próximas do projeto ou até que nem tiveram tão próximas assim, mas que participaram de alguma vivência, de alguma praia. Eu acho que mesmo sendo apenas um dia, ou dois dias, ou um final de semana, eu acho que marcou mesmo as pessoas, porque mesmo muito tempo depois as pessoas ainda perguntavam quando que a gente ia fazer de novo, ainda perguntam, né? E elas sempre lembram assim, como se fosse... como se realmente a gente fez, faz parte da memória delas, né? Então, acho que a gente tem a tendência de lembrar de coisas ou muito boas ou muito ruins, né? E eu também tenho certeza que ruim não foi... hahaha... Então acho que por ser transformador, assim, por trazer novos sentimentos, novas perspectivas pras pessoas eu acho que tem esse lado educativo, né? E o político, acho também que por ter essa ideia de ser um ativismo também, né? de ativar um espaço que deveria ser nosso, né? Ou é nosso, mas não é... hahaha... E também dar consciência. Aí eu acho que o político e o educativo tão bem próximos, né? Porque na medida que a gente toma consciência do espaço, a gente também se torna um ser político, eu acho.

CC - Com certeza considero a experiência do Praias uma ação educativa e política. Isso se afirmou mais ativamente a partir de 2013. Por exemplo: o Coletivo até a ação na Praia da Aurora Eco Fashion pra mim, particularmente, não havia um caráter político. Eu enxergava como uma performance e achava lindo, massa, perfeito, sem nenhum defeito. Hoje em dia avalio aquele período e faço críticas. Porém, a partir daquele momento, sobretudo depois da Praia do Derby, eu acho que engrenamos realmente numa discussão mais potente, apesar de não ser ainda uma discussão aprofundada, mas era uma experiência muito válida para meu crescimento enquanto ser político, enquanto alguém que circula na cidade de forma consciente. O fato é que o *Praias do Capibaribe* contribuiu para que eu pudesse me reconhecer atualmente como alguém da esquerda radical e ecossocialista. Eu sei que eu não teria trilhado essa jornada que me traz até aqui de forma tranquila e tão rápida se não houvesse uma ação direta do Praias, com os intercâmbios que fazíamos entre a gente e entre outros grupos. Isso provocou em mim alguns desconfortos, me deixou pensativa, me fez questionar outras coisas. Eu tinha um pensamento muito tímido politicamente falando, muito ingênuo. E o Praias me levou para um lugar de instabilidade, de entender a luta de classes, por mais que a mentalidade que eu tivesse dentro do Coletivo e que possivelmente os outros integrantes também tinham era uma mentalidade conciliadora, mas entendo que nasce no Praias essa minha reflexão. Hoje em dia todas as minhas ações, todos os espaços que eu ocupo de debate, eu venho cada vez mais adentrando de forma política. Na minha nova profissão e enquanto sujeita no mundo eu percebo que, não fosse o

Praias, minha formação política à esquerda nunca teria acontecido, uma vez que tudo começou a se organizar ali, por mais que atualmente eu pense muito diferente. A verdade é que se não fosse o Praias eu não teria um pensamento político tão bem delineado como eu tenho hoje.

6. Fale um pouco de seus outros trabalhos e da conexão com o que você desenvolveu/aprendeu no coletivo. Qual a ligação das ações do coletivo com a sua vida e/ou outros trabalhos?

BT - Eu tomei pra minha vida meio que essa metodologia do Praias assim, de conviver mais com... de tipo, é... quando você teme alguma coisa é muito pelo desconhecimento mesmo e que a gente precisa forçar um pouco mais essa interação e tentar forçar ela com ... atrelada assim a experiências positivas pra se aproximar da cidade e eu acho que eu tomei isso pra mim em tudo que eu faço depois do Praias... Hoje eu tô vivendo a cidade como ciclista e percebendo que a cidade é muito mais amigável pro ciclista do que eu imaginava também. A medida em que eu fui descobrindo mais a cidade como ciclista eu fui me sentindo mais em casa na cidade também. Então, eu acho que esse conhecimento, essa vivência do Praias de forçar, de insistir numa interação, numa vivência, ela aproxima as pessoas, mesmo que... e desconstrói medos, desconstrói essa cultura do medo.

5b. Qual a ligação das ações do coletivo com a sua vida e/ou outros trabalhos?

BT - Acho que também. Eu acho que me deu um olhar mais contemplativo da minha cidade porque eu acho que antes era um pouco... já achava legal, bonito e tal, mas... passa um tempo, né? E como é o lugar que você vive, vira comum, né? E aí eu acho que com essas experiências assim de parar e tentar pensar intervenções e problemáticas e enfim e resolver problemas também, né? Dar soluções e tal... e também ouvir outras pessoas. Acho que isso ajudou a ter mais sensibilidade assim pra minha própria cidade assim. E hoje eu sinto que às vezes eu sou, até um turista da minha própria cidade... rrsrs de tanto que eu gosto dela.

BT - Toda essa vivência do Praias, ela foi muito importante também pelo que... tudo que ela proporcionou assim, não só o Praias diretamente, mas de pessoas que chegaram próximas e de outras oficinas, outros artistas e todo esse movimento que pensa semelhante, que também têm o mesmo objetivo assim de construir uma cidade melhor... me perdi.

CC - A minha vivência no Coletivo Praias do Capibaribe primeiramente tem uma ligação com o Ocupe Estelita, que foi importante num nível de quebra de paradigmas profundo. Obviamente que outras subjetividades me interpelavam, mas as vivências no Praias e no Ocupe foram muito

emblemáticas para que eu saísse da minha zona de conforto. Atualmente como Mestra de Reiki eu ocupo espaços politicamente junto com a espiritualidade. Por exemplo: mês passado lá no Espaço Mulher em Passarinho eu estava aplicando Reiki naquelas mulheres, bem como agindo de maneira que meu repertório e minha trajetória de vida contribuísse no debate, na troca, no diálogo, para além do Reiki. Eu tenho avançado nos meus estudos sobre política, que foram estartados com o Praias e de alguma maneira tem a ver com esse Coletivo e penso que a questão afetiva, de ocupar os lugares afetivamente também se deu a partir do Praias. Eu aprendi com e no Praias a me relacionar afetivamente com as pessoas e não somente do ponto de vista político, porque a política tem que ser circundada por afeto. A empatia tem que existir no campo político, a solidariedade precisa estar no campo político. E empatia não é você se colocar no lugar do outro, mas é ver a posição que o outro ocupa e enxergar o outro como um ser, que não é distante de você, que é um ser humano tal qual você é, com as subjetividades dele, entender essa outra realidade, dialogar com ela e tentar quebrar o que está causando algum tipo de opressão nessa realidade. Portanto, quando eu entro em lugares políticos para realizar meu trabalho, a afetividade é o que me conduz.

RC - A minha relação com os espaços públicos sempre foi, creio, algo saudável. Eu estudei em escolas que de alguma forma estimulavam essa relação nos alunos, como por exemplo uma vez em que eu me engajei num projeto que chamava Praia Limpa, que a escola que eu estudava abraçou. Esse projeto existe ainda hoje e é realizado pela prefeitura. Eu cheguei a fazer as ações de conscientização nas praias urbanas do Recife, fazendo as pessoas refletirem sobre o seu próprio lixo, a importância da reciclagem, da reutilização, etc. Logo já havia um pensamento ali na vida escolar sobre o espaço público, sobre a utilização desses espaços coletivamente. Um outro dado fundamental é que eu comecei a me locomover sozinho de ônibus muito cedo. Eu devia ter em média 10 ou 11 anos quando comecei a usar o transporte público. O trajeto que eu fazia normalmente era da escola para casa na volta, porque na ida, como eu estudava de manhã, eu ia com meu pai. Outro trajeto era de casa para terapia e da terapia para casa uma vez por semana. Era os únicos trajetos que eu fazia nessa idade. Então isso também muda nossa perspectiva de espaço público porque você passa a se relacionar com a cidade fora daquele universo do carro, uma vez que você passa a pegar ônibus, a interagir com desconhecidos, a conviver com o medo, sobretudo quem cresceu em grandes cidades, capitais e metrópoles passa a entender desde cedo o que é lidar com a violência, com os grandes males da sociedade moderna e contemporânea. A partir daí a minha relação com esse organismo que é a cidade muda muito quando eu começo a pegar ônibus. Por outro lado também eu sempre frequentei

Parques, especialmente o Parque da Jaqueira que é o mais próximo da minha casa, para brincar, fazer piquenique, etc. Embora eu fui uma criança de prédio também, o que me fazia brincar muito preso aquele espaço, que geralmente tinham áreas de lazer e quando não eu criava meus mundos do mesmo jeito. Então eu penso que eu tive uma relação sadia com os espaços públicos, mas ao mesmo tempo eu construí isso a partir da educação formal que eu obtive nas escolas por onde eu estudei. Também porque nessa dinâmica da vida onde os pais trabalham o dia inteiro e a gente se relaciona apenas nas escolas e com as pessoas que moram nos nossos prédios justamente por conta desse medo que existe da rua, do que é público e coletivo. O fato é que eu acabei não vivendo tanto à rua como um espaço de aprendizado como meus pais que cresceram em casas e não em prédios e puderam se relacionar com o espaço público de uma outra forma. Entretanto eu acho que ainda assim, dentro das limitações e das possibilidades eu consegui ter experiências que foram significativas para a minha relação com o espaço público. Atualmente, no meu dia-a-dia, eu faço muita coisa a pé, de bike, sem ficar tão refém do uso indiscriminado do carro ou de táxis e serviços de transporte particular, enfim, serviços que distanciam a gente da relação com a cidade e com as pessoas. Eu afirmo isso porque eu moro no mesmo bairro desde que eu nasci e, mesmo não conhecendo todas as pessoas que moram nesse bairro, eu tenho uma relação visual com elas, eu sei quem são e elas sabem quem eu sou, justamente por eu fazer muitas coisas a pé, que obviamente também já me rendeu momentos negativos, como ser assaltado. Porém eu não me rendi ainda a esse medo e a essa paranoia de não poder caminhar, de não pegar um ônibus/metrô ou andar de bike.

7. Para você, quais os principais locais onde as ações foram desenvolvidas e quais as diferenças observadas de um para o outro? Como eram as escolhas dos locais onde as intervenções foram realizadas? Os locais estavam ligados com o tema ou as ações poderiam ser realizadas em outro local, sem perda de significado?

CC – Com certeza o Coque e Santa Luzia e acho que a grande diferença desses pros outros lugares era a provocação que isso causava em mim e no coletivo também, eu acho, que ajudavam a gente a entender algumas incoerências, a entender melhor as razões políticas por trás do Praias e a gente interagiu mais com a proposta que creio que era a nossa.

AM - (...) e aí a gente levou a ação pro Coque, que pra mim foi uma das edições mais especiais também, uma praia que misturou realmente na produção os moradores com os integrantes do

coletivo, uma praia diferente pela localização também, específica e muito delicada no contexto urbano da cidade do Recife e também muito especial porque era uma das praias que a gente tinha o rio passando, mas era um braço morto do capibaribe que era inviável de se entrar, então a gente tocou na água, mas o contato era muito de bora olhar pra cá, precisamos olhar pra cá, que essa área tá muito escondida, não esquecida, mas é uma área que talvez a gente possa aproveitar o que a gente tem de agregar olhares de pessoas que têm um certo poder, uma certa organização e tem uma certa representatividade nas disputas de poder da cidade pra mostrar que a gente pode juntar forças, trazer aqui, mudar, então levar pessoas, misturar essas pessoas, mostrar que estamos muito interessados na questão da relação da cidade que se quer, que se deseja, diferente da cidade que se tem e que se nega muitas vezes, abrir os olhos pra essa cidade. Depois disso consegui participar com o Praias do Movimento Ocupe Estelita que pra mim foi bem forte também, nossa ocupação no Cais, bem marcante, bem forte pro movimento como um todo, começar a se articular e até não saber mais de que coletivo se fazia parte porque era uma mistura de coletivos que surgiram ou que existiam já e que se misturaram através do foco principal que era lutar pela cidade que a gente quer e pela cidade que tem sido destruída diariamente. Então, acho que isso é uma grande força. depois disso, a gente aprovar o edital da Funarte, outro edital muito importante pra arte e também de concorrência nacional e eu ter participado diretamente da construção do projeto que foi aprovado no edital, pra mim isso foi muito feliz também e ir pra São Paulo e misturar nosso coletivo, o coletivo do Praias com os coletivos de São Paulo, com o da Batata, ver outras formas de participar, de atuar na cidade, ver outras formas de pessoas se relacionarem enquanto coletivo, acho que esse é um grande aprendizado desse edital aí, e fora a ação em Santa Luzia, quando a gente voltou, também. Acho que esse edital de São Paulo foi mais um presente de reconhecimento pra gente do trabalho todo que a gente vinha fazendo de forma voluntária. E um presente não enquanto remuneração ou um presente material. Um presente muito mais enquanto estarmos juntos enquanto seres amigos que se amam, que se gostam, que se conheceram nesse processo de fazer o Praias ou que se conheciam um pouco antes, mas enquanto coletivo mesmo, enquanto comunidade, coletividade mesmo assim de grupo, enquanto amor, muito amor envolvido e depois que a gente voltou pra Recife, fez a ação em Santa Luzia, que pra mim foi fantástica.

CC - 7b As escolhas dos locais eram pautadas muito pelo diálogo com as coisas que estavam acontecendo na época. Na rua da Aurora porque rolou o Aurora Eco Fashion, no Estelita porque fazia completo sentido a gente estar no Estelita, no Coque porque estávamos em diálogo com o pessoa do Museu da Beira da Linha do Coque na época, então onde conseguíamos contato,

íamos lá. Eu acho que a única que a gente botou a banca de escolher foi Santa Luzia, mas em geral existia um diálogo aberto a ponto de surgirem sugestões e sobretudo convites, né? pra brincadeira, a do Derby porque foi um diálogo com a Fundaj. Então era mais ou menos escolhido por conta de diálogos estabelecidos pelos membros do coletivo. Zaca tinha contato na Colômbia, então ele queria fazer lá e lá se foi e aí a gente começou também a se inscrever em editais e nesse sentido o coletivo começou a ser mais organizado e a começou a existir uma troca muito poderosa com outros coletivos e outros artistas. Os locais estavam ligados ao tema, a tríade dos conceitos ou até a provocação da falta de algum deles, como no caso do Largo da Batata, em que não havia água porque a cidade estava construída em cima dos seus rios. A falta de mais verde, mais vida, menos concreto. Eu acho que não há perda de significado, eu acho que em cada lugar haviam significados diferentes. Eu achava que tinha menos significado pra mim, por exemplo a Praia do Derby, que eu reconheço que foi muito importante pro coletivo, foi importante para experimentações, entende? Foi uma brincadeira legal, no entanto eu acho que existia aí uma perda de significado se a gente for parar pra entender o porque. Lá no La Greca eu não achava que existia perda de significado porque foi lá onde nasceu, né? Mas depois quando a gente começou a sair desses locais (institucionais) e a aprofundar mais, a gente via que não é porque não tinha significado nas outras, mas é que pelo menos pra mim, as outras praias que foram amadurecendo a medida que também fomos amadurecendo enquanto coletivo, elas tinham um significado muito maior, então as do La Greca pra mim sempre me causavam um certo incômodo depois que a gente já tinha feito algumas fora, mas eu acho que o termo não seja “perda de significado”, eu acho que são provocações distintas e eu acho que eu me empolgava mais quando eram as provocações feitas nas comunidades.

8. Você observou alguma mudança nos locais (após a realização da intervenção) que possa ser relacionada com a vivência proporcionada pela ação?

CC- Hoje em dia não vejo nenhuma mudança física nos locais não. Exceto um na realidade. Eu acho que as praias no Museu Murillo La Greca mostraram um diálogo entre o museu e a margem do rio e eu acho que isso é aproveitado hoje em dia, né? Foi criado (por nós) um espaço nessa margem do rio, que vem sendo aproveitado em algumas intervenções artísticas há alguns anos, então eu acho que nesse lugar tem um legado do Praias porque existe esse diálogo hoje e essa vontade dos artistas de ocupar e essa sugestão do museu de sair do próprio museu e também de

se estender até o outro lado da rua, até a margem. E essa margem que foi desbravada pelo Praias tá sempre sendo usada desde então.

9. Que estratégias eram usadas para chegar nesses lugares e pessoas?

CC – Existia sempre alguma conversa com os líderes das comunidades e com os coletivos que a gente queria se relacionar, né? então toda vez que a gente iniciava um contato novo com algum local físico ou com algum tipo de artista ou de coletivo ou de produtor, a gente ventilava se uma ação do Praias não era possível. E nesse sentido eu acho até que a gente tinha um compromisso de fazer com que as ações do Praias acontecesse cada vez mais e mais. E acho também que cada um, a nível individual, na sua área de atuação profissional, nos seus locais de trabalho, fazia relação com o Praias e levava o Praias pros lugares. Então eu acho que era por aí, a gente sempre estabelecia uma série de contatos anteriores, antes de chegar de fato o local pra fazer a ação. Via de regra essa era a primeira opção. Só no caso de Santa Luzia é que acho que primeiro a gente chegou e depois o contato foi sendo estabelecido a partir das nossas idas lá.

AM - O grupo usava a estratégia do: a gente precisa aprender estratégias para se organizar. Então acho que era o espaço do aprendizado, das trocas e de propor novas cores. Experimentar novas possibilidades de organização para poder se organizar, para poder estar juntos e além de estar junto, conseguir produzir. Então acho que a grande estratégia era buscar estratégias experimentando estratégias e não engessar estratégias como as que gerem todo grupo, né? Dentro das estratégias experimentadas foram experimentadas: reuniões periódicas, e-mails coletivos, grupos em redes sociais, grupo no facebook, no whatsapp, telefonemas, saídas extras, constantes, né? Porque a gente acabou vivendo juntos muito tempo, então, né? Retiros, né? A gente fez um Retiro que foi muito especial, para gravatá e ficamos imersos lá tentando buscar que estratégias seriam as melhores para pensar uma reformulação do Praias. Acho que os próprios editais aprovados também que geram uma imersão e na hora que você está imerso, tanto em Natal, quanto em São Paulo. Quando você está imerso nos lugares, com apenas o pessoal do coletivo, se fala muito do que vem se fazendo, então isso gera aprendizado imenso sobre formas da gente melhorar. Outra estratégia para se organizar é que tem que se pensar em estratégias que dêem algum mínimo suporte financeiro por que um dos grandes pesos de se trabalhar de forma voluntária para a cidade, sei lá, voluntários no geral, né? é como conseguir captar recursos para ter a base mínima para poder o evento, a ação da Praia acontecer. E como conseguir espaços para conseguir recursos financeiros para não só as ações acontecerem, mas pra gente conseguir viver um pouco dessas ações, ter algum retorno dessas ações, o que

aconteceu muito pouco. Foi muito pouco o que a gente conseguiu através dos editais, mas que foi uma grande busca, né? Foi a forma, a estratégia que encontramos de nos organizar, de nos conectarmos com vários outros coletivos do Brasil e de todo o mundo também, uma forma de buscarmos caminhos de nos organizarmos. E aí teve mais um bocado de possibilidades... A gente tentou, experimentou... Workshops, oficinas, vínculos com outras instituições pra poder desenvolver as coisas, mas sempre foi muito fluido e orgânico o fazer do Praias.

10.Qual a recepção do público no momento em que a obra foi realizada? Que reações lhe chamaram atenção? Existe algum registro das reações desse público (fotografias, depoimentos) que te marcaram?

CC – Eu acho que sempre era uma festa. Eu acho que o público sempre tava alegre. A gente sempre procurava trazer atividades novas e divertidas, então eu acho que era legal. As reações que me chamam a atenção sempre são as das crianças e aí eu acho que isso é muito bonito, de chamarmos a atenção delas pro inédito, o inusitado, num local que em outros momentos isso não é permitido. Não são locais onde a felicidade e alegria são permitidas não. E aí eu lembro muito da reação de um garotinho que ficou muito comigo em Santa Luzia, não sei você lembra, e ele tava tão animado, tão animado de viver aquilo, sabe? Eu lembro muito de encontrar outra moradora que eu conheci lá em Santa Luzia, mas eu não lembro mais os nomes do pessoal, e eu a encontrei vendendo água mineral lá na Av. Caxangá e ela perguntou efusivamente: - E aí, quando é que vocês vão de novo? Perguntou algumas vezes... Eu lembro também da reação da senhora que a gente fez parceria pra ficar no espaço dela. Era sempre isso, né? – Quando é que vocês vêm? As pessoas sempre querendo a gente de volta. Essas reações me impactavam. Aí tinha o fato da gente não conseguir dar continuidade as ações no mesmo lugar, né? Fazíamos coisas muito pontuais. E aí hoje em dia quando eu passo por ali onde a gente fez a praia de Santa Luzia e tá tudo ocupado... Poxa tá tudo tão diferente, né? Um pico muito grande de pessoas à margem, literalmente, a margem do rio, pessoas numa situação de vulnerabilidade muito forte e que acabam acontecendo violências muito grandes ali, exatamente naquela área. Então, eu fico me perguntando o que poderia ter sido feito. E durante o tempo que eu fiquei passando constantemente por ali, enquanto trabalhava no museu, e esse era meu trajeto de bike, ficava olhando e sentia uma nostalgia muito forte, um sentimento de que poderia ter sido diferente. Não sei se o Praias tinha fôlego e força pra fazer alguma coisa contínua, até porque a gente nem tinha verba, né? Mas quem poderia? Então, quando eu passo por lá, coisas em mim são provocadas e eu já não tô mais respondendo a pergunta, mas enfim...

AM - Pecamos, mas pecamos por inocência ou sei lá o que, por só lançar a ideia lá, mas não ter conseguido dar continuidade, por conta do tempo, de sobrevivência, de n fatores, pras construções, as prototipagens terem ficado de pé, não terem sido destruídas, mas abriu caminhos também para outros coletivos, como o próprio coletivo Massapê que está trabalhando lá na comunidade. De alguma forma deve ter ficado alguma imagem, alguma referência pra eles terem entrado lá, até porque não é gratuito essas energias trocadas e depois a gente tava muito cansado de fazer produção e paramos um pouco de pensar nos interesses pessoais que motivavam a gente a estar juntos também e começou a ficar repetitivo o processo final.

13. Qual foi a sua participação no Coletivo? Em que momento você passou a fazer parte dele e o que te motivou a isso? E em que momento você saiu e porque?

AM - Depois do workshop da Praia do Derby, várias pessoas entraram no coletivo e várias pessoas entraram na organização desses eventos e começou a surgir as discussões sobre a possibilidade de criar realmente um coletivo, ao invés de ser só um evento, uma plataforma de eventos políticos, educativos e críticos, mas um coletivo que pudesse gerir, movimentar e vislumbrar outras possibilidades e caminhos, muito também buscando os interesses individuais de todos os envolvidos e como esses interesses individuais na coletividade podiam transbordar pra cidade. Acho que o transbordar para a cidade os interesses é uma coisa muito importante e aí criou-se o coletivo, juntando várias pessoas e aí foi aí que de certa forma eu entrei.

AM- E eu sai do Praias, depois de sentir que a gente passou por vários eventos, várias atividades, conseguiu aprovar alguns editais, um edital que pra mim foi fantástico, que eu tava muito envolvido, que foi o do Projeto Rizoma, no edital Arte-Praia, que trabalhamos na Praia da Redinha, um edital produzido pela Casa da Ribeira - Natal - RN. um edital de concorrência nacional e sermos aprovado, isso pra mim foi muito motivador, foi um momento muito bom da minha vida, da minha produção, da minha atividade profissional e de pesquisa também, onde eu tava frenético produzindo e as coisas sendo aprovadas e o ir pra lá, deslocar o coletivo para um outro contexto e também ver a potência da amizade, do carinho, do cuidado, do olhar diferente pros lugares, do olhar igual pros lugares também e aí com isso achei bem potente, bem forte a relação de amizade criada e são essas relações que no fim das contas a gente leva como grande legado também pra vida toda.

AM – (...) a gente tava muito cansado de fazer produção e paramos um pouco de pensar nos interesses pessoais que motivavam a gente a estar juntos também e começou a ficar repetitivo o

processo final e eu pessoalmente não conseguia mais ver criação, motivação minha para criar dentro do processo que não fossem as criações de design gráfico, de convites, de redes sociais etc, mas não o que realmente chacoalhava nos outros momentos que era o chacoalhar dentro do lugar, chacoalhar de forma física, do toque, do olhar, de tudo mais e aí foi cansando um bocado e as demandas pessoais também puxando e aí eu resolvi insistir como colaborador apenas, mas não fazendo parte mais do núcleo duro do coletivo e depois realmente precisei e achei mais digno e mais sábio mesmo pra mim e pra todo mundo, pra amizade, pra vida mesmo, que a gente precisa aprender a dar os pontos finais que é uma grande felicidade de ver o Praias dar um ponto final.

BT - Eu acho que talvez o que fez o coletivo, sei lá, se acabar, por exemplo, foi porque acho que com o tempo, só isso não é suficiente, né? Porque é preciso também algum retorno, né? algo que traga frutos mais concretos, mais palpáveis, né? porque eu acho que a gente sempre ficou trabalhando muito, trabalhando muito pra construir coisas muito efêmeras, né? e no final ter que fazer sempre tudo de novo, sempre tudo de novo é muito desgastante. E eu acho que o que faltou um pouco pro coletivo durar é algo que seja um pouco mais sólido, algum produto mais sólido ao longo dessas... além da memória, né? Eu acho que talvez o sólido seria algo... até uma renovação de sentir que as pessoas também tão tomando parte dessas nossas ações, de eles também fazerem praias e... a apropriação por parte do público seria uma forma de tornar mais sólida essa nossa iniciativa.

14. Qual a sua relação com os demais integrantes do coletivo, antes durante e depois da sua participação?

BT - Eu acho que antes eu só conhecia Bruna, mas era também, bem assim de leve porque tu era só amiga de papai, aí com a vivência do Praias, a gente começou a ficar amigo mesmo, né? Aí acho que todo mundo era uma experiência de trabalho coletivo assim, tão positiva, né? que todo mundo virou muito, tipo irmão, assim, muito amigo e eu acho que também o que sustentava o coletivo também era esse sentimento de coletividade nossa, né? de família, talvez... assim... e parceria. E eu acho que isso permaneceu depois.

BT - Eram conversas. A gente marcava conversas (...)

15. Ao fim e ao cabo, o que ficou pra você de tudo isso? Consegue sintetizar em uma frase, palavra ou imagem?

AM - a intervenção de botar sombrinhas (guarda-sóis) e as cadeiras de praia que são dois elementos muito marcantes do Praias. E aí a cerveja e o caldinho que pra mim também eram muito marcantes.

AM - Quando acabou o workshop eu tava muito envolvido, entrei no workshop para trabalhar como facilitador, representando o escritório de arquitetura que eu fazia parte, que eu era um dos sócios, que é o VAASTU. E aí entrei, participei, gostei bastante do processo, achei muito potente a plataforma de discussão, de imersão no processo criativo também muito forte e vi isso como uma possibilidade de trabalhar minhas criações também e aí esse foi o momento que eu entrei no coletivo, no Praias e já entrei também tentando criar essa história do coletivo, pensando na marca, no que seria a logomarca do Praias, pensando qual seria a próxima ação depois da Praia do derby que já foi muito potente, né? E aí fui sempre buscando minhas intuições e meus desejos também dentro do processo e buscando atrelar também esse desejo ao desejo do coletivo

Considerações finais:

AM- É importante as coisas começarem, se desenvolverem e finalizarem. Essa finalização enquanto exposição, de dissertação de mestrado, pra mim é o trabalho que fecha esse ciclo e por isso pra mim tem uma importância simbólica de todo esse fazer, de todo esse encontro, de todos esses sorrisos trocados, de todas as noites não dormidas, todos esses silks, todos esses cartazes, todas essas trocas de carinho, trocas de conhecimento, todas essas artes trocadas, todas essas danças, todos esses amores, todas essas doações e entregas, acho que é um pouco isso porque quando a gente ama, quando a gente quer, a gente se entrega e acho que a gente fez isso durante todo o processo e faz hoje também, cada um a seu modo, pra fechar esse processo que foi muito lindo pra mim.

14b Qual a relação a sua relação com os demais integrantes do coletivo antes durante e depois da sua participação?

AM - Antes, pouco conhecia. Conhecia Julien, energética em relação ao potencial de fazer que ele demonstrava ter. Isso de alguma forma me atraía a estar perto para fazer também, para botar pra fora um pouco meu processo criativo. E antes ainda eu sabia que eu queria botar a cara pra fora, gritar pro mundo e não sabia como até o dia em que eu cheguei na Fundação Joaquim Nabuco onde Bruna era coordenadora de Artes Visuais e bati lá na porta pra pedir ajuda pra escrever um projeto prum edital. Um projeto que eu achava super simples, mas que me tocava

bastante, que era o projeto 52 +1, um projeto de misturar criança, espaço público e fazer uma exposição na rua, essas coisas assim, uma intervenção também na rua. E aí esse contato que eu tive com Bruna gerou também esse interesse e essa relação mais próxima que me motivou estar no workshop, que me deu motivo para conhecer Bruna que me deu motivo pra ampliar as relações com Julien e após participar do workshop, conhecer mais gente ver mais gente borbulhando e com interesse de botar para fora suas artes, seus desejos, suas vontades de forma coletiva e de forma que conseguisse atrair o potencial do outro para contribuir para as expressões individuais e para as expressões também individuais perante o espaço urbano, né? Que no fim das contas era o grande nó que linkava todos nós, assim. e que linka acho que até hoje assim. Durante o processo de amores a amigos, a irmãos, a dificuldades de relacionamento, a uma grande relação estabelecida como qualquer relação potente de entrega e permissão. E depois, que é o que eu acho que a parte, normalmente assim, a parte que as coisas acabam quando se briga, né? Eu acho que foi diferente desse praxe aí. É o estar não fazendo mais parte do Praias, mas olhar com admiração para cada uma das pessoas envolvidas e com um carinho muito grande assim, com uma gratidão imensa de fazerem parte da minha vida de alguma forma e fazendo parte da minha vida ainda porque quando eu paro para pensar os amigos que eu tenho em Recife, os amigos que quando eu preciso eu quero conversar, os amigos que eu quero tirar uma dúvida, os amigos que gostam de dançar, os amigos que gostam de sorrir, sei lá, muitas vezes ou a grande maioria das vezes, vem o pessoal do Praias e hoje vê cada um crescendo do seu jeito, cada um desenvolvendo seu espaço também e espaços muito lindos. Então isso é para mim um grande legado também deixado pelo coletivo Praias do Capibaribe. E pensar que eram três... Márcio estava envolvido também no começo, nas primeiras praias, mas pensar que eram três embriões e que se transformaram em dez, em vinte... Pessoas que me procuram até hoje para saber, para falar sobre o Praias, né? Ou seja, pessoas que foram tocadas de alguma forma por isso ou querem ser tocadas ainda, né? Acabei de sair aqui de uma co-orientação de TCC via Skype aqui de aluna de Recife, que tem todo esse trabalho de intervenções efêmeras no espaço, que mistura um pouco o que foi o Praias, mistura um pouco o que foi André, o foi todo mundo e é impossível não tá entranhado assim em mim, nessas relações e também dizer a origem, não tem como muito não.

BT - 12 dias de navegação contínua. Eu acho que eu percebi também, foi interessante essa vivência do barco porque eu percebi que ... Teve momentos que eu me senti arrependido de estar lá porque era muito desconfortável, mas esquecia esse arrependimento. Eu acho que eu

percebi também ao mesmo tempo, acho que quando eu tava arrependido, eu percebi que tem coisas que são muito legais quando você tem com quem compartilhar... e aí chegou um momento que eu só queria voltar pra casa porque eu queria falar tudo o que eu tava vivendo ali, sabe? E eu não conseguia compartilhar com as pessoas dali ou se conseguisse, percebi que não era a mesma coisa, né? Porque as pessoas já estão vivendo aquilo. Então queria, sei lá, compartilhar com outras pessoas. Mas, eu acho que o que eu queria dizer era outra coisa, é que eu percebi que a vivência do barco, esse espírito de coletividade que você tem que ter na tripulação de um barco, era também um pouco o que a gente tinha dentro do coletivo do Praias e de vários sistemas criativos assim que deram certo ou não... mas eu acho que o Praias deu certo. Como eu acho que eu descobri que o coletivo era também um barco porque trabalhar em equipe, você sempre tem que saber no que é que você pode ajudar, e no que é que os outros podem ajudar, né? pra que, tipo, dê certo. Você não pode fazer tudo porque senão você se prejudica, não resiste durante muito tempo, né? E consequentemente você também vai prejudicar a sua equipe, seu barco. E no barco também é a mesma coisa, né? Enfim, eu acho que é tudo, são... grupos que dão certo são sempre grupos que... sei lá, mas é isso, eu vi muita semelhança... pra tá no barco a gente tem que trabalhar muito em conjunto pra que ninguém morra... Me perdi. Mas é tipo isso, a ideia era essa assim, eu vi que era muito parecido. Eu tive várias experiências de coletivos artísticos depois do Praias pq tem sempre alguém que é muito individualista, que acaba, sei lá, querendo ser o dono ou ser muito comandante ou não é muito, como eu digo, solidário, não...

APÊNDICE C - MATERIAIS

Materiais produzidos para a exposição Capibaribe Reverso – o dia em que o rio virou [A]MAR:

Texto curatorial:

Amiga querida,

Estava aqui pensando no texto para a exposição, essa mostra das reverberações e afetos gerados pelo coletivo *Praias do Capibaribe*.... Penso que podemos construir esse texto/diálogo conjuntamente, o que acha?

Inicialmente, pensei que o REVERSO poderia se referir ao ponto de partida, ao início, à nascente de tudo isso: me imagino diante dessas imagens que documentam as ações do coletivo, propositoras de momentos efêmeros de potência e desbunde às margens do Capibaribe: sua nascente, seu fluxo, seu desaguar.... Agora percebo que REVERSO aponta também para o contrário, o oposto, para um deslocamento do rio, justamente quando ele se transforma em Praia....penso, então, nas ações do *Praias* como catalisadoras desse dissenso, dessa ruptura necessária e potente: o rio como espaço político, espaço da partilha coletiva.

Estou indo à praia e lendo João Cabral ...Aqui cercada pela Baía de Todos os Santos, tentando me conectar com as águas do Capibaribe...

O que você acha disso tudo?

Vamos conversando....

Amada amiga,

Acho que o diálogo e a colaboração são o espírito do coletivo, dessa exposição e da vida, então nada faz mais sentido do que isso!

Sim, acho que tem essa brincadeira entre os dois sentidos e é importante lembrar que não inventamos a roda! O rio era usado como espaço público e de lazer pela população talvez tanto quanto ou mais que o mar. Por estar mais perto, por sua água doce, útil e necessária a sobrevivência. Durante toda vida, preservado pelos povos originários e até mais de 400 anos

após a chegada dos colonizadores era assim, né? As verdadeiras Praias do Capibaribe aconteciam aí... ;) Em poucas gerações, a revolução industrial deu conta de mudar a relação entre as pessoas, a cidade e o rio, virando as costas pra ele e quase matando-o inteiramente com a poluição de sua águas.

Nossa geração e as vizinhas (os nascidos nas décadas de 70, 80 e 90) são saudosistas de um tempo não vivido por nós, conhecido pelas fotos e pelas histórias contadas por nossos pais e avós. O movimento de resgate dos espaços públicos como espaços políticos e de convivência é o mote e a própria arma de luta pelo direito à cidade, travado por diversos grupos e iniciativas da sociedade civil, concorda?

Nós, o coletivo *Praias do Capibaribe*, somos mais um dentre esses movimentos, crescentes sobretudo na última década. O Capibaribe é um dos maiores, senão o maior dos símbolos da cidade do Recife e está presente no imaginário de todo pernambucano e não só dos recifenses. Retomar esse olhar para ele e para nossa relação com ele é parte fundamental no processo para entender quem somos, de onde viemos, qual a nossa história. Aí reside a potência desse processo de retorno, um desvio que, na verdade, propõe um caminho de volta e por isso, as ações do *Praias do Capibaribe* tenham atraído um público e um engajamento tão expressivos, contaminando e servindo como ponto de partida para outras iniciativas. Enfim, acho que esse Re-verso, pra qualquer lado que ande, no sentido contrário ou para o início, é a imagem da Ouroboros e comerá o próprio rabo. Conseguir contar essa história é tarefa árdua e imprecisa, mas ela precisa ser contada.

Navegar nas palavras de João Cabral nos dá uma dimensão real e profunda desse ser, dessa entidade que é o rio Capibaribe. A Baía é de todos os santos não católicos por certo, de todos os santos tão homens que são os orixás da cosmogonia africana que predomina na Bahia. Certamente que Iemanjá, nessa praia com nome de Rio Vermelho, se encarregará de levar os recados enviados por Nanã desde o mangue dessa manguetown. A palavra oferenda, desse livro de lama que tu lê, está justo posta na página 71 (código de Salvador).

Já deixando o Recife, entro pelos caminhos comuns do mar: entre barcos de longe, sábios de muito viajar...

Sim, Bruna

existe uma dimensão poética (que muitas vezes nos escapa) em tudo isso.... Essas foram as primeiras palavras de João Cabral que li por esses dias:

Os rios que encontro, vão seguindo comigo...

Quantos rios guardamos em nós? Quantas paisagens, quantas cidades...?

Trazendo, então, a discussão para o contexto da cidade: vemos se proliferarem por toda parte condomínios fechados, parques recreativos, espaços públicos vigiados e cerceados (a supressão do espaço público vivo, heterogêneo, aberto a experimentações), construídos e modelados para sociabilidades restritas e segregadoras: parece que o cidadão urbano reforça modos de vida individualistas e espetaculares em escala crescente, concebendo e edificando, também, espaços que são meras áreas de passagem e não de uso... Nesse preâmbulo, vão se tecendo relações cada vez mais superficiais e fragmentadas.... Poderiam, então, os coletivos promoverem outros espaços de convívio e discussão, propondo novos usos para os espaços da cidade?

Outro ponto interessante: As *Praias do Capibaribe* instauram tempos contrários àqueles que ordenam e norteiam o dia-a-dia acelerado das cidades, uma ruptura festiva em meio ao cotidiano automatizado, em que a festa, o lazer e a lentidão, muitas vezes, são vistos como sinônimos de “vagabundagem”. Isso porque, segundo a lógica das sociedades capitalistas neoliberais, o lazer é uma esfera da vida social que se opõe ao trabalho (com sua lógica de produtividade e otimização do tempo). O lazer só é possível, então, no momento em que o indivíduo se vê “liberado” de suas funções e obrigações, quando, na verdade, o lazer e a ludicidade são necessidades humanas fundamentais e atravessam dimensões da vida coletiva em contextos diversos.

O *Praias do Capibaribe* convoca novos espaços de ação na cidade, onde o *viver junto* apresenta-se como uma possibilidade concreta em meio a tantas diferenças e heterogeneidades. Assim, abrem-se frestas e fissuras na maneira usual de experimentarmos o meio urbano....

Vamos, então, continuar seguindo o fluxo dessas águas?

Ludmila Britto e Bruna Pedrosa

Material educativo:

- 1- Água - líquido, fluidez, permeabilidade, transparência, limpeza, chuva, cachoeira, rio, mar, imersão, correnteza.
- 2- Cidade- território, convivência, organização, sociabilidade, caos, deslocamento, trânsito, percurso, movimento, cartografia, identidade. CIDADE – do Latim civitas, originalmente “condição ou direitos de cidadão”, de cives, “homem que vive em cidade”.
- 3- Pessoas- Corpo, movimento, sentimento, subjetividade, interferência, materialidade, composição, transição, transformação, impulso, afetividade, atravessamento, identidade, representatividade.

Perguntas disparadoras:

Água:

Tem água no seu corpo?

Você é transparente?

É possível desenhar o caminho que a água faz no seu corpo? E no seu caminho?

Cidade:

O que é uma cidade?

Existe cidade sem pessoas?

As cidades tem identidades?

Como é a sua cidade?

Pessoas:

As pessoas são materiais?

Como você se transforma na convivência com o outro?

O que é afeto?

Contexto Histórico

2008

Surge no Recife, através de Alice Chhitunda e Julien Ineichen o projeto Eu Quero Nadar no Capibaribe e Você? que tem como principal produto as Cápsulas Verdes, programetes de 3 minutos, que funcionam como pílulas de ânimo, instantes catalisadores de mudanças nas atitudes de cada indivíduo diante do meio em que vive, promovendo reflexões sobre as práticas do dia-a-dia e o Meio Ambiente.

As Cápsulas mostram práticas ecológicas acessíveis a cada cidadão comum. Os temas abordados têm como pano de fundo os desafios de uma cidade sustentável, que busca encontrar alternativas para problemas como gerenciamento da água, saneamento básico, lixo, energia, transporte entre outros.

Esse projeto vem somar a diversas outras iniciativas que discutem e promovem algum tipo de ação em torno do tema Rio Capibaribe, como por exemplo: Movimento Recapibaribe, Projeto Capibaribe Melhor, Projeto Vozes do Capibaribe, entre outros.

É nesse ano também, início da nossa linha do tempo, que antes de concluir seu segundo mandato, o então prefeito da cidade do Recife, João Paulo (PT), aprova a venda do Cais José Estelita através de um leilão ilegal, passando o terreno do Cais, ou seja, a antiga área da Rede Ferroviária Federal (RFFSA) para a posse do consórcio Novo Recife, formado pelas construtoras Moura Dubeux, Queiroz Galvão, GL Empreendimentos e Ara Empreendimentos.

2009

João Paulo encerra seus oito anos de mandato, porém lança, elege e toma posse seu sucessor e ex-secretário do Orçamento Participativo da sua gestão, o prefeito João da Costa.

2010

Um ano difícil de eleições presidenciais após o segundo mandato de Lula como presidente, onde Lula lança Dilma (ex – chefe da Casa Civil), como candidata. A discussão da crise econômica mundial já estava em alta, mas ainda não se sentia de forma contundente no Brasil.

2011

Dilma, a primeira presidente mulher do Brasil toma posse, eleita através do Partido dos Trabalhadores (PT).

Após manter por seis meses o Museu Municipal Murillo La Greca de portas fechadas, a prefeitura do Recife convida Bruna Pedrosa para assumir o cargo de gestora do museu, que reabre suas portas em junho deste ano.

Logo em seguida, em julho, inicialmente através de uma parceria público-privada entre o museu e o Eu Quero Nadar no Capibaribe e Você, surge o coletivo Praias do Capibaribe, que promove a 1ª edição da Praia do La Greca com o lançamento da segunda temporada das Cápsulas Verdes. Posteriormente, organizados como sociedade civil, esse grupo então formado por Julien, Alice, Márcio, Rômulo e Bruna, realizam também uma 2ª edição no Derby, no quintal do IAB (Instituto de Arquitetos do Brasil) e uma 3ª edição na rua da Aurora durante o evento zero do Aurora Eco Fashion.

2012

Em fevereiro deste ano, o consórcio Novo Recife apresenta o projeto imobiliário que pretendia construir 12 torres residenciais e comerciais de alto padrão, com até 40 andares na área do Cais José Estelita, adquirida em 2008. Nesse momento, diversos setores da sociedade civil formado por estudantes, professores, arquitetos, urbanistas e representantes dos mais variados movimentos sociais, se unem para protestar e impedir que esse projeto sem estudos de impactos ambientais e de vizinhança seja aprovado. Assim surge o Movimento Ocupe Estelita, um movimento de luta pelo direito à cidade. e inicia a demolição dos galpões do Cais.

Após 12 anos consecutivos no poder, o PT perde a prefeitura da cidade do Recife, para o candidato do PSB, Geraldo Júlio. Mas antes, faltando três dias para o final da gestão, o CDU (Conselho de Desenvolvimento Urbano) da prefeitura, aprova o Projeto Novo Recife.

O PSB ganha às eleições não só para a Prefeitura da Cidade do Recife, como também para o Governo do Estado de Pernambuco, com o governador Eduardo Campos.

No âmbito federal, a presidente Dilma consegue aprovar o programa de cotas para o ensino superior. Vários programas sociais do governo como o Bolsa Família têm ótima aceitação, mas as discussões em torno do direito a cidade, da construção de um modelo mais sustentável, da falta e necessidade de um transporte público de qualidade seguem firmes e avançam cada vez mais, através do cyber ativismo promovido pelas redes sociais, possibilitando que milhares de pessoas em todo o mundo, se conectem, se organizem e ajam coletivamente.

O Governo do Estado de Pernambuco abre licitação e dá início ao projeto Rios da Gente, tendo como objetivo transformar o rio Capibaribe em uma rota de transporte urbano, com o custo total de R\$ 289 milhões, com recursos do PAC Mobilidade, do Governo Federal.

O Praias do Capibaribe realiza mais 4 edições em parceria com o Museu Murillo La Greca, ampliando seus parceiros e discussões, agregando novos atores, sejam músicos, artistas, arquitetos, moradores da comunidade da Vila do Vintém, cidadãos recifenses e usuários do rio. Surge o grupo **Direitos Urbanos | Recife** da articulação de pessoas interessadas em política e preocupadas com os problemas da cidade do Recife. A partir de um grupo de pessoas que se conheciam offline, o grupo foi se expandindo através das redes sociais e começou a transformar suas preocupações em ação.

A maioria dos integrantes do Praias do Capibaribe passam a tomar parte também nesse grupo, integrando a discussão de importantes pautas do direito à cidade, sendo as mais frequentes: transparência e participação popular, revisão e regulação do Plano Diretor e reorganização da legislação urbanística, planejamento urbano e metropolitano integrado e de longo prazo, valorização do espaço público, revitalização sem gentrificação, proteção das ZEIS e de

comunidades ameaçadas de remoção, deslocamento não-motorizado e planejamento do uso do solo como centro do problema da mobilidade, subsídio e valorização do transporte coletivo como forma de distribuição de renda e de construção de um modelo de mobilidade mais eficiente.

2013

Geraldo Júlio (PSB) toma posse como prefeito da cidade do Recife. Se a gestão do PT sob o slogan: A nossa obra é cuidar das pessoas, aprovou inúmeros projetos que trarão consequências nefastas ao futuro da cidade, imaginem um governo de direita que historicamente está alinhado aos interesses da aristocracia e a um projeto de “desenvolvimento” e “progresso” desenfreados com a única preocupação de manter o poder e a riqueza nas mãos daqueles que sempre os detiveram, sem nenhuma partilha ou participação popular no processo.

Nesse ano, com a mudança de governo da prefeitura, Bruna Pedrosa deixa a gestão do Museu Murillo La Greca para assumir o cargo de Coordenadora de Artes Visuais da Fundação Joaquim Nabuco, órgão pertencente ao Ministério da Educação do Governo Federal e portanto nesse momento a uma gestão do PT. Os integrantes do Praias do Capibaribe se unem a luta pelo Cais José Estelita passando a integrar também o MOE (Movimento Ocupe Estelita) e além de mais 5 edições em parceria com o Museu Murillo La Greca, mais 2 edições em parceria com o evento 1 do Aurora Eco Fashion, realiza também uma edição no Cais José Estelita, junto com diversas outras iniciativas da sociedade civil no evento chamado Ocupe +1.

Uma onda de protestos com pautas diversas de insatisfação em relação aos governos municipais, estaduais e ao governo federal, em tese iniciados pela discussão do aumento das tarifas de ônibus, toma proporções inesperadas e em 20 de junho, cerca de 1,55 milhão de pessoas em mais de 80 diferentes cidades tomam as ruas em todo país, bradando frases como: Vem pra rua! e O gigante acordou!

Em Recife, vai se tornando evidente o projeto de omissão planejada do patrimônio histórico por parte dos governantes. Esse abandono estratégico tira de nós nesse ano, o edifício Caiçara, através da demolição concedida a compradora do terreno, a construtora Rio Ave. Importante construção da década de 30 para a memória urbanística da praia do Pina, da Avenida Boa Viagem e da Cidade do Recife.

O grupo Direitos Urbanos reivindica juridicamente o tombamento do Edifício Caiçara. A mobilização seguinte foi contra um projeto de lei que visava proibir o consumo de álcool nas ruas e limitar o horário de funcionamento de bares como medida de combate à violência. O

D.U. foi da opinião que o projeto trazia um ônus à vivência da cidade, criava uma cidade enclausurada, proibida de frequentar um espaço social importante, reforçando, além disso, alguns hiatos entre classes sociais.

Esta mobilização agregou pessoas em torno do desejo comum de participar mais ativamente das decisões políticas que regulam ou interferem na vida social da cidade do Recife, buscando alternativas de ação quando o interesse da cidade fica esquecido pela representação política formal. Por isso logo ficou claro que aquilo que estava realmente em jogo nas discussões sobre o tal projeto de lei era uma concepção maior de cidade, de política, do tipo de vida que queremos.

A maioria dos integrantes do Praias do Capibaribe passam a tomar parte também nesse grupo, integrando a discussão de importantes pautas do direito à cidade, sendo as mais frequentes: transparência e participação popular, revisão e regulação do Plano Diretor e reorganização da legislação urbanística, planejamento urbano e metropolitano integrado e de longo prazo, valorização do espaço público, revitalização sem gentrificação, proteção das ZEIS e de comunidades ameaçadas de remoção, deslocamento não-motorizado e planejamento do uso do solo como centro do problema da mobilidade, subsídio e valorização do transporte coletivo como forma de distribuição de renda e de construção de um modelo de mobilidade mais eficiente.

O Governo do estado inicia a etapa do projeto Rios de Gente correspondente a construção de sete estações de embarque e de sinalização das rotas do projeto de navegação do Rio Capibaribe, com o custo R\$ 95 milhões, prometendo as sete estações de barcobus prontas em março de 2014.

2014

Ano da Copa do Mundo no Brasil. Todos os elefantes brancos construídos para receber a copa são abandonados após o evento. E se as estações de barcobus não ficaram prontas para receber e impressionar os turistas nesse período, foram abandonadas também.

Eduardo Campos deixa o cargo de governador do estado de Pernambuco para se candidatar a presidência da república, mas não chega ao final da disputa eleitoral, morrendo em um trágico acidente aéreo.

Surge o Parque Capibaribe, um projeto desenvolvido por meio de um convênio entre a Prefeitura da Cidade do Recife, através da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Recife e o INCITI - Pesquisa e Inovação para as Cidades, rede de pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) que prevê um sistema de parques integrados ao longo das duas margens do rio Capibaribe no Recife, totalizando 30km.

O Praias do Capibaribe propõe uma oficina internacional de construção de mobiliário urbano, o workshop Intervenções/Praias do Capibaribe com duração de 13 dias (20.01 a 02.02) e consegue o patrocínio e parceria da Fundação Joaquim Nabuco e do Parque Capibaribe, promovendo também na Fundaj o ciclo de conferências (22, 28 e 31.01):Ciclo de Conferências “O Parque Capibaribe: Olhares cruzados sobre visões e estratégias de produção do Espaço Público”. 1ª conferência:visões de possibilidades de ocupação do espaço. 2ª conferência: fabricações de um artefato urbano. 3ª conferência: avaliação de um espaço público efêmero.

É assim que acontece a maior das ações do coletivo, no dia 02 de fevereiro, dia de Iemanjá, a Praia do Derby.

2015 Em construção

2016 Em construção

2017 Em construção

2018

No mês de janeiro, o Praias do Capibaribe realiza sua última edição, ocupando pela primeira vez o interior de um espaço cultural, a Galeria Janete Costa, no Parque Dona Lindu, equipamento pertencente à Prefeitura do Recife. A convite da curadora Cecília Urioste, o coletivo faz uma intervenção na exposição Oxigênio e outros trabalhos do artista Roberto Vietri. Após essa ação e diversas conversas entre os integrantes do coletivo, não necessariamente todos

juntos ao mesmo tempo, cada um reconhece sua falta de energia, forças e tempo de dedicação para dar continuidade às ações.

O PT perde as eleições presidenciais no Brasil e o nós artistas sentimos que nossas vidas, nossos trabalhos e nosso futuro estão profundamente ameaçados.

2019

O Governo do Estado de Pernambuco promete retomar as obras do Projeto Rios de gente que segue com a previsão abaixo, após 76 milhões gastos e mudanças nas empresas contratadas para a execução das obras: 2 corredores: Oeste e Norte. 13 embarcações. 300 mil passageiros por mês.

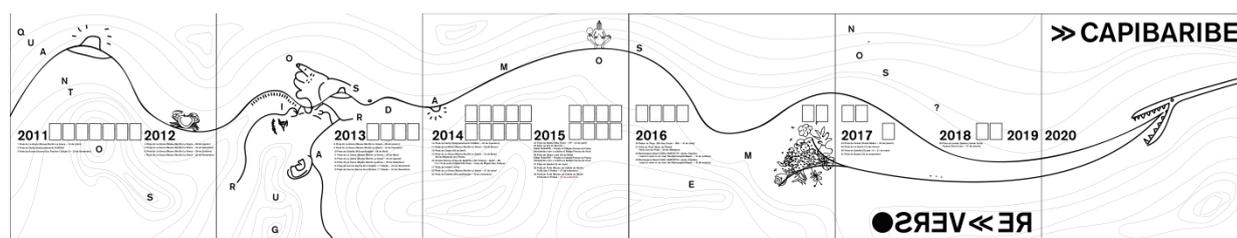
Corredor Oeste - 11km de extensão, correspondente as estações: Dois Irmãos, Santana, Torre, Derby (imediações do Memorial de Medicina, Recife (imediações da Ponte Velha) e Galpão de manutenção (nas imediações do Fórum Joana Bezerra.)

Corredor Norte - 2,9 km de extensão, correspondente as estações: Correios e Tacaruna (Falta aprovação da Marinha).

Fonte: Secretaria das Cidades

A população recifense segue aguardando a promessa de uma melhor mobilidade, através da inclusão do transporte fluvial tão sonhado.

Linha do Tempo



2011

1 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 10 de Julho de 2011)

2 Praia do Derby (Estacionamento FUNDAJ – 2011)

3 Praia da Aurora (Aurora Eco Fashion | Edição 0 – 20 de Novembro de 2011)

2012

4 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 26 de Agosto de 2012)

5 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 30 de Setembro de 2012)

6 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 28 de Outubro de 2012)

7 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 25 de Novembro de 2012)

2013

8 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 26 de Janeiro de 2013)

9 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 24 de Fevereiro de 2013)

10 Praia do Estelita (#OcupeEstelita – 28 de Abril de 2013)

11 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 26 de Maio de 2013)

12 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 25 de Agosto de 2013)

13 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 29 de Setembro de 2013)

14/15 Praia da Aurora (Aurora Eco Fashion | 1ª Edição – 23 e 24 de Novembro de 2013)

2014

16 Praia do Derby (Estacionamento FUNDAJ – 02 de Fevereiro de 2014)

17 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 09 de Março de 2014)

18 Praia do Coque (06 de Abril de 2014)

19 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 24 de Maio de 2014) Dia da Migração dos Peixes

20 Projeto Rizoma (Praia da Redinha e Rio Potengi – Natal – RN – 13 a 16 de junho de 2014)

Edital Arte Praia – Casa da Ribeira Itaú Cultural

21 Praia do Coque (julho de 2014?) – encontrar...

22 Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 27 de julho de 2014)

23 Praia do Estelita (#OcupeEstelita – 16 de novembro de 2014)

2015

24/25 Praia da Batata (São Paulo – SP – 24 de Abril de 2015)

Ação na Ilha do Bororé ()

Edital FUNARTE – Projeto A Cidade Precisa de Praias – Intercâmbio com o coletivo A Batata Precisa de Você

26 Praia de Santa Luzia (03 de Maio de 2015)

Edital FUNARTE – Projeto A Cidade Precisa de Praias – Intercâmbio com o coletivo A Batata Precisa de Você

27 Praia do Baobá (24 de maio de 2015)

28 Praia do Forte (Museu da Cidade do Recife – Forte das Cinco Pontas – 27 de setembro de 2015)

29 Praia do Forte (Museu da Cidade do Recife – Forte das Cinco Pontas – de 2015)

2016

30 Praia do Poço (Poço da Panela – Feira Livre do Poço) - (04 de setembro de 2016)

2017

31 Praia da Virada (Praias do Capibaribe na Virada Maker) – (29 de janeiro de 2017)

32 Praia do La Greca (19 de março de 2017)

33 Praia do Estelita (Ocupe + 5) – (21 de maio de 2017)

34 Praia do Baobá (02 de dezembro de 2017)

2018

35 Praia da Janete (Praias do Capibaribe com Oxigênio) – (27 de janeiro de 2018) – Galeria Janete Costa – Parque Dona Lindu

Em Recife – 9 pontos diferentes da margem do rio

1 edição – Santa Luzia, Poço da Panela, Dona Lindu, Paço Alfândega

3 edições - Cais José Estelita, rua da Aurora

2 edições – Coque, Forte das Cinco Pontas e Jardim do Baobá

14 edições – Museu Murillo La Greca

2 residências artísticas – Natal – RN e São Paulo – SP

Outras experiências:

Colômbia e Quito – André

Rio do Onça – MG – Julien

Publicações:

Zine, Livro didático, catálogo, inúmeras materiais nacionais e internacionais em revistas, jornais, sites, redes sociais, dissertações de mestrado...

1 casamento – Lu e Zaca

1 filho – Benício

ANEXO A - CLIPAGEM

MoMA
The Museum of Modern Art

"the collective aims to re-approximate the population from Pernambuco and the Capibaribe River and its margins, by combining eco-citizenship and playfulness, through arts."

design boom

"helping to raise awareness about water sanitation in the capibaribe river, the 'praia' workshop was created as a place for people to swim, hang-out and party along the river."



"a iniciativa amplia os olhares sobre o rio Capibaribe, as populações ribeirinhas e a apropriação coletiva da cidade e de seus espaços públicos e se expande para todos os espaços coletivos às margens de águas"

veja

"Há shows de bandas regionais, venda de caldinho e caipirinha, passeios de barco e até "piscinas" flutuantes, colocadas sobre a superfície d'água e preenchidas com líquido limpo."



"O objetivo do evento é difundir práticas culturais em espaço público como estratégia de ocupação e transformação da cidade."



"O foco do projeto é unir arte, direitos urbanos e sustentabilidade."



natura

"O Coletivo é um grupo de cidadãos reunidos em prol da melhoria da qualidade socioambiental da vida urbana por meio da vivência dos espaços públicos às margens de água."



"O coletivo propõe uma vivência lúdica sob as águas do Rio Potengi, com uma bolha inflável de plástico, aonde as pessoas podem adentrar e experimentar a paisagem do rio por um novo ponto de vista."

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA

"Criar uma rede de conexões que estimule a difusão de práticas culturais como estratégia de ocupação e transformação das cidades é o objetivo do projeto
"A Cidade Precisa de Praias"



"As piscinas plásticas viraram domínio das crianças, que brincavam e se revezavam. Em volta, os adultos preferiam banho de mangueira e aproveitavam a conveniência da barraquinha montada pelo grupo"

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 10 de Julho de 2011)

08.07.2011- <http://www.dpnet.com.br/nota.asp?materia=20110708152624>

10.07.2011-

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/sociedade/noticia/2011/07/10/zona-norte-ganha-praia-cult-9723.php>

10.07.2011-

<http://www.old.diariodepernambuco.com.br/nota.asp?materia=20110710102323>

10.07.2011-<http://www.nacaocultural.org.br/serie-eu-quero-nadar-no-capibaribe-e-voce-lanca-segunda-temporada>

16.07.2011 -

https://www.facebook.com/murillolagreca/media_set?set=a.1723975794266&type=3

(álbum de fotos no Facebook)

Praia do Derby (Estacionamento FUNDAJ – 2011)

Praia da Aurora (Aurora Eco Fashion | Edição 0 – 20 de Novembro de 2011)

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 26 de Agosto de 2012)

26.08.2012 - <https://www.facebook.com/events/268784513235271/>

27.08.2012 - <http://globo.com/rede-globo/bom-dia-pe/t/edicoes/v/acao-em-museu-no-recife-chama-a-atencao-para-preservacao-e-limpeza-do-rio-capibaribe/2108348/>

29.08.2012

https://www.facebook.com/murillolagreca/media_set?set=a.3310052165184&type=3

(álbum de fotos no Facebook)

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 30 de Setembro de 2012)

29.09.2012

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2012/09/29/internas_viver,399375/evento-transforma-beira-do-rio-capibaribe-em-praia.shtml

30.09.2012 - <https://www.facebook.com/events/262856693817481/>

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 28 de Outubro de 2012)

28.10.2012 - <https://www.facebook.com/events/296727433773240/>

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 25 de Novembro de 2012)

10.10.2012 - <http://portalfloresnoar.com/floresnoar/domingo-25-de-novembro-e-dia-de-praia-do-la-greca/>

22.11.2012 - <http://dicasmiudas.com.br/domingo-e-dia-de-praia-no-museu/?p=915>

25.11.2012 - <https://www.facebook.com/events/432363300158965/>

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 26 de Janeiro de 2013)

21.01.2013-

<http://www.youtube.com/watch?v=6o5Enys8jU&list=UUFCgsvDjJsOMw417UTDMEVw>

26.01.2013 - <https://www.facebook.com/events/404011886342635/>

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 24 de Fevereiro de 2013)

18.02.2013

<http://www.youtube.com/watch?v=7LMLzX0pw0o&list=UUFCgsvDjJsOMw417UTDMEVw>

Vw

24.02.2013 - <https://www.facebook.com/events/482440731803753/>

Praia do Capibaribe (#OcupeEstelita – 28 de Abril de 2013)

25.04.2013 -

http://www.pernambuco.com/app/noticia/turismo/45,30,46,15/2013/04/25/interna_turismo,435903/cinco-lugares-para-voce-conhecer-no-recife.shtml

26.04.2013 - <http://capibaribe.info/2013/04/este-domingo-28-de-abril-praia-no-cais-jose-estelita-1/>

28.04.2013 - <http://feest.com.br/prazia-do-capibaribe-recife-pe-28-04>

28.04.2013 - <https://www.facebook.com/events/304959352968511/>

29.04.2013 -

http://onordeste.com/blogs/index.php?titulo=Cinco+lugares+para+voc%C3%AA+conhecer+no+Recife¬id=11197&id_user=26

17.05.2013 - <http://capibaribe.info/2013/05/todas-as-fotos-da-praia-do-estelita-ocupe1/>

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 26 de Maio de 2013)

17.05.2013 - <http://capibaribe.info/2013/05/planeje-seu-mergulho-no-capibaribe/>

20.05.2013 - <http://www.youtube.com/watch?v=sUFjZwvPPLc>

21.05.2013 - <http://capibaribe.info/2013/05/este-domingo-26-de-maio-nova-praia-no-la-greca/>

26.05.2013 - <https://www.facebook.com/events/554621251248003/>

30.05.2013 - <http://capibaribe.info/2013/05/fotos-praia-de-maio/>

30.05.2013 -

<http://www.youtube.com/watch?v=HhduOUqp228&list=UUFCgsvDjJsOMw417UTDMEVw>

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 25 de Agosto de 2013)

18.08.2013 - <http://capibaribe.info/2013/08/prazia-do-la-greca-xi-edicao/>

21.08.2013 - <http://www.youtube.com/watch?v=CcPHOXp-kg&list=UUFCgsvDjJsOMw417UTDMEVw>

25.08.2013 - <https://www.facebook.com/events/367456760049861/>

26.08.2013 - <http://capibaribe.info/2013/08/fotos-da-praia-de-agosto/>

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 29 de Setembro de 2013)

29.09.2013 - <https://www.facebook.com/events/367456760049861/>

Praia da Aurora (Aurora Eco Fashion | 1ª Edição – 23 e 24 de Novembro de 2013)

20.11.2013 - <http://modainvitro.wordpress.com/2013/11/20/aurora-eco-fashion->

2013-dia-do-capibaribe-e-muito-mais/

23.11.2013 - <https://www.facebook.com/events/617378944985264/>

06.12.2013 - <http://capibaribe.info/2013/12/o-show-de-bolha-na-praia-da-aurora/>

12.2013 - <http://capibaribe.info/2013/12/workshop-intervencoes-praias-do-capibaribe/>

Praia do Derby (Estacionamento FUNDAJ – 02 de Fevereiro de 2014)

09.02.2013 - <http://capibaribe.info/2014/02/praias-do-capibaribe/>

12.02.2014 -

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/cienciamambiente/noticia/2014/02/12/projeto-praias-do-capibaribe-aproxima-recifenses-da-natureza-117424.phpbr>

12.02.2014-<http://capibaribe.info/2014/02/as-praias-do-capibaribe-no-jornal-do-commercio/>

07.03.2014 - <http://vimeo.com/88449547>

Praia do La Greca (Museu Murillo La Greca – 09 de Março de 2014)

06.03.2014

http://www.pernambuco.com/app/noticia/turismo/45,30,46,15/2014/03/06/interna_turismo,492539/praias-e-esporte-de-prancha-com-remo-redescobrem-o-lazer-no-rio-capibaribe.shtml

09.03.2014 - http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2014/03/09/interna_vidaurbana,493067/capibaribe-a-nova-praia-do-recife.shtml

09.03.2014 - <http://www.leiaja.com/noticias/2014/03/09/projeto-convida-recifenses-se-aproximarem-do-capibaribe/>

10.03.2014 - http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2014/03/10/interna_vidaurbana,493165/deu-praia-no-capibaribe.shtml

10.03.2014 - <http://www.youtube.com/watch?v=nzJ24yPtKyU#aid=P-kNVQQAjC>

Praia do Coque (06 de Abril de 2014)

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2014/04/05/interna_vidaurbana,497821/projeto-leva-domingo-de-praia-ao-coque.shtml

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/04/05/chegar-a-praia-pelas-aguas-do-capibaribe->

[Praia do Derby Workshop FUNDAJ - Parque Capibaribe](http://123944.phphttp://folhape.com.br/edicaodigital/2014/abril/07/files-2013-04-07/assets/basic-html/index.html#24http://www.revistacontinente.com.br/index.php/component/content/article/42-noticias/8796-praia-do-coque-acontece-no-proximo-domingo.htmlhttp://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/04/no-recife-projeto-transforme-beira-do-capibaribe-em-praia.htmlhttp://tvtpe.tv.br/noticias/praias-do-capibaribe-chegam-ao-coque-em-sua-18a-edicao/http://www.pe.gov.br/blog/2014/04/04/praias-do-capibaribe-chegam-ao-coque-em-sua-18-edicao/http://www.fotoarena.com.br/busca/index/t/Praia+do+Coque+Recife+06-04-2014/?ide=23214http://catracalivre.com.br/recife/cidadania/gratis/projeto-praias-do-capibaribe-monta-guarda-sois-no-bairro-do-coque/http://catracalivre.com.br/recife/tag/praias-do-coque/http://www.cliptvnews.com.br/mma/amplia.php?id_noticia=49494http://www.celiafontinele.com.br/noticia/No-Recife-projeto-transforma-a-beira-do-Capibaribe-em-praia_2858.htmlhttp://www.portaldolink.com.br/Noticia/382244/no-recife-projeto-transforma-a-beira-do-capibaribe-em-praiahttp://sosriodosbrasil.blogspot.com.br/2014/04/no-recife-projeto-praias-do-capibaribe.htmlhttp://www1.leiaja.com/tags/praias-do-capibaribehttp://www.achixclip.com.br/noticia/25171773/ultimas-noticias/chegar-a-praia-pelas-aguas-do-capibaribe/http://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2014/04/09/criadores-ingleses-circulam-pela-cidade/http://brazil.news.voxquo.com/noticia-detalle-media.asp?id=1131057&t=No-Recife-projeto-transforma-a-beira-do-Capibaribe-em-praiahttp://www.topgyn.com.br/home/permalink/192926.htmlhttp://damatarevistadamanha.blogspot.com.br/2014/04/pernambuco_7.htmlhttp://compartilherecife.com.br/o-que-fazer/compartilhe-indica-o-que-fazer/83-praia-no-coque-sim-e-e-domingohttp://www.maisporarte.com/2014/04/hoje-tem-praia.html
</p>
</div>
<div data-bbox=)

<https://www.youtube.com/watch?v=zaeRy4ikoa4>

TV PE - Aniversário de Recife e Olinda

<https://www.youtube.com/watch?v=l6KWtiuZByY&feature=youtu.be>

TV CLUBE Projeto Praia do Capibaribe PE no Ar 10 03 14

<https://www.youtube.com/watch?v=fs6Amj3X0kw>

Praia do La Greca

<https://www.youtube.com/watch?v=CcPHOXxp-kg>

Reportagem da TV GLOBO sobre a Praia do La Greca

<https://www.youtube.com/watch?v=MheW8zWxScc>

2014 03 08 PRAIA DO LA GRECA - PLANOS FIXOS

<https://www.youtube.com/watch?v=C2WO5d5oZjM&feature=youtu.be>

Vídeo 1 min. Residência A Cidade Precisa de Praias / SP

<https://vimeo.com/134877888>

Vídeo 1 min. Residência A Cidade Precisa de Praias / Recife

<https://vimeo.com/134880587>

Videodoc de registro 5min.

<https://vimeo.com/134742383>

Vídeo Roda de Conversa em SP – Valorização do patrimônio imaterial, história da região e processo de gentrificação (1h16)

<https://www.youtube.com/watch?v=JxnD79L7O2I&feature=youtu.be>

Video Roda de Conversa em Recife – Tecnologias sociais de ocupação do espaço público (1h)

<https://www.youtube.com/watch?v=FaD4Hr9lsHE>